

UNIVERSIDADE FEDERAL DO DELTA DO PARNAÍBA
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS DA EDUCAÇÃO E DESPORTO
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA

CARLIANE DE JESUS SOUZA
DILIANE NASCIMENTO DE OLIVEIRA

**A trajetória de mães universitárias: as vivências de estudantes do curso de
Pedagogia (UFDPAr) e suas intercessões com o percurso educacional de seus
filhos.**

PARNAÍBA
2021

CARLIANE DE JESUS SOUZA
DILIANE NASCIMENTO DE OLIVEIRA

A trajetória de mães universitárias: as vivências de estudantes do curso de Pedagogia (UFDPAr) e suas intercessões com o percurso educacional de seus filhos.

Monografia apresentada ao Curso de Graduação de Licenciatura em Pedagogia do Campus Parnaíba da Universidade Federal do Delta do Parnaíba, como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciatura em Pedagogia.

Orientador: Prof.º Dr. Samuel Pires de Melo

PARNAÍBA
2021

FICHA CATALOGRÁFICA
Universidade Federal do Delta do Parnaíba
Biblioteca Prof. Cândido Athayde
Serviço de Processamento Técnico

S725t Souza, Carliane de Jesus

A trajetória de mães universitárias: as vivências de estudantes do curso de pedagogia (UFDPAr) e suas intercessões com o percurso educacional de seus filhos [recurso eletrônico] / Carliane de Jesus Souza, Diliane Nascimento de Oliveira. – 2021.

1 Arquivo em PDF

Monografia (Licenciatura em Pedagogia) - Universidade Federal do Delta do Parnaíba, 2021.

Orientação: Prof. Dr. Samuel Pires Melo.

1. Mulheres. 2. Universidades. 3. Formação Educativas. 4. Maternidade.
I. Título.

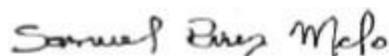
CDD: 378.008 6

CARLIANE DE JESUS SOUZA
DILIANE NASCIMENTO DE OLIVEIRA

Monografia apresentada à Universidade Federal do Delta do Parnaíba, como pré-requisito para obtenção do Título de Licenciado em Pedagogia, sob a orientação do professor Dr. Samuel Pires Melo.

Aprovada em: 26 / 01 / 2021

BANCA EXAMINADORA



Prof.º Dr. Samuel Pires Melo
Professor da UFDPAr
Orientador

Prof.ª Dra. Edmara de Castro Pinto
Professora da UFDPAr
Examinadora

Prof.º MSc. Lucivando Ribeiro Martins
Professor da UESPI
Examinador

Dedico esse trabalho ao meu filho Levi, que ele possa ver a trajetória de várias estudantes mães, assim como eu fui, se inspirando para que seja um homem que lute contra as opressões e, principalmente, entendendo que a luta deve ser de todas, todos e todes pelas conquistas das mulheres na sociedade.
(Carlíane de Jesus)

Dedico este trabalho primeiramente a Deus, meu porto seguro, à minha mãe, Ivanilda Capistrano, minha base, amiga constante e incondicional. Ao meu esposo, João Bosco, meu amigo e companheiro fiel. E ao meu amado filho, João Fernando, minha vida e minha inspiração. (Diliane Oliveira)

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todas as mulheres que participaram de alguma forma no meu processo de crescimento e amadurecimento para que eu me tornasse o que sou hoje. À minha vó Florinda, que como uma flor, perfumou meus caminhos, mas sempre mostrando os espinhos da vida, sendo a minha primeira referência feminina. Saudades e a benção...

A minha mãe Val que segurou minha mão e de minha irmã Carlivane desde de sempre, lutando contra as imposições do patriarcado e sendo tão boa como vó e mãe, sendo tão presente na minha vida mesmo que eu seja alguém tão difícil de lidar. Obrigada por me fazer existir. Ao meu pai José Carlos, que por mais opressor que tivesse sido, nunca desistiu da minha educação escolar, investindo no meu futuro e acreditando em que eu pudesse chegar até aqui, escrevendo a última linha dessa trajetória, porém acreditando que não seja a última e, sim, a primeira de muitas outras. Obrigada por tanto apoio e amor pelo seu neto nas inúmeras vezes em que estive com ele na universidade para me auxiliar quando mais precisei. Ao meu filho Levi, que me impulsionou a continuar no processo acadêmico e que me ajuda a me manter viva apesar das dores e angústias decorrentes de tantas coisas... Obrigada, filho, e uma vida longa a você de muitos aprendizados!

Obrigado ao pai do meu filho que apesar das divergências sempre me incentivou e acreditou que eu pudesse chegar aonde estou.

Obrigada imensamente ao professor Samuel, que contribuiu não somente como docente, mas como ouvinte em momentos particulares que necessitei ser acolhida. Por ter aceitado e abraçado a temática desse trabalho acadêmico mostrando confiança, atenção e admiração pelo o que realizamos. E como esquecer que em sala de aula recebeu a mim e ao Levi com tanto carinho e compreensão. Obrigada por tanto, obrigada por me ajudar e enxergar o ser professor através da sua essência, vendo que é algo além do profissional, mas do humano. Levarei isso para minha vida de docente. Estarás sempre no meu coração.

Agradeço ao professor Lucivando que também sempre foi alguém tão afetuoso comigo e com meu filho, e por ter mostrado a iniciativa do NAE (Núcleo de Assistência Estudantil) no que tange o grupo das mães que estava começando a surgir, me enchendo de orgulho e de esperança para que outras mulheres que tem filhos como eu pudessem seguir com dignidade a vida acadêmica, influenciando diretamente para esse TCC surgisse. À você muito amor e obrigada!

Agradeço a grande oportunidade que a professora Edmara me deu, possibilitando falar abertamente no auditório da universidade sobre o projeto das mães, o GAMA (Grupo de apoio

a mães e gestante universitárias) dando uma enorme visibilidade e encorajando várias estudantes. Meu muito obrigada! Que você continue sendo uma ponte para outras mais, sendo uma mulher que impulsiona outras.

Diliane, agradeço por me permitir encarar essa jornada de esforço e aprendizado juntamente com você que também é mãe e compartilha com os mesmos dilemas que eu enfrento. Sua calma e leveza me inspiraram imensamente. Você vai longe! Sei que tudo o que vivenciamos foi de uma importância muito grande em nossas vidas. Obrigada pela parceria e por acreditar que conseguiríamos.

Agradeço ao NAE pela oportunidade de estar em contato com outras mães universitárias e pensar em possibilidades para dar visibilidade a mulheres que tanto já sofreram, ou que desistiram da vida acadêmica pela falta de incentivo da universidade. A vocês, não nos esqueçam, somos muitas e vamos conseguir! A alguns outros professores e minha turma pela receptividade e empatia em todos os momentos em que precisei levar meu filho para o ambiente acadêmico. Vocês são peças importantes na minha trajetória. Obrigada de verdade!

Dedico aos meus poucos amigos e amigas que tenho e que conseguiram estar comigo até aqui, nessa etapa da minha vida. Anne, Lorena, Rivanna e Elton, obrigada pela amizade e palavras de encorajamento para que eu não desistisse e obrigada mais ainda por não terem desistido de mim. Muitos anos mais a todos nós para que possamos compartilhar nossas histórias, sejam elas alegres ou tristes. Adoro vocês.

Todas as mulheres que tive contato nesses 4 anos e meio de curso (em especial Luana e Milena Dutra) que me ensinaram cada dia a ser um pouco melhor e ser mais paciente comigo mesma. Espero que essa pesquisa, e muitas outras que virão sirva para que as próximas estudantes que estarão em busca dos seus objetivos não desistam e lutem. Hoje estamos saindo, mas a porta está aberta, entrem, ocupem espaços e não se calem.

E, por fim, agradeço a mim pela coragem e persistência em continuar seguindo caminhos que tantas outras ficaram para trás, não que isso seja motivo de orgulho, mas que só assim eu pude perceber que somos cerceadas pela sociedade, nos taxando constantemente de fracas e incapazes. Todas essas vivências me proporcionaram ter me tornado uma mulher mais confiante e cheia de esperança.

Obrigada!!!

Carliane de Jesus Souza

Entrar no ensino superior sempre foi um sonho, que por algum tempo foi adiado, por diversos motivos, entre eles, a condição de tornar-me mãe. Em 2013 engravidei e logo em seguida consegui entrar no curso de Pedagogia, porém após o nascimento do meu filho, acabei desistindo, pois me deparei com uma rotina muito cansativa e achei que não poderia dar o meu melhor naquele momento. Em 2016 resolvi que era a hora de retomar os estudos, novamente fiz o ENEM, passei, e atualmente estou concluindo o curso de Pedagogia, defendendo uma tese que estou vivenciando. Durante esses cinco anos passei por muitas adversidades na tentativa de conciliar minha rotina de mãe e universitária, muitas delas consegui superar, e por isso sou muito grata.

Eu agradeço primeiramente a meu Deus, meu refúgio e minha fortaleza, presente em todos os momentos de minha vida. Sou grata por seu amor e cuidado, por ser meu guia, especialmente nesses últimos cinco anos, nos quais me deparei por momentos desafiadores na procura de concluir cada período do curso de pedagogia.

Agradeço a minha querida mãe, Ivanilda, por seu apoio incondicional. Por todas as vezes que ficou com meu filho enquanto eu estava na universidade, pelas vezes que precisou deixar e buscar ele na escola, por ir às reuniões que eu não podia comparecer. Por me entender, me apoiar e incentivar, mesmo sem entender ao certo o que eu estava fazendo. Admiro-a de forma imensurável pela mulher que és, nunca se deixou subestimar por ninguém, principalmente pelo machismo da sociedade. Sempre foi uma mulher de fibra que encarou sua realidade e me mostra todos os dias que precisamos de tão pouco para sermos felizes.

Agradeço também ao meu esposo, João Bosco, que foi mais que um parceiro. Sempre me apoiou, incentivou e esteve do meu lado. Ele viu de perto minhas angústias e minhas alegrias, minhas noites em claro e meus dias floridos. Agradeço por sua compreensão e por sua ajuda em muitos trabalhos, comprando almoço feito, fazendo faxina em casa, cuidando do nosso filho, atividades que sempre fez e que foram mais intensas nesses anos em que estive na universidade. Agradeço por seu apoio emocional, físico e financeiro.

Externo também meus agradecimentos a meu filho João Fernando. Quando iniciei o curso de pedagogia ele tinha apenas 2 anos. Foi um grande desafio ter que deixá-lo na casa das avós, mas foi preciso, pois se decidi continuar os estudos foi por ele, para que ele veja em mim um exemplo a seguir. As vezes que pensei em desistir, foi pensando nele, mas quando resolvia continuar também era nele que eu pensava. Ao mesmo tempo que me sentia culpada por não ter tempo para acompanhá-lo em todos os momentos em que precisava de mim, eu me sentia uma guerreira por estar buscando condições melhores de vida através dos estudos. Agradeço e

ao mesmo tempo peço perdão, por não ter conseguido entrar na universidade antes de ser mãe, sei que um dia ele compreender melhor minha trajetória e sentirá muito orgulho.

Sou grata aos meus familiares, aos de longe e aos de perto, que de certa forma sabiam da minha luta e torciam para que eu conseguisse concluir o curso. Aos meus irmãos, Disnê, Josias, Gedilson e Denise. Agradeço a minha sogra, Maria de Jesus, e minhas cunhadas, Adriane e Alexandra que me apoiaram, entenderam e ajudaram, principalmente em relação ao meu filho, pois sempre estavam à disposição para ficar com ele enquanto eu estudava.

Agradeço aos meus irmãos em Cristo que sempre torceram por mim, se preocuparam com minha ausência da igreja, mas nunca me julgaram, pelo contrário, entenderam e oraram para que eu tivesse sucesso durante o curso.

Quero agradecer ao corpo docente que fez parte da minha trajetória acadêmica. A cada um, que sabendo ou não das minhas dificuldades, foram cordiais comigo. Por eu ser uma pessoa retraída, tímida, deixei muitas vezes de participar, dialogar e dar meu posicionamento nas aulas, mas acredito que todos os professores compreendiam meu jeito de ser e nunca fui prejudicada por isso. Agradeço imensamente a todos. Em especial ao professor Cleidivan, pois me senti bastante acolhida por ele, no que se refere à minha condição e rotina de mãe. Agradeço também ao professor Lucivando, que foi um motivador na escolha da temática dessa pesquisa, nunca vou esquecer um conselho que ele deu, no qual ele dizia que nosso objeto de pesquisa deveria ser algo vivenciado por nós, e que tivéssemos o prazer de estudar e escrever sobre ele.

Agradeço ao curso de Pedagogia que me proporcionou, através dos excelentes docentes, conhecimento e capacitação para eu ser a melhor profissional que eu quiser ser. Agradeço à Universidade que me acolheu enquanto aluna, tornando-se uma extensão da minha casa, a todos os profissionais, que de alguma maneira fizeram parte da minha vida.

Quero deixar meu agradecimento mais que especial a meu orientador, professor Dr. Samuel Pires Melo, que aceitou o desafio e acreditou na temática da pesquisa, nunca mediu esforços para nos orientar, apesar de ser bastante ocupado e ter muitos outros orientandos, sempre foi muito atencioso, flexível e aberto aos nossos posicionamentos. Agradeço também por ele relevar meu jeito tímido de ser, e sempre ter tido paciência, como professor e orientador.

Quero externar meus agradecimentos à banca examinadora, não poderia ser diferente a escolha, professor MSc Lucivando Ribeiro Martins por fazer parte do início da pesquisa e professora Dra. Edmara de Castro Pinto, pelo respaldo teórico que possui, sobre temáticas que envolvem este estudo, assim como professor Lucivando também o possui.

Quero agradecer também às cinco mães universitárias que fizeram parte desse estudo, que contribuíram com suas histórias de vida através dos seus relatos, que prontamente aceitaram

nosso convite e falaram abertamente sobre assuntos sensíveis, que normalmente a sociedade se recusa a questionar.

Agradeço aos colegas de turma, que querendo ou não, fizeram parte de minha vida durante esses últimos cinco anos, alguns com certeza, sempre farão. Levarei todos no coração eternamente.

Quero agradecer à minha “parceira de TCC”, Carliane, que foi um suporte muito forte durante a realização dessa pesquisa, muito esforçada, preocupada e determinada. Admiro-a pela estudante, mãe e pessoa que é.

Em fim agradeço a todos, que direta ou indiretamente, fizeram parte da realização desse sonho. Salmo 111 “Dou graças ao Eterno com tudo que tenho”.

Diliane Nascimento de Oliveira

“Eu não sou livre enquanto alguma mulher não o for, mesmo quando as correntes dela forem muito diferentes das minhas.”

Audre Lorde, autora caribenha-americana

RESUMO

A pesquisa tem como proposta central analisar a trajetória de mulheres mães estudantes do curso de Pedagogia da Universidade Federal do Delta do Parnaíba na formação educativa de seus filhos e as estratégias por elas usadas para superar os obstáculos desses desafios. Nossa investigação também se dará através da visão sociológica pertencente aos pensamentos críticos de Bernard Lahire, que produzem uma revisão aprofundada tanto teoricamente como de maneira metodológica sobre as teorias de Pierre Bourdieu, permitindo contribuir mais adequadamente para a aproximação de certas vivências individuais e o como essas são afetadas a partir do meio social em que os sujeitos estão inseridos. O referencial teórico, que reúne conceitos embaixadores da pesquisa, trazendo aspectos sócio-histórico-culturais sobre a mulher, emergindo as teorias de Simone Beauvoir e Maria Amélia Teles. Além disso, o aprofundamento no que se refere às questões maternas concomitante à sua entrada no ensino superior e o ser educadora trazendo várias problemáticas em torno dos mesmos a fim de nos aproximarmos dos ideais dessa pesquisa. Os resultados e discussão da presente pesquisa foram analisados a partir de quatro perspectivas das narrativas de mães universitárias: primeiramente o contexto histórico-social e familiar; o segundo tema abordado trata-se da vida materna e universitária dessa mulher; a terceira temática traz reflexões sobre o patriarcado e sua influência no cotidiano feminino; a quarta e última temática envolve o papel na formação educativa dos filhos enquanto licenciandas de Pedagogia. Concluímos que, a sociedade precisa encarar essas mulheres como seres potentes e que precisam ser levados em conta suas subjetividades e particularidades para que possam ter uma vida mais digna e que certos estereótipos precisam ser quebrados para que haja uma equidade entre os gêneros em que essa figura feminina são sinta tão sobrecarregada. É preciso que sua rede de apoio contribua efetivamente no que diz respeito a tantas jornadas que essa mulher enfrenta no seu cotidiano e que a universidade contribua para o desenvolvimento de ações afirmativas em prol dessa estudante que tem o direito de permanecer no curso de graduação de maneira integral.

Palavras-chaves: Mulheres. Maternidade. Universidade. Formação educativa.

ABSTRACT

A research has as its central proposal, analysis of a trajectory of women mothers students of the Pedagogy course at the Federal University of Delta do Parnaíba in the educational formation of their children and the strategies used by them to overcome the reasoning problems. Our investigation is also carried out through the sociological view pertaining to Bernard Lahire's ignored thoughts, which completes and in-depth review both theoretically and methodologically about Pierre Bourdieu's theories, making it possible to better contribute to a relationship of individual experiences and how they are affected from the social environment in which the subjects are inserted. The theoretical framework, which brings together the basic concepts of the research, bringing socio-historical and cultural aspects about women, emerging the theories of Simone Beauvoir and Maria Amélia Teles. In addition, the deepening with regard to maternal issues concomitant to their entry into higher education and being an educator bringing several issues around them in order to approach the ideals of this research. The results and discussion of the present research were published from four perspectives of the narratives of university mothers: first, the historical-social and Family context; the second theme addressed is this woman's maternal and university life; the third theme brings reflections on patriarchy and its influence on women's daily lives; the fourth and final theme involves the role in the educational training of children as undergraduate Pedagogy students. We conclude that, Society needs to face these women as potent beings and that they need to be taken into account their subjectivities and particularities in order to have a more dignified life and that certain stereotypes need to be broken so that there is an equity between the sexes in which this female figure are feel so overwhelmed. It is necessary that her support network makes a real contribution with regard to the many journeys that this woman faces in her daily life and that a university contributes to the development of affirmative actions in favor of this student who has the right to remain in the undergraduate course in a way integral.

Keywords: Women. Maternity. University. Educational training.

LISTA DE QUADROS

Quadro 01 : Perfil das entrevistadas da pesquisa	36
--	----

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	14
1. TEORIZANDO OS ENREDOS SOBRE A MULHER EM SOCIEDADE.....	20
1.1. O feminino e suas adversidades na vida em sociedade.....	20
1.2. As privações e diferenciações por conta do gênero	22
1.3. Amor de mãe? A percepção dos sentimentos em torno da figura materna.....	25
1.4. O entrelace entre ser mãe e educadora.....	26
2. METODOLOGIA	30
2.1. Desbravando as trajetórias dessas mulheres	32
3. NARRATIVAS DE MÃES UNIVESITÁRIAS	35
3.1. Contexto histórico-social e familiar	37
3.2. Vida materna e universitária de mulheres estudantes	45
3.2.1. Maternidade X Universidade	49
3.2.2. Enfrentamento dos obstáculos	64
3.2.3. Rede de apoio	67
3.3. Patriarcado e sua influência no cotidiano feminino	70
3.4. A formação educativa dos filhos pelas licenciandas de Pedagogia	84
3.4.1. A função do ser pedagoga.....	94
CONSIDERAÇÕES FINAIS	100
REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS	102
APÊNDICE A -TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	107
APÊNDICE B - ROTEIRO DE ENTREVISTA	111

INTRODUÇÃO

O papel da mulher na sociedade, ao longo dos anos, tem se reconstruído, ou seja, quando falamos sobre seu papel na sociedade, pensamos em muitas trajetórias, lutas e desafios que foram enfrentados e continuam sendo atualmente. O modo como o gênero feminino é visto tem se modificado, e a busca por ampliar essa visão cresce cada vez mais.

Sabemos que hoje, a mulher conquistou seu espaço, principalmente quando o assunto é o mercado de trabalho. Porém consideramos que ter um lugar não é sinônimo de igualdade ou equidade em relação aos homens. Ela precisa travar uma luta constante, mostrar sempre sua capacidade e disponibilidade para com os que a cercam, ou seja, ter seu espaço não é garantia de permanência, pois ela vai continuar enfrentando preconceitos e continuamente tendo que provar sua capacidade. A desvantagem para a classe feminina sempre foi explícita, e a relação patriarcal que perpetuamente ela foi submetida, ainda se faz presente em nossa sociedade, às vezes de modo mais camuflado, porém existente em muitas famílias.

Infelizmente não estamos muito longe de uma época em que as mulheres tiveram seu espaço resumido ao lar e à família, onde o direito ao estudo era limitado, assim como o mercado de trabalho, onde era bem específico o trabalho do homem e da mulher, e as condições salariais desiguais. Não tinham o direito ao voto e muito menos se envolver na política. Ela era vista como o sexo frágil, mais vulnerável, incapaz de exercer profissões, a não ser as que a sociedade, culturalmente assimilou como profissões femininas, como doméstica, por exemplo. Quando não se encaixava nos padrões da sociedade, ela era vista como desonrada, e simplesmente não era aceita, pois o preconceito era muito grande. Não bastava ser do lar, era preciso ser recatada, uma boa esposa e mãe de família, ser submissa ao esposo e aos seus desejos. Por muito tempo as mulheres aguentaram caladas e quietas inúmeros tipos de violência, psicológica, física e emocional, sem outra opção de vida, opressões por parte da sociedade, do marido e até mesmo da religião, que de certa forma contribuiu para formar a figura desejável e aceitável de uma boa mulher.

Através das muitas lutas que as mulheres travaram em prol de garantir seus direitos e em busca de condições justas de trabalho e igualdade salarial, hoje podemos afirmar que grandes passos foram dados, e que ela vem conquistando espaços cada vez maiores dentro da sociedade, se tornando a maioria em muitos deles, como por exemplo o espaço universitário.

Por muito tempo a universidade teve um público específico, a maioria homens, brancos, oriundos de escola particular e com boas condições financeiras. Nos últimos anos, esse cenário

mudou bastante, devido a vários fatores: ascensão da mulher na sociedade, aumento das políticas públicas para alunos oriundos de escola pública e de baixa renda, cotas raciais, entre outros fatores. Fato é que hoje o ensino superior recebe estudantes de várias classes sociais e faixas etárias diferentes, e as mulheres são maioria em vários cursos, dentre eles, Pedagogia.

A luta das mulheres para ter o direito de estar dentro de uma sala de uma aula, desfrutando dos mesmos direitos que os homens, foi uma luta travada vagarosamente. Para se chegar às condições que temos hoje, os direitos tiveram que ser conquistados lentamente e podemos afirmar que a luta ainda não terminou. Essa entrada na universidade é marcada por grandes desafios, visto que cada uma carrega sua subjetividade e sua própria história. Por mais que tenham adquirido direitos antes negados, ela continua sendo alvo da sociedade como a principal responsável por manter o lar e a família em organização, continua sendo cobrada para ser uma boa esposa submissa ao marido e que se dedica totalmente aos filhos. E o que temos visto são mulheres que, por não terem outra opção ou por desejo próprio, não abrem mão de um direito em detrimento de outro, ou seja, se tornam mães e buscam um estudo universitário.

Um curso universitário é marcado por muitos desafios. Os estudantes que ingressam no ensino superior passam a enfrentar uma rotina de estudos mais profunda, com muitas leituras, pesquisas, congressos, artigos, estágios etc. são atividades que ocupam boa parte do tempo do estudante que deseja concluir o curso com uma boa bagagem de conhecimento. É preciso tempo, disponibilidade e dedicação, requisitos esses que determinados públicos não têm, dentre eles as mães universitárias.

A mãe ou gestante universitária passa por muitos desafios que outros estudantes não enfrentam. A maioria dessas mães já são casadas, não dependem mais dos pais e têm uma rotina exausta que é intercalada entre os cuidados com a casa, com o esposo, com o trabalho e com os filhos. Quando elas se deparam com a demanda da universidade, muitas acabam desistindo, por não conseguirem conciliar a rotina dos estudos com a rotina de mãe. As que conseguem concluir o curso, geralmente contam com alguma rede de apoio, ou precisam se dedicar bastante, a ponto de adoecerem física e psicologicamente.

Podemos afirmar que há um agravante para essa mãe universitária quando nos referimos às que têm filhos em idade escolar e cursam Pedagogia. Durante muito tempo o curso de Pedagogia foi visto como unicamente para a formação de professor. Hoje sabe-se que o pedagogo pode atuar em vários ambientes, porém a visão do pedagogo à sala de aula e aos cuidados com crianças ainda é muito forte para a sociedade. Quando uma mulher, que é mãe de uma criança em idade escolar, decide cursar Pedagogia, há uma cobrança por parte dos que a cercam e por parte dela mesmo para que seu filho seja educado da melhor maneira possível. A

criança não pode ter dificuldades na leitura, na escrita, na fala, visto que tem uma mãe que estuda exclusivamente para trabalhar com essas dificuldades e não é aceitável que ela tenha um filho com algum tipo de atraso. Infelizmente isso é mais comum do que se imagina. Quando essa estudante se vê dentro desse contexto, onde ela tem que lidar com suas ocupações e cuidados com a casa, companheiro, trabalho, filhos e a educação escolar deles, com a rotina da universidade e ela se depara sem ou com uma insatisfatória rede de apoio, ela passa a ter que buscar meios para não desistir, porém é muito difícil essa mãe universitária permanecer no curso sem algum apoio, seja por parte da família, amigos ou da universidade, para garantir bons resultados.

O espaço universitário deve ser um ambiente que não somente deve acolher essa mãe estudante, mas deve garantir sua permanência, afim de que ela consiga concluir o curso com um bom aprendizado. Ocorre dessas mulheres levarem suas crianças para a sala de aula, por diversos motivos, e sabemos que o ambiente da sala de aula não é propício para crianças, sejam bebês ou crianças maiores, porém sem outra alternativa, não têm outra escolha, sendo expostas e expondo seus filhos a alguns constrangimentos, diretos e indiretos, e olhares de julgamento por parte dos colegas e de professores.

Hoje a universidade já dispõe de políticas de ajuda de apoio e permanência para as mulheres gestantes e mães, porém ainda não são suficientes e não atende a todas que precisam. Sabemos que são muitas as demandas em relação a esse grupo de estudantes, porém é preciso que se tenha um olhar mais sensível, que seja visto de perto as necessidades pelas quais elas passam, objetivando o desenvolvimento de projetos que busquem a melhoria da relação entre a mãe universitária e a mãe educadora, para que de certa forma se encontre um equilíbrio e uma melhor maneira de conciliar essas rotinas.

Este estudo partiu da reflexão da nossa própria trajetória enquanto graduandas, autoras dessa pesquisa, do curso de Pedagogia da Universidade Federal do Delta do Parnaíba, as quais enfrentamos diversos obstáculos durante o curso, uma por já ser mãe de uma criança de 2 anos ao adentrar na universidade, e a outra por iniciar o curso ainda gestante. Ambas tiveram que passar por conflitos de ordem familiar, psíquica, emocional, física, financeira, universitária, entre outros, que foram cruciais na relação estabelecida entre as diversas faces de uma mulher que é mãe e universitária. Ao longo da formação tivemos que nos adaptar às diferentes fases que seus filhos passaram, entre essas fases, o início da escolarização e alfabetização, um processo normal pelo qual as crianças e pais passam, porém para uma mãe estudante de Pedagogia torna-se mais complexo, drama este vivido pelas graduandas, as quais tiraram dessa vivência muitas experiências, pois estão concluindo o curso com sucesso, perdendo e ganhando

algumas “batalhas” diárias, porém mostrando que é possível e que essa situação pode tornar-se menos sofrida e desgastante tanto para as mães quanto para os filhos, se elas forem vistas de acordo com suas realidades.

Através dessas nossas experiências, como também de outras mães universitárias, foram incentivados grupos de estudos no NAE (Núcleo de Apoio Estudantil), resultando na criação e desenvolvimento do projeto GAMA (Grupos de Apoio à Mães e Gestantes Universitárias) criado em 2017, que objetiva contribuir para que as mães universitárias encontrem meios de conseguirem conciliar a vida acadêmica com a maternidade. Encontros com as mães universitárias de diversos cursos passaram a ser realizados, à priori seriam quinzenalmente, em seguida, seriam de acordo com a disponibilidades da maioria das mães, abordando várias temáticas que levassem essas mulheres a encontrarem soluções juntamente com os demais setores da Universidade Federal do Delta do Parnaíba. Os encontros promoviam palestras e discussões sobre vários temas, dentre eles a educação escolar dos filhos e como as mães administram essa situação sem prejudicar o seu desempenho acadêmico e a formação educativa das suas crianças que estão em período escolar.

Da realização do projeto GAMA, em parceria com o NAE, surgiu a primeira etapa do projeto de pesquisa, o qual resultou na realização da presente pesquisa, a qual justifica-se na busca por um estudo mais detalhado sobre o assunto, possibilitando o entendimento das estratégias pensadas para melhor conciliar as responsabilidades de estudante universitária com as responsabilidades de mãe, principalmente no que se refere ao acompanhamento escolar dos filhos, pois os mesmos estão em processo de alfabetização, ou seja, estão numa fase em que o acompanhamento dos pais em casa durante as tarefas é fundamental para que consiga um melhor aproveitamento escolar sem muitos traumas. Os estudos à respeito dessa temática ainda são poucos, quando se fala no assunto, é muitas vezes algo muito generalizado, de maneira bem superficial, ou às vezes contemplando um lugar e pessoas específicas. É muito importante que mais pesquisas sejam realizadas dentro dessa temática, estudos com maior profundidade em que esse grupo específico, mães universitárias dos cursos de Pedagogia, sejam objeto de pesquisa, onde elas possam ser ouvidas, compreendidas, e que resulte na revisão de pensamentos e políticas sobre o acesso e a permanência desse grupo de estudantes dentro da universidade.

Assim, delimitam-se as seguintes questões de pesquisa: Como essa mulher consegue conciliar sua rotina de estudante de Pedagogia com a rotina de mãe que precisa educar seus filhos e como ocorre esse processo educacional? Quais as maiores dificuldades encontradas durante esse percurso? Como ela consegue romper essas barreiras? De quem e quais apoios ela

encontra enquanto mulher estudante de Pedagogia na formação educativa de seus filhos? São esses e outros questionamentos que embasam nossa pesquisa, considerando a subjetividade da história de cinco mães universitárias, e de seus filhos, com idades entre 3 e 13 anos, conhecendo profundamente os percalços que cada uma galgou e os desafios atuais que enfrentam na conciliação de suas responsabilidades como mãe, universitária e educadora. Para tanto nos utilizamos da pesquisa qualitativa, com entrevistas semiestruturadas, embasadas nas ideias de Bernard Lahire, que nos permitem uma análise sociológica mais profunda e individual das entrevistadas. Tendo por objetivo

Tendo por conjectura a trajetória das mães universitárias da Universidade Federal do Delta do Parnaíba- UFDPAr, do curso de Pedagogia, levantamos a hipótese de que é visível a dificuldade na permanência das mesmas no ambiente acadêmico, além de ser uma interferência no processo educativo escolar dos filhos. Essas mulheres, que estão inseridas na área da educação, encontram desafios na vida acadêmica, por ter que conciliar seus estudos, e na sua vida pessoal, quando não conseguem se dedicar aos filhos.

A pesquisa tem como proposta central analisar a trajetória de mulheres mães estudantes do curso de Pedagogia da Universidade Federal do Delta do Parnaíba na formação educativa de seus filhos e as estratégias por elas usadas para superar os obstáculos desses desafios. Para isso especificamos outros objetivos, são eles: traçar o perfil socioeconômico dessas mães estudantes; mapear o perfil familiar dessas graduandas; identificar os grupos sociais de maior proximidade dessas mulheres na sua formação superior; perceber as relações entre os grupos sociais de maior proximidade com essas mães universitárias na sua formação superior; identificar as dificuldades enfrentadas no processo de formação educacional dos seus filhos e como as mesmas procuram solucioná-los; pesquisar alternativas que busquem a melhoria da relação entre a mãe universitária e seus filhos em idade escolar; descrever a função do pedagogo elencando aspectos importantes ao que se refere a área formativa ao ser professor, e como isso influencia no acompanhamento educacional de crianças com mães em processo de formação acadêmica.

Os resultados e discussão da presente pesquisa foram analisados a partir de quatro perspectivas através das narrativas de estudantes que são mães: primeiramente o contexto histórico-social e familiar; o segundo tema abordado trata-se da vida materna e universitária dessa mulher; a terceira temática traz reflexões sobre o patriarcado e sua influência no cotidiano feminino, temas como machismo, violência de gênero, relacionamento abusivo, dependência emocional e financeira, controle sobre a mulher nas atividades sociais e domésticas são abordados na discussão; a quarta e última temática envolve o papel na formação educativa dos

filhos enquanto licenciandas de Pedagogia, no qual procuramos refletir sobre o peso da responsabilidade dessa mãe, enquanto estudante de Pedagogia, na educação escolar dos seus filhos, bem como as interferências positivas e negativas do curso nesse processo educativo.

A relevância dessa pesquisa se justifica na procura por refletir sobre as trajetórias das mães universitárias, os desafios por elas enfrentados na conciliação de sua rotina de estudante e mãe de uma criança em processo escolar. A leitura se faz necessário para alunos e professores para que os mesmos possam ter um olhar mais sensível pra esse grupo de mães estudantes, compreendendo melhor os desafios pelos quais elas passam e tendo a oportunidade de refletir suas ações em busca de mais empatia. Através desse estudo esperamos que outras mulheres possam se inspirar nessas histórias de luta e superação, sabendo que elas não estão sozinhas e que é possível desenhar uma trajetória de sucesso em meio às dificuldades encontradas na procura do equilíbrio entre a rotina de mãe, universitária e educadora.

A fim de trazer uma melhor organização e desenvolvimento de ideias, o presente trabalho reúne, além desta introdução, mais quatro seções: Referencial Teórico, que reúne conceitos embasadores da pesquisa, trazendo aspectos sócio-histórico-culturais sobre a mulher, com aprofundamento no que se refere às questões maternas concomitante à sua entrada no ensino superior e o ser educadora; Metodologia; Análise e discussão dos resultados foram a partir das narrativas de mães universitárias; e Considerações Finais.

1. TEORIZANDO OS ENREDOS SOBRE A MULHER EM SOCIEDADE

1.1.O feminino e suas adversidades na vida em sociedade

Os jovens, a cada dia que passa almejam ultrapassar obstáculos em busca de seus sonhos, sejam eles no trabalho, na família, enfim, sempre na conquista da liberdade e independência no mundo em que estão inseridos. Na maioria das vezes é apresentada uma sociedade para essa juventude de maneira negativa e preconceituosa, pois o meio social em que vivemos não sabe dar significados e importância aos jovens e juventudes. Para Reguillo:

Os jovens escapam à definição fechada, homogeneizadora, light que o discurso dominante difunde através de seus centros difusores e resiste à normatividade estatal. Para além da diversidade, o que aqui importa destacar é que talvez a juventude seja, como assinalou Freixas (1993), uma metáfora da mudança social. Uma chamada de atenção, sinal vermelho que nos obriga a repensar muitas das certezas construídas. (REGUILLO, 2003, p.115).

Esses desejos se tornam um pouco mais difíceis quando se está em um meio social que privilegia uns em detrimento de outros, gerando assim uma desigualdade que é histórica. Quando nos referimos a isso, estamos falando de uma juventude que é negra, pobre, periférica, homossexual, gorda e feminina. Certos preconceitos acabam por dificultar a trajetória desses sujeitos que muitas vezes são impedidos de progredir por apresentarem essas características.

Diante disso, existe um grupo de jovens em especial que vêm lutando para superar as dificuldades que enfrentam devido aos percalços encontrados por uma sociedade machista e patriarcal. A juventude feminina hoje vem lutando e resistindo contra todas as formas de discriminação e inferiorização na qual são submetidas mesmo com alguns avanços atrelados à grupos feministas.

“Ninguém nasce mulher: torna-se mulher” (BEAUVOIR, 1980). É preciso compreender que o ser mulher na sociedade é derivado de uma construção do meio em que existimos e crescemos, através dos relacionamentos com os demais sujeitos dependendo de cada lugar onde estão inseridos e de seus processos de vida por qual passam, logo o lugar que cada um vai ocupar serão definidos a partir dos valores, princípios e normas embutidas nas categorias feminino/masculino (BEAUVOIR, 1980; SCOTT, 1995, 1998; MATOS, 2008).

Essa mulher, ao longo da história, de fato vem conquistando cada vez mais espaços em nossa sociedade, pois essas estão lutando, como dito anteriormente, por seus direitos através desses movimentos feministas que vem ganhando visibilidade e apoio por inúmeras mulheres de diferentes contextos sociais. Segundo Melo (2013):

[...] o dia 8 de março é um marco na luta pelos direitos das mulheres ao redor do mundo. Se fosse possível retroceder no tempo e contar para um cidadão do começo do século XX que as mulheres, hoje, votam, têm média de escolaridade maior que a dos homens, governa países e estão inseridas amplamente no mercado de trabalho, talvez o sujeito não acreditasse no relato.

No entanto, mesmo que essa mulher de antigamente e do século XXI tenham conseguido transformar sua realidade com lutas incansáveis, é de extrema importância trazer à memória suas dificuldades e sofrimentos vividos por tanto tempo em nosso contexto social, econômico e cultural. Compreender que desde sempre ela vem sendo tratada em situação de submissão, por mais sutil que seja, causando um processo brutal, que acaba por impedir a própria vontade de viver dignamente. Segundo Teles:

Ninguém é oprimido, explorado e discriminando porque quer. Uma ideologia patriarcal e machista tem negado à mulher o seu desenvolvimento pleno, omitindo a sua contribuição histórica. A mulher não é apenas a metade da população e mãe de toda a humanidade. É um ser social, criativo e inovador. (TELES, 2017, p. 21)

O feminismo é um movimento político que está a cada dia ganhando mais força, que busca a libertação que prescindem da “igualdade” para afirmar a diferença, compreendida não como desigualdade ou complementaridade, mas como ascensão histórica da própria identidade feminina. Porém, no século passado, o “emancipacionismo” ganhava destaque, esse conceito buscava a igualdade de direitos, mantida na esfera dos valores masculinos, implicitamente reconhecidos e aceitos. Podemos destacar atualmente que a mídia é a principal ferramenta dessa disseminação de informações e ideias a respeito desse movimento, mesmo que muitos, incluindo as próprias mulheres sejam contrárias a ele por falta de um conhecimento maior sobre a causa. Em relação ao feminismo em questão, Toneli e Maluf (2011, p17), afirma que “a luta feminista pela igualdade de direitos foi de grande relevância”.

Em se tratando da diversidade cultural brasileira, ela é imensa, mas em relação ao contexto que envolve gêneros, é notável as diferenças entre os gêneros masculino e feminino. Podemos começar a destacar algo bastante marcante e um dos problemas historicamente enfrentados por essas mulheres desde muito tempo em nossa sociedade, que é a cultura do machismo, a qual está fortemente enraizada e fazendo com que muitas delas se sintam discriminadas e impotentes para desempenhar tarefas diversas em relação aos homens, ficando claro a desigualdade entre os gêneros. A partir de tal problema, constrói-se, assim, um desprezo pelo sexo oposto pelas manifestações históricas de diferença de gênero. Do livro O progresso das mulheres no Brasil 2003-2010, Barsted e Pitanguy (2011 p. 07)

O Brasil continua sendo um país violentamente desigual. Ao mesmo tempo em que o governo estabelece novas metas de superação da pobreza e das persistentes desigualdades de gênero, raça e etnia, as mulheres continuam a carregar os fardos da pobreza, desigualdade e da violência.

O movimento feminista no Brasil promove uma luta constante de combate à violência doméstica, que mesmo com legislações punitivas existentes contra os vários tipos de violência são crescentes as ocorrências: o estudo de gênero também se coloca como tema de grande importância, assim como os movimentos históricos e culturais das mulheres do país, que trouxeram muitas contribuições.

Mas, apesar da notoriedade desses grupos feministas, ainda há muita resistência por parte de mulheres e homens que não compreendem o real sentido da causa, achando que ela, a mulher, quer sobressair-se sobre os homens, quando na verdade o feminismo propõe a equidade entre os gêneros e sexos. Assim o feminismo busca criar condições para que ambos tenham oportunidades na sociedade, sem que um possa inferiorizar o outro.

Antes de todas as ações de opressão existentes, a submissão e subordinação das mulheres é enxergada como precursora na sociedade. Nesse sentido, o patriarcado ganha espaço e contornos como sendo dominante fruto de uma organização social. Para Weber (1964) essa organização social gira em torno do patriarca no seio doméstico.

Chama-se patriarcalismo a situação na qual, dentro de uma associação, na maioria das vezes fundamentalmente econômica e familiar, a dominação é exercida (normalmente) por uma só pessoa, de acordo com determinadas regras hereditárias fixas (WEBER, 1964, p.184).

Dito isto, no ambiente doméstico é onde o patriarcado ganha notoriedade através dessa autoridade masculina e determina a divisão sexual do trabalho, em que as mulheres se dedicassem aos trabalhos do lar e reprodutivos (privadas), enquanto os homens, atividades fora do lar e produtivas (públicas) (WEBER, 1964).

1.2. As privações e diferenciações por conta do gênero

Em décadas anteriores, as mulheres eram ensinadas a ter um comportamento que as obrigavam a seguir uma educação que priorizava os cuidados da casa, afastando-as da vida urbana na qual lhe proporcionaria oportunidades em outras esferas sociais que não fosse exclusivamente as tarefas domésticas; isso era imposto desde crianças a essas mulheres.

Além das privações de circular em espaços públicos, nas quais os homens tinham total liberdade, os locais que a figura feminina podia andar se restringia às igrejas e outros ambientes

que proporcionavam atividades religiosas. A religião, nesse sentido, sempre teve uma forte influência nos comportamentos femininos em várias épocas “ditando hábitos e costumes, normatizando corpos e esculpindo mentes, organizando, assim, uma escala axiológica que rege comportamentos e modela uma teia inconsútil nas relações entre homens e mulheres” (ALMEIDA, 2007, p.15).

Durante 327 anos, a mulher branca, negra, indígena e de qualquer idade era impedida de buscar nos estudos um meio de sobrevivência ou, apenas um direito na qual poderia ser garantido, direito esse exclusivo aos homens. A mulher deveria ter uma postura de um ser puro e que era somente destinada aos mandos masculinos, servindo apenas para o casamento e a maternidade.

Em se tratando das condições e oportunidades que são obtidas de maneira distintas entre homens e mulheres na sociedade, é de grande relevância também ter conhecimento como as mesmas, historicamente, vem conquistando espaços na área da educação.

Somente no século XIX, de forma discreta, as mulheres ricas conseguiram se inserir em colégios e, só apenas em 1827 que o ensino público e gratuito foi aprovado em todo Brasil. Mesmo com esse avanço as desigualdades de gênero continuaram, pois, as mudanças aconteciam há passos lentos, ainda com forte influência da cultura patriarcal que era bastante presente nos contextos sociais fazendo com que os homens ainda tivessem maior espaço na educação até no nível superior. Hoje as pesquisas mostram que há um público maior de jovens do gênero feminino nas escolas do que do gênero masculino. O interesse por uma educação de nível superior de boa qualidade é também de grande interesse tanto para homens como para mulheres.

Sabendo disso, a busca por uma boa qualificação, e boa qualidade de vida é a luta constante de muitos jovens e adultos. E essa luta começa muito cedo, quando o jovem procura ingressar no ambiente da universidade objetivando uma formação que lhe conceda base teórica e prática a fim de que seja um bom profissional no mercado de trabalho, ou seja, a busca pelo conhecimento “é a base do desenvolvimento científico e tecnológico e que este é que está criando o dinamismo das sociedades atuais” (BRASIL, 2000, p. 33). Porém esse caminho é marcado por diversos obstáculos, os quais todo estudante quando adentra na universidade, teoricamente, deve passar, pois trata-se de uma rotina diferente, marcada por cobranças, Coulon (2008) afirma que,

a entrada dos estudantes na universidade envolve uma passagem, ou seja, um processo de transição para um novo status: universitário(a). Significa dizer que esta posição não é alcançada de uma só vez, ao contrário, deve ser conquistada mediante uma série de aprendizados, assim como do enfrentamento de situações

institucionais e pessoais que se configuram diferentes para cada estudante, embora guardem algumas semelhanças.

Porém essas dificuldades, que variam de estudante para estudante, podem ser agravadas quando nos referimos à estudante que desempenha o papel de mãe, ou que está em processo gestacional. A rotina difícil da universidade, com resenhas, leituras, projetos, trabalhos, provas, não podem ser desvinculadas das tarefas da mulher mãe universitária.

Ao contrário, as tarefas relacionadas à posição de estudante universitária participam do cotidiano doméstico da jovem, e se cruzam com as demandas de sua criança, dialogando, não sem conflitos, com a posição de mãe. Decorrem, então, desse difícil processo, os muitos desafios que enfrenta quando tenta conciliar universidade e maternagem. (URPIA, SAMPAIO, 2011, p. 158)

É uma tarefa muito difícil para a mulher, visto que, embora tenhamos evoluído bastante ao longo da história, infelizmente ainda estamos inseridos numa sociedade machista e egoísta, onde o cuidado com um filho exige muito mais da mãe do que do pai, e “que associam mulher a cuidados parentais e tarefas domésticas” (COULON, 2008).

Segundo Coulon (p. 159, 2008) a rotina universitária dessas estudantes “é marcada por várias interrupções: trancamentos, abandonos e faltas”. É preciso que se tenha um olhar mais crítico quanto à permanência dessa aluna, e que a universidade tenha políticas de permanência de maneira que garanta acessibilidade e equidade dos seus direitos quanto aos demais alunos, proporcionando além do apoio financeiro, psicológico e emocional, um olhar mais sensível e flexível por parte de alguns professores, os quais por falta dessa sensibilidade acabam não levando em consideração a rotina por qual uma mãe/gestante passa. Muitas vezes não levando em conta até os seus direitos já garantidos, como por exemplo, os direitos da gestante que segundo a Lei de Nº 6.202 sancionada em 17 de abril de 1975, “atribui à estudante em estado de gestação o regime de exercícios domiciliares, instituído pelo Decreto-lei nº 1.044, de 1969, e dá outras providências” (BRASIL, 2016). A lei estipula um período de três meses de licença: do oitavo mês de gravidez ao segundo pós-parto. O projeto de lei da Câmara nº 12, de 2018 apresentado pelo ex deputado Jean Willys (PSOL-RJ) “amplia esse período para até seis meses de afastamento, do oitavo mês de gestação ao quinto após o parto (...) a ampliação do afastamento deve estar vinculada à amamentação.” (REZENDE, 2018). Apesar de alguns direitos já garantidos, alguns professores continuam percebendo essa discente como possibilitada de realizar todas as atividades, sem nenhuma adaptação das mesmas.

Relatando sobre como essa mulher passa a ser considerada objeto da sociedade onde a mesma é vista não apenas como um ser em desvantagem aos homens, mas tendo obrigações distintas que a reduzem na maioria das vezes como uma figura maternal. Portanto, é preciso entender certos conceitos e entendimentos no que tange a essa problemática histórica.

1.3. Amor de mãe? A percepção dos sentimentos em torno da figura materna

É imprescindível entender que o sentido de infância variou bastante ao longo do tempo. Depois dos séculos XVI e XVII quando a criança deixa de ser vista como um adulto em miniatura, passou-se a entender que essa criança, necessitava de outros cuidados e proteção e deveria estar inserido também em um processo formativo e, que, a família se tornaria como a mantenedora do zelar e do educar em relação a esse ser. Essa nova percepção fez com que as famílias tivessem outros comportamentos com seus filhos, tratando-os com mais apego e sentimento, tendo responsabilidade e passando a denominá-los com nomes próprios e se preocupando também com a higiene dos mesmos, algo antes impossível de acontecer pois os pequenos eram entregues às amas de leite que pouco cuidavam deles pelas péssimas condições de vida.

De acordo com Badinter (op.cit.) o amor de mãe (materno) é creditado a partir das evoluções sociais, própria da civilização ocidental, um sentimento não pertencente à figura feminina. Como dito anteriormente, e baseado em seus estudos, vários documentos mostram que na França dos séculos XVII e XVIII as crianças ficavam com às amas, logo após o parto, na intenção de sobreviverem fisicamente devido aos cuidados dessas mulheres. A criança não era bem vista pela família, “os cuidados, a atenção e a fadiga que um bebê representa no lar nem sempre parecem agradar os pais.” (BADINTER, 1985; p. 64).

Durante o movimento higienista dedicou-se inserir cuidados de higiene no ambiente familiar. Ao longo do tempo, a mulher estava sempre associada à doenças, sendo o ser mais frágil e assim fez com que a figura masculina entendesse como perigosa a convivência com ela. Devido a isso, a mulher ficou estigmatizada por conta desse fator patologizante que foi criado. O corpo feminino foi considerado para os médicos alvo para os processos de higienização e, assim, exercendo poder sobre ele. Assim, devido ao instinto materno, a mulher foi designada aos cuidados da família por meio dessa higienização.

Portanto, a noção de mãe teve uma forte ligação aos processos que garantiam essas mães como salvadoras da maternidade e cuidadora da infância dessas crianças, “a mãe com a consciência em paz, orgulhosa por ter sabido cumprir religiosamente seu dever materno , pôde

então entregar-se a todas as outras distrações que lhe agradem, e todos admirarão sua coragem, dedicação e verdadeiro amor materno.” (COSTA, Maio 1886; p. 67).

Ou seja, essas imposições à mulher, tendo como papel de serem obrigadas e culpabilizadas para desempenharem a maternidade, surgiu desde o século XVIII. Através de gerações esses pensamentos de que a figura feminina é associada à maternidade são atribuídos e faz com que essa mãe procure sempre com muito esforço e devoção manter os cuidados e a sobrevivência dos seus filhos, esquecendo muitas das vezes de seu próprio bem-estar para que seja a famigerada “boa mãe”. “O amor materno não é inerente às mulheres. ‘É adicional.’” (BADINTER, 1985; p. 367)

Por conta das imposições decorrentes desse instinto materno que lhes foi empregado, era frequente assimilar as mães à figura de uma santa, pois ambas eram vistas como sujeitos que se sacrificavam e se mantinham reclusas. Esse modo de definir a mulher na sociedade desde aquela época fez acreditar um benefício e uma grande honraria. Esse movimento também contribuiu para que o dever da mãe fosse de educar seus filhos, sendo a única que poderia lidar com essa realidade, além do dever moral de ser mãe.

Com a chegada do capitalismo a maternidade passou a ter novos contornos. Gradwohl, Osis e Makuch (2014) falam que com a industrialização e suas faces divide-se em esfera pública e privada o ambiente familiar, garantindo que somente os pais cuidem e protejam os seus filhos ficou mais presente.

1.4. O entrelace entre ser mãe e educadora

No âmbito do magistério, se tornou como algo próprio da mulher primeiramente no final do século XIX, com o fortalecimento da República. Na época se desejava uma sociedade que ganhasse contornos progressistas, enxergavam através de uma ótica de que a escola, a qual educa não de maneira sistematizada, mas com intuito de cuidar, amar e domesticar os sujeitos. Esse pensamento se arrastou por décadas até depois da proclamação, colocando a figura feminina como responsáveis em educar as crianças também baseado em valores morais. A partir disso, se solidifica a expressão mulher-mãe-professora, aquela que protege, que é capaz de ensinar de maneira amorosa as crianças inocentes e fragilizadas.

Na época do colonialismo as meninas eram educadas em casa e eram direcionadas as normas sociais que impediam que as mulheres tivessem outros lugares na sociedade. Esses comportamentos foram presentes na época colonial, durante o Império e se arrastaram durante os anos republicanos. A educação que era disponível para meninos e meninas, não era igual

para ambos. Os ensinamentos dados para as mulheres eram sobre a maternidade, cuidados do lar e do esposo. Já os homens poderiam ter uma educação de maior liberdade pensando nos espaços urbanos.

Durante o século XX, foi possível a mulher finalmente adentrar ao mercado de trabalho, mesmo que de forma discreta, e instruir seria uma possibilidade para sair do ambiente familiar e traçar novos caminhos sem abdicar totalmente dos cuidados do lar e dos filhos. Nessa perspectiva, o magistério surge como a continuação da educação dos filhos, entrelaçado em uma combinação de professora dedicada, bem como uma chefe do lar amorosa. Dessa maneira, seria nesse espaço que a mulher desempenharia seus dotes e aprendizados próprios à elas que são referentes ao doméstico, onde desenvolve qualidades como: tranquilidade, paciência, educação e sensibilidade.

Para Louro (1997):

(...) se a maternidade é, de fato, o seu destino primordial, o magistério passa a ser representado também como uma forma extensiva da maternidade. Em outras palavras, cada aluno ou aluna deveria ser visto como um filho ou filha espiritual. A docência assim não subverteria a função feminina fundamental, ao contrário, poderia ampliá-la ou sublimá-la.

Esses discursos fomentam o ideário de uma mulher-professora e seu ambiente de trabalho, questões essas que produzem uma imagem de docentes e futuras professoras do Brasil. Portanto Chartier (1990) considera:

Não são de forma alguma discursos neutros: produzem estratégias e práticas (sociais, escolares, políticas) que tendem a impor uma autoridade à custa de outros, por elas menosprezados, a legitimar um projeto reformador ou a justificar, para os próprios indivíduos, as suas escolhas e condutas.

Por isso, essas representações que comparam os papéis professora/mãe não acontecem de maneira inocente, na verdade, foi uma construção histórica, que tem influência diretamente no fazer docente e que estão impregnadas em nossa sociedade.

Quando essa decide enfrentar os obstáculos sociais que a limitam aos cuidados do lar e dos filhos, as mesmas encaram as dificuldades de maneiras distintas, principalmente quando decidem adentrar o ensino superior sendo mães. Existe uma pressão de fora e dentro da universidade para que essa mulher desista de seus objetivos estando no nível superior

Outro desafio que a mãe universitária passa é não ter com quem deixar sua criança e ter que levar ao ambiente da sala de aula, o que por muitos professores não é bem aceito. São raras as universidades que possuem um ambiente físico que possa acolher essas crianças, principalmente nos momentos de troca, de amamentação. São muitos os desafios pelos quais

uma mãe/gestante universitária passa, desde os mais simples aos mais complexos. Nosso foco principal é na estudante do curso de Pedagogia, a qual também passa pelas mesmas dificuldades como qualquer outra estudante de outro curso, porém há um agravamento pois há uma cobrança maior quanto a educação que essa criança recebe.

Em contrapartida às tarefas da universidade, estão as tarefas de mãe: alimentar, brincar, levar ao médico, à escola, e que nem sempre são divididas com o pai. Dentre essas diversas atividades que são conciliadas pela estudante, está a difícil tarefa de educar e acompanhar seus filhos no processo de alfabetização. Uma tarefa que pode parecer simples, mas torna-se muito complexa quando também essa mãe está em um processo de aprendizagem, com sua rotina totalmente desgastante. E essa cobrança é maior quando nos referimos às estudantes do curso de Pedagogia, pois teoricamente esse profissional é o mais adequado para trabalhar com a criança em processo de alfabetização e sabe da importância de acompanhar a vida escolar dos filhos. “Quando a criança percebe que seus pais estão em uma aliança com a escola, ela se sente muito mais protegida, conforme afirma com propriedade a professora Heloísa Zymanski, da PUC-SP.”

O modelo de família que temos atualmente em nossa sociedade passou por algumas mudanças. A partir de Melo:

Ela não pode ser definida/resumida simplesmente como um ambiente de relações humanas, tendo em vista a sua enorme importância na vida das pessoas. A atual sociedade com suas novas configurações familiares tem modificado o comportamento das crianças e dos jovens, fazendo com que surjam novas necessidades no âmbito sócio educacional (MELO, 2015)

As pessoas mudaram suas necessidades, principalmente a mulher. A qual não se limita apenas às tarefas do lar, mas procura por realizar-se profissionalmente, buscando sua independência financeira, mas também continuando nas suas antigas funções, dentre elas a de educar e acompanhar seus filhos na vida escolar. A estudante universitária do curso de Pedagogia sente-se incumbida dessa tarefa e acaba pressionando-se por conseguir com sucesso passar por esse processo. Porém há um grupo de dificuldades que pesam e atrapalham, como por exemplo a falta de tempo, visto que é preciso se dedicar aos estudos do curso, às leituras, as tarefas domésticas, ao estágio, e muitas ainda trabalham no contraturno da universidade. Com isso o tempo destinado ao filho não é suficiente para acompanhá-lo da melhor forma, comprometendo desde as reuniões no colégio da criança até o acompanhamento diário nas tarefas. Muitas mães acabam se frustrando, pois não conseguem fazer aquilo para o qual são

culturalmente preparadas. Porém é preciso destacar que muitas se esforçam ao máximo, e com o apoio da família, da universidade, e por mais que seja desgastante, obtém o sucesso.

2. METODOLOGIA

Ao iniciarmos essa pesquisa, temos o intuito de nos permitir estar em contato com os mais diversos contextos e nos surpreender a partir deles. Nesse sentido, para Demo (2003):

Em termos cotidianos, pesquisa não é um ato isolado, intermitente, especial, mas atitude processual de investigação diante do desconhecido e dos limites que a natureza e a sociedade nos impõem. [...] faz parte do processo de informação, como instrumento essencial para a emancipação (DEMO, 2003, p. 16).

Diante deste contexto científico, a pesquisa nos proporciona aspectos teóricos, metodológicos e práticos, ir além de uma simples redução de fenômenos complexos a seus componentes mais simples. José Filho (2006) expressa que a realidade é interpretada a partir de um embasamento teórico, sem a pretensão de desvendar integralmente o real e possui um caminho metodológico a percorrer com instrumentos cientificamente apropriados.

A pesquisa qualitativa será a escolhida para a realização do nosso trabalho, pois acreditamos que há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, existindo assim uma correlação viva entre o mundo objetivo e um elo inseparável com as particularidades do sujeito. Para Minayo (2001),

a pesquisa qualitativa trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis (MINAYO, 2001, p.21)

Devido à escolha da referida abordagem, partiremos de caminhos já conhecidos por nós inicialmente, mas sabemos que ao longo da jornada, iremos nos deparar com dúvidas, incertezas, adversidades e um misto de sentimentos pela qual este tipo de pesquisa nos permite e submete-nos a cada novo passo dado ao encontro de respostas. “A pesquisa qualitativa é criticada por seu empirismo, pela subjetividade e pelo envolvimento emocional do pesquisador” (MINAYO, 2001, p.14). Porém, neste caso, não nos isentaremos por completo, pois a temática surgiu a partir de nossos anseios enquanto estudantes, mães universitárias e responsáveis pela formação educativa de nossos filhos.

Nossa investigação também se dará através da visão sociológica pertencente aos pensamentos críticos de Bernard Lahire, que produzem uma revisão aprofundada tanto teoricamente como de maneira metodológica sobre as teorias de Pierre Bourdieu, permitindo contribuir mais adequadamente para a aproximação de certas vivências individuais e o como essas são afetadas a partir do meio social em que os sujeitos estão inseridos. Diante disso, a

pesquisa também é construída através de entrevistas para a concepção de retratos sociólogos (LAHIRE, 2004). Para Lahire, a intenção é de demarcar sociologicamente questões individuais dos atores sociais, tendo como parâmetro a pesquisa de Bourdieu.

Uma vez sendo empregado essa abordagem dos retratos sociológicos, a reflexão teórico-metodológico consiste em investigações mais profundas sobre a trajetória dessas estudantes que possuem o mesmo perfil, sendo mães e educadoras de seus filhos em uma perspectiva de licenciandas do curso de Pedagogia. Enxergamos que essa metodologia se adequa melhor às nossas ações enquanto pesquisadoras procurando conseguir os melhores resultados e provocando discussões em torno do que nos for revelado a partir da individualidade cada uma delas.

As teorias de grupos sociais já facilitam por si só essas experiências, pois procuram ver as pessoas por completo, trazendo um caráter mais contemporâneo para esse panorama sociológico. É imprescindível saber que quanto mais diversificadas forem as trajetórias dessas estudantes do curso de Pedagogia, e quanto mais próximo for a descoberta de realidades diversas, serão mais genuínas e perceptíveis essas individualidades.

A metodologia dos retratos sociológicos traz a possibilidade de ser aplicada de formas e intenções distintas. Todavia alguns retratos extensos vêm sendo realizados por Lahire (2004), quando esse tipo de metodologia é direcionada para áreas da educação, em grande parte, provocam retratos mais resumidos e orientados (COSTA; LOPES, 2008; MASSI, 2013). João Teixeira Lopes (2012), apresenta os retratos sociológicos se tratando como tanto, mas também como uma metodologia, portanto, uma abordagem que completa, mecanismo técnico tendo como base a teoria de prática na criação plural e contextual das disposições.

Percebemos que a metodologia escolhida, retratos sociológicos de Lahire busca tornar relevante a discordância e oscilação disposicional das entrevistadas. Para ele, “o que salta aos olhos é a configuração relativamente heterogênea que cada patrimônio individual de disposições constitui” (LAHIRE, 2004, p. 323).

Lopes (2012), utiliza como dispositivo dos retratos sociológicos gerando respostas e problemáticas específicas. Para essa determinada metodologia são sugeridas as seguintes etapas: (1) construção do roteiro de entrevista que investigue biograficamente os sujeitos pertencentes a ela, se preocupando em questionar o ator sobre sua colocação de maneira diversa em acontecimentos de vida; (2) necessidade de duas a três momentos de entrevista, com o cuidado de priorizar o intervalo de alguns dias e semanas entre as etapas, a fim de que o indivíduo entrevistado reflita sobre o exposto; (3) transcrever as entrevistas; (4) publicação das entrevistas sendo os resultados em primeira pessoa; (5) elaboração do retrato, envolvendo

recursos teóricos e o empirismo, logo uma interpretação superficial; (6) título, resumo e corpo principal detalhado sendo facilitadores dos relatos onde se interligam. Nessa última etapa, o retrato se permite três maneiras de análise: título (com bastante rapidez), resumo (rapidez), pelo corpo principal (lento) (LOPES, 2012).

2.1.Desbravando as trajetórias dessas mulheres

Dito isto, nossa pesquisa aconteceu a partir de encontros virtuais realizados com algumas estudantes que sejam mães e estejam cursando Pedagogia na Universidade Federal do Delta do Parnaíba – UFDPAR, e que, além disso, tenham filhos ou filhas que frequentem a escola. A partir disso, foi levado em consideração as trajetórias que envolvem o ser mulher, a maternidade, a formação acadêmica, pelas quais essas mulheres percorrem na tentativa de sua conclusão, bem como o acompanhamento educacional de seus filhos.

A seleção dessas estudantes acontecerá através da interação via WhatsApp. Pelo contexto atual de pandemia na qual vivemos se tornou inviável irmos a campo para uma aproximação mais direta com as graduandas. Durante 1 mês buscamos estudantes que se encaixassem no perfil desejado, para que as entrevistas fossem realizadas conforme a disponibilidade de cada uma delas. Ao todo, foram selecionadas 5 estudantes com idades entre 26 e 37 anos, que se mostraram dispostas a serem indagadas e colaborar com suas falas para que a construção dessa pesquisa ganhasse corpo.

Para que a realidade dessas mulheres fosse desbravada, foi solicitado a elas por meio do termo de consentimento livre e esclarecido (APÊNDICE A), a assinatura que torna possível a autorização das informações por elas dadas para dar prosseguimento a presente monografia.

Dentre essas licenciandas participantes, uma é do 1º período; uma do 5º período; duas do 7º período e duas do 9º período, ou seja, última etapa da graduação em Pedagogia. A intenção é de estarmos intimamente ligadas à vida dessas estudantes, que inclui o dia a dia em seus lares, cotidiano acadêmico de cada uma delas, identificando todas as suas limitações encontradas dentro e fora da sala de aula e suas estratégias de enfrentamento na busca pela conclusão do curso, além de como essa situação afeta, direta ou indiretamente, a formação educativa dos seus filhos e quais são as dificuldades e os mecanismos encontrados para contribuir no sucesso escolar dos mesmos.

Utilizaremos alguns recursos como: notebook para a realização das entrevistas através do serviço de comunicação chamado *Google Meet*; celular para capturar os depoimentos pela gravação dos áudios das entrevistas para coleta de informações onde serão reveladas as vivências dessas mulheres antes e depois de serem mães trazendo memórias afetivas que

colaboram para entendermos a situação atual das mesmas sobre a maternidade, sua formação acadêmica e como conseguem auxiliar no processo educativo dos filhos pensando também na realidade pandêmica na qual todas se encontram.

A entrevista é um encontro entre duas pessoas, a fim de que uma delas obtenha informações sobre determinado assunto, mediante um diálogo sobre variados contextos. É um procedimento que ajuda na coleta de dados, quando se está em processo investigativo na tentativa de buscar informações acerca de determinados assuntos, que irá contribuir para um diagnóstico ou no tratamento de um problema social. Consiste em um importante instrumento de trabalho em inúmeras áreas, como a sociologia, antropologia, política, psicologia social, entre outros campos das ciências sociais. (MARCONI; LAKATOS, 2007).

Portanto, realizaremos entrevistas semiestruturadas com questões abertas e fechadas com as participantes do nosso trabalho investigativo, a fim de que as mesmas possam ter uma maior liberdade para conduzir a entrevista sem que se prendam às perguntas padronizadas, as quais impeçam de relatar com mais propriedade suas vivências do cotidiano acadêmico e educativo dos seus filhos. As entrevistadas aconteceram no mês de novembro e dezembro de 2020, entre os dias 20/11 a 03/12.

Produzimos o roteiro (APÊNDICE B) com perguntas pré-estabelecidas que teve como objetivos principais coletar dados a partir várias percepções sobre a vida dessas mulheres. As entrevistas foram divididas em três etapas para cada uma das entrevistadas, com intervalo de alguns dias ou semanas dependendo da necessidade:

1º fase: fazer perguntas que envolvam o contexto social e familiar e o contexto histórico-social que incluem: etnia, raça, classe social, grupos sociais envolvidos, escolaridade, vida escolar anterior à acadêmica, influência da escola/família e contexto social na escolha do curso. Diante dessas perguntas procuramos investigar mais profundamente a trajetória dessa mulher, antes mesmo dela torna-se mãe, no que diz respeito aos membros da família e quais as influências dos mesmos nessa caminhada.

2ª fase: nesse momento, foram questionadas sobre as vivências e problemáticas que envolvem a vida materna e universitária dessas mulheres. Elas falaram das experiências na gravidez e depois dela. Trouxemos também questionamentos sobre a rede de apoio familiar e acadêmica no que diz respeito ao incentivo de colegas, docentes e demais setores em situações cruciais que demandam compreensão e acolhimento. Ao que se refere à família de cada uma delas, perguntamos como é relação entre os membros, como acontece a divisão das tarefas domésticas e se opõem ao desejo de estarem na universidade mesmo com tantas demandas.

3ª fase: as perguntas foram em torno do papel de mãe e educadora que as entrevistadas desempenham no dia a dia, principalmente nesse período de pandemia. Foram indagadas sobre a rede de apoio, bem como as dificuldades para a efetivação desses papéis pensando na realidade enquanto mãe, dona de casa e estudante de graduação. Foi necessária uma reflexão em torno do curso em que estão inseridas lembrando o momento da escolha do mesmo e como a graduação interfere na sua vida particular tanto como mãe e educadora. Além disso, foram questionadas sobre sentirem-se cobradas e realizadas no processo educativo dos filhos enquanto futuras pedagogas.

Utilizaremos também um diário de campo para registro das falas realizadas durante os encontros. O diário de campo é um instrumento de pesquisa que vai servir para o registro de observações, comentários e reflexões sobre o que está sendo pesquisado. Sua utilização acontece a partir de registros de atividades de pesquisas e/ou registro do desenvolvimento do trabalho. O diário de campo “facilita criar o hábito de observar com atenção, descrever com precisão e refletir sobre os acontecimentos de um dia de trabalho” (FALKEMBAC, s.d., p.10)

Portanto, deve ser usado frequentemente para a garantia da coleta de informações de maneira sistematizada e detalhada, para que nenhuma situação ocorrida seja desperdiçada durante as investigações do trabalho realizado, capturando as entrelinhas nas falas dos indivíduos durante a intervenção.

Estamos cientes da realidade encontrada dentro da universidade e fora dela, de não haver muito apoio a essas mulheres. Destacamos também que até mesmo a sala de aula faz parte do acolhimento dessas mães universitárias, quando assim tentam levar sua criança para o convívio acadêmico, onde tudo isso dificulta na permanência dessa mulher na universidade, gerando desmotivação diante desse contexto em qual ela se encontra, pois apesar de existir o auxílio-creche beneficiando mãe e filho, esse não contempla minimamente todas as necessidades percebidas no campus dentre outras situações, por se tratar de uma ajuda financeira que não atende à todas. Existem também as dificuldades para que essa mãe, estudante e educadora contribuam positivamente na criação de seus filhos bem como na formação educativa dos mesmos.

A metodologia utilizada no decorrer das entrevistas encaminha para uma nova ótica no momento em que se associa a experiência de teor científico e educacional de um sujeito individual inserido em sua trajetória em sociedade.

3. NARRATIVAS DE MÃES UNIVESITÁRIAS

Aqui, procuraremos descrever, de forma geral, um pouco da trajetória de cinco mulheres mães-universitárias, alunas do curso de Pedagogia da Universidade Federal do Delta do Parnaíba (UFDPAr), com idades entre 26 e 37 anos, oriundas de escolas públicas, e que tem filhos em idade escolar que variam entre 3 e 13 anos, as quais foram entrevistadas ao longo desta pesquisa por meio da plataforma *Google Meet*. Através destas narrativas, faremos análise de aspectos que norteiam a vida dessas mães-universitárias concernente às suas experiências de vida, especialmente às suas vivências enquanto mulheres, mães, estudantes e pessoas responsáveis pela educação escolar de seus filhos.

A partir das reflexões feitas alguns temas nortearam as discussões aqui explanadas. O **primeiro** deles é sobre o **contexto histórico-social e familiar** das entrevistadas, onde foram coletados dados socioeconômicos e relatos sobre a trajetória familiar até conseguirem ingressar no curso superior, bem como as influências que foram determinantes para esta escolha e decisão. O **segundo** tema abordado é sobre **a vida materna e universitária dessas mulheres**, procurando narrar quais as implicações que uma projeta sobre a outra e como elas afetam o processo de inclusão e exclusão dentro do contexto universitário, a contextualização sobre a inserção destas mulheres na universidade, bem como os resultados esperados dentro da sala de aula. Essas narrativas vão descrever como acontece todo esse processo, e em qual momento as responsabilidades de ser ou tornar-se mãe foi um fator determinante dentro do curso, e quais os primeiros desafios encontrados, dentro e fora da universidade, para conciliar essas responsabilidades. O enfrentamento dos obstáculos, está inserido nesse contexto onde as entrevistadas refletem sobre as maiores dificuldades encontradas para melhor conciliar as responsabilidades de mulher, mãe e universitária. Nessa temática, a rede de apoio entra como um fator deliberativo sobre o enfrentamento dos obstáculos. O **terceiro** trata do **patriarcado e sua influência no cotidiano feminino**, neste é possível observar uma confluência com os anteriores de forma a compreender como mais um importante tema desta pesquisa, onde a figura paterna é analisada dentro da trajetória destas mulheres. O machismo, violência de gênero, relacionamento abusivo, dependência emocional e financeira, controle sobre a mulher nas atividades sociais e domésticas são aspectos de importantes reflexões para compreender as relações desenvolvidas no decorrer das vivências destas mulheres enquanto filhas, mães, estudantes, esposas e educadoras.

O quarto e último tema será sobre **o papel da formação educativa dos filhos enquanto licenciandas de Pedagogia**, abordando o olhar crítico sobre os papéis de mulher, mãe e

universitária, refletindo sobre seus lugares enquanto educadoras e a isenção da figura paterna nesse quesito, sobre as cobranças externas por resultados positivos na educação dos filhos, sobre a educação remota durante a pandemia, e refletindo também na formação educativa dos filhos na perspectiva de licenciandas. Aqui também é visto como a falta dessa rede de apoio afeta estas mulheres em todos os aspectos de sua vida, principalmente na conciliação entre a vida de mães-universitárias e de educadoras. Também, foi relevante trazer o importante papel de mães-pedagogas que estas mulheres têm, aqui as entrevistadas falam sobre a visão do “ser pedagoga”, quais os estereótipos sobre a profissão e qual a importância do ser pedagoga no papel de mãe-educadora.

Para melhor compreender e analisar as trajetórias das entrevistadas, traçamos no quadro abaixo um breve perfil de cada uma delas:

Quadro 01: Perfil das entrevistadas da pesquisa

Nome	Adriane	Rosa	Luana	Luzia	Regina
Idade	26	37	31	31	34
Identidade étnico-racial	Parda	Parda	Preta	Parda	Preta
Religião	Católica	Evangélica	Evangélica	Evangélica	Evangélica
Estado civil	União estável	Casada	Casada	Casada	Solteira
Naturalidade	Parnaíba	Bahia	Parnaíba	Parnaíba	Parnaíba
Município que reside	Parnaíba	Parnaíba	Parnaíba	Parnaíba	Parnaíba
Composição familiar	Companheiro e filha	Esposo, 1 filho e 1 filha	Esposo e 1 filho	Esposo, 2 filhas e 1 filho	2 filhas
Número de filhos	1	2	3	2	2
Profissão ocupação	Desempregada/ Estudante	Desempregada/ Estudante	Desempregada/ Estudante	Desempregada/ Estudante	Desempregada/ Estudante
Renda familiar	1 salário mínimo	3 salários mínimos	4 a 5 salários mínimos	1 salário mínimo	1 salário mínimo
Período do curso	9º	1º	9º	7º	5º

A seguir, faremos uma análise mais profunda sobre cada uma das temáticas abordadas, trazendo narrativas das entrevistadas e referências que embasam nossa discussão e reflexão sobre as conclusões apresentadas, que foram obtidas através de entrevistas semi-estruturadas, durante o período do dia 20 de novembro a 03 de dezembro de 2020.

A análise foi feita por meio da interação entre pesquisadoras e entrevistadas em torno das perguntas elaboradas bem como as que emergiram em decorrência dos diálogos que se fizeram presentes de maneira espontânea e íntima por meio da plataforma *Google Meet*, na intenção de sabermos profundamente as trajetórias destas mulheres em seus processos

acadêmico e de vida, principalmente pelo comprometimento com a vida escolar dos filhos e filhas, tentando assim entender como experimentam essa problemática em seus cotidianos.

É importante deixar claro que apenas uma das participantes das entrevistas desejou manter sua identidade sob sigilo, tornando assim viável a utilização de codinome na identificação da mesma. As demais autorizaram a divulgação dos seus respectivos nomes.

3.1.Contexto histórico-social e familiar

Segundo Romanelli (1995) muitas pesquisas confirmam a importância da escolarização como mecanismo de entrada de educandas/os no mercado de trabalho. Essa importância é atribuída pelas próprias famílias, das mais diversas classes sociais, as quais esperam por melhores salários, como resultado dessa escolarização. Desde muito pequenos meninos e meninas iniciam a vida escolar, a qual vem permeada por diferentes desafios, que levam em consideração diversos fatores, como gênero, *status* financeiro, classe social, etnia, entre outros. Esses são, sob diversas formas, impactantes na trajetória de qualquer pessoa, principalmente para as mulheres, que por muito tempo tiveram que lutar por seus direitos, inclusive o de estudar e ter uma profissão, porém tendo que continuar com as suas “obrigações” de mulher (como, por exemplo, cuidar da casa, do esposo e dos filhos). Perante esse cenário, em que muitas mulheres se encontram, é notório que as trajetórias por elas traçadas são permeadas de mais desafios.

As cinco mães-universitárias cursam Pedagogia pela Universidade Federal do Delta do Parnaíba. Todas são naturais da cidade de Parnaíba-PI, com exceção de Rosa, de 37 anos, casada, que é natural da Bahia. Adriane tem 26 anos, está no 9º período. Considera-se parda e identifica-se mais com a religião católica. No momento está desempregada e mora em casa alugada juntamente com sua filha, Bianca, de 3 anos, e com seu companheiro, José Domingos, de 28 anos, o mesmo é autônomo e trabalha como pintor automotivo, e estão juntos a 5 anos. A renda familiar é aproximadamente de um salário mínimo.

Rosa, de 37 anos, casada, cursa o 1º período. Considera-se uma mulher parda, cristã evangélica e atualmente encontra-se desempregada. Há cinco anos reside em Parnaíba, e mora em casa financiada juntamente com seu esposo, Cravo (31), e seus dois filhos, Lírio (05) e Orquídea (03). A renda familiar mensal da família gira em torno de 3 salários mínimos.

Luana tem 31 anos, também cursa o 9º período do curso de Pedagogia. Considera-se negra, e professa o cristianismo. Atualmente tem um empreendimento no ramo da educação,

no qual ocupa o cargo de gestora, porém encontra-se parado devido à pandemia do coronavírus.¹ Mora em casa própria, é casada com Robert Cortez, e tem 1 filho, Luan, os quais vivem com uma renda média de 4 a 5 salários mínimos.

Luzia, tem 31 anos, cursa Pedagogia e está no 7º período. A mesma se considera uma mulher parda por ter pai negro e a mãe ter uma “*cor mais clara*”. Em termos de religião, Luzia se considera cristã, tendo experiências tanto na religião católica e evangélica, porém, segundo a fala da entrevistada se considera no momento evangélica fazendo algumas visitas a igreja. Mora em uma casa financiada com seu esposo Gilberto, de 38 anos, e mais três filhos, Ana Carolina (15), Guilherme (10) e Ana Luiza (6). Possuem renda mensal de 1 salário mínimo.

Regina, tem 34 anos, cursa o 5º período de Pedagogia, se considera uma mulher preta. Sua religião é evangélica, fazendo parte da igreja Adventista há quatro anos, porém, antes disso, era coligada à igreja Assembleia de Deus. Se encontra desempregada, residindo há cinco anos em moradia própria com as filhas Valquíria (11) e Ana Carolina de (13) anos sendo a única mãe solo de nossa pesquisa. A renda familiar de Regina gira em torno de 1 salário mínimo, vindo do auxílio do Estado BPC (Direito de Viver e Envelhecer com Dignidade) que é uma renda destinada a pessoas idosas e com deficiência, pelo fato da sua filha Valquíria possuir TEA (Transtorno do Espectro Autista e ter traços de esquizofrenia). Além disso, recebe a contribuição financeira dos pais das filhas.

A partir das narrativas, tivemos como analisar um pouco da trajetória dessas mulheres, o caminho que percorreram até chegar na universidade. Todas elas passaram por situações difíceis em algum momento da vida, seja na infância, adolescência ou juventude.

No que se refere à escolaridade dos pais das nossas entrevistadas, a maioria deles não possui o fundamental menor completo, com exceção dos pais de Luana que possuíam o ensino técnico profissionalizante e da mãe de Rosa que chegou a concluir o ensino fundamental. Apesar do pouco estudo, a maioria dos pais sempre apoiaram, mesmo indiretamente, o estudo das filhas. “*Sempre fui boa aluna, até mesmo pela pressão do meu pai, ele sempre cobrou que a gente tinha que estudar*”, afirma Adriane, que estudou em escola pública e considera que o ensino que recebeu foi bom, pois teve bons professores e a escola nunca foi negligente, porém ela acha que na escola particular há mais chances do aluno ter sucesso nos estudos. Segundo Romanelli (1995, p. 446), “O significado simbólico atribuído à escola pública e à privada e ao

¹ É uma epidemia que se espalhou por todo planeta de maneira bastante contagiosa causando graves problemas de saúde por meio do COVID-19, uma doença respiratória aguda motivada pelo coronavírus (SARS-CoV-2). A partir disso, gerou-se a necessidade da população de vários países decretarem isolamento total.

processo educacional canaliza e direciona a orientação e as oportunidades de escolarização que os pais oferecem aos filhos.”

Na família de Luzia, só a irmã Maria José tinha entrado em um curso superior antes dela, em Letras Português. Os demais membros da família possuem ensino fundamental incompleto, ou ensino médio incompleto, dando como exemplo o seu pai que só tem a 3ª série do fundamental e sua mãe também. O pai de Luzia dizia que ela queria “*abraçar o mundo com as mãos*”, porém, ele incentivava para que os filhos estudassem, mas sem pressão para entrar na universidade, logo, pela escolaridade muito aquém do esperado era previsível essa postura, sendo a mãe a sua maior incentivadora.

Regina comenta que, por conta da baixa escolaridade dos pais, a mãe pagava uma pessoa para auxiliar nos seus estudos até o momento em que a entrevistada não precisou mais dessa ajuda e pôde realizar suas atividades escolares sozinha. Sempre houve incentivo tanto do seu pai como da sua mãe para que continuasse se dedicando aos estudos, de fazer cursos. Segundo a participante da entrevista: “*meu pai sempre me incentivou, mas minha mãe aquele apoio ali frequente... Mais a minha mãe.*”

Todas relatam uma infância humilde, sem muitos confortos ou regalias, porém nunca chegaram a passar necessidades maiores, pois sempre os pais encontravam uma maneira supri-las. “*Eu nunca passei fome porque minha mãe fazia os serviços na casa dos vizinhos*”, conta Rosa, destacando a figura materna como a principal provedora do sustento da casa e dos filhos. Diante dessa fala, percebe-se que um dos desafios enfrentado pelas mulheres do século XXI está relacionado à sua independência financeira, pois apesar de trabalhar fora, é ela a única responsável pelas tarefas domésticas e cuidados com os filhos, responsabilidades essas que, para muitas mulheres parece algo normal, nato da figura feminina. De acordo com Cappelle et al. (2007) “As mulheres estão conquistando espaço no mundo inteiro, em praticamente todas as atividades, mas, apesar dessa conquista e de possuírem os mesmos ou melhores níveis de escolaridade que os homens, ainda existem algumas disparidades quando se discute a igualdade entre gêneros.” Essa desigualdade é nitidamente observável na relação familiar de Rosa e de Luana, onde as mães, apesar do estudo maior que o marido, de trabalharem fora, tinham que ser responsáveis por todas as tarefas domésticas.

Algumas relatam que durante a infância perceberam um relacionamento conflituoso com os pais. Rosa conta que o principal motivo de conflitos na sua casa se dava pelo fato de seu pai ter problemas com o álcool. Apesar de ter sido uma pessoa presente, no que se refere a estar em casa, e não ser agressivo por conta da bebida, ela nega existir uma relação de diálogo

e mais afeto com o mesmo. Em suas palavras: *“a gente já passou por bastante sufoco por causa dele, desses vícios, já passamos bastante apertos”*. Durante essa narrativa da entrevistada, é notável um possível sentimento de mágoa em relação ao pai. Porém, é importante dizer que essa relação conflituosa com os pais não esteve presente em todas as entrevistadas, na família de Adriane, ela afirma que eles sempre tiveram uma relação respeitosa e que o pai sempre foi muito presente, *“ na questão de cuidados, ele sempre cuidou da gente, principalmente no período de doença da minha mãe, ele lavava roupa, ele que varria casa, porque a gente ainda era muito criança, sempre foi presente”*, e reafirma que ainda hoje ele continua contribuir com as atividades de casa, apesar de trabalhar o dia todo e chegar cansado, ele encontra disposição para contribuir com a sua esposa.

Percebeu-se entre as entrevistadas que o incentivo maior em relação aos estudos sempre veio da figura materna. Para Rosa e Luana os pais não marcaram presença em seus estudos. Quando Luana tinha apenas 16 anos a mãe veio à óbito, com isso ela percebeu que a única incentivadora de seus estudos era a sua mãe. O seu pai se neutralizou quanto às responsabilidades frente à ausência da figura materna na família, nesse contexto Luana precisou sair da escola para trabalhar e se sustentar. Para Adriane foi diferente, ela conta que o pai sempre foi muito presente, e que apesar de ser analfabeto sempre a apoiou nos estudos e até hoje ele a incentiva, até mesmo mais que a mãe. *“Não era apoio pedagógico, era o apoio psicológico. Mesmo ele não tendo uma renda muito boa, sempre investiu nos nossos estudos, se estava precisando de um caderno de desenho, se estava precisando de uma caixa de lápis de cor, era prioridade pra ele”*, afirma Adriane. Regina e Luzia também compartilham da mesma vivência de Adriane, tendo um pai presente em seu percurso escolar mesmo trabalhando muito e possuindo pouca escolaridade e sendo atencioso no ambiente familiar contribuindo com a figura materna nas atividades de casa.

Apesar de em alguns lares a figura do homem assumir suas responsabilidades com o lar, assim como a mulher, isso não é muito comum, de forma que a desigualdade nos papéis ainda é muito grande, principalmente no que se refere ao acompanhamento escolar dos filhos, função essa, que culturalmente é dada à figura feminina. Segundo Cappelle et al. (2007)

Pode-se inferir, contudo, que apesar das transformações nos papéis das mulheres e dos homens, tanto no meio familiar e privado, quanto no meio de trabalho e público, ainda existem e podem ser notados desequilíbrios entre o masculino e o feminino em vários aspectos. (CAPPELLE ET AL. 2007, p. 507)

Por isso, mesmo com alguns avanços nas divisões de tarefas, a mulher ainda está presente em vários âmbitos da sociedade como protagonista. Um desses espaços seriam no ambiente familiar com os cuidados restritos ao lar e os filhos.

Todas afirmam que sempre foram boas alunas. Luana confessa que tinha dificuldades nas disciplinas de exatas como matemática, química e física, porém era muito esforçada. Hoje ela sabe que parte dessa dificuldade é resultado de uma falta de suporte na base do ensino fundamental público, ou seja, nas primeiras séries, e que dificilmente será corrigido nas séries mais avançadas ou mesmo no ensino superior. Ela percebeu essa deficiência do ensino público principalmente quando ingressou no ensino médio e em seguida no ensino superior, ao cursar Química. Outra disparidade percebida por Luana entre a escola pública e privada era o acesso quanto às artes, o qual era mais satisfatório no ensino privado do que no público. Percebe-se entre as entrevistadas uma grande valorização ao ensino público, que apesar de seus defeitos, a maioria delas afirma que é possível ter bons resultados e que depende muito do aluno. Essa visão sobre a escola reflete muito sobre o que hoje elas passam para seus filhos. Elas compreendem que de certa forma a escola particular está em vantagem em relação à pública.

Regina e Luzia compartilham também com a mesma opinião em termos de escola pública, considerando que depende da força de vontade do aluno ser bem sucedido. Para Regina:

“Eu cheguei a aonde estou hoje por conta da escola pública, por conta da minha força de vontade, buscando conhecimento, não desmerecer quem estuda na escola paga, privada né, mas essa é a visão que eu tenho a escola particular tem suas... como eu posso dizer... suas ferramentas mas a escola pública é de igual valor.” (Regina, 34)

E continua:

“E eu vejo que não é difícil. Você tem que... ter força de vontade, tem que acreditar que você é capaz né. Difícil é, você vai estudar, vai abdicar de muita coisa vai deixar de lado algumas situações que você... e focar nos seus estudos né e vale a pena, não é só você ter dinheiro, ter condições financeiras. Se você tiver força de vontade, acreditar que você é capaz e focar nos seus estudos você vai chegar. É difícil para todo mundo, mas com sua força de vontade você conseguir o que é melhor para você.” (Regina, 34)

Essa fala de Regina perpetua o pensamento de uma sociedade que garante a meritocracia como uma realidade possível para todos os sujeitos. Sobre o olhar de Barbosa (2003, p. 22):

dificilmente essas questões implícitas na transformação da ideologia meritocrática em instrumento de organização social são trazidas à consciência das pessoas e, menos ainda, explicitadas e discutidas”. Temas como esses devem ser abordados com mais frequência, principalmente quando se trata de alunas pertencentes de universidade pública, muitas delas sendo periféricas, pretas, vindas de escola pública e inseridas atualmente na área da educação.

Regina e Luzia também eram boas alunas no tempo de escola. Segundo Luzia: *“eu tinha um bom rendimento em sala de aula, notas boas e tinha um relacionamento tranquilo com os professores.”* Regina diz: *“me considerava uma boa aluna na escola, eee... era dedicada, gostava de estudar e mais ainda pelo incentivo dos meus pais.”*

Sobre as influências que tiveram para ingressar no ensino superior, com exceção de Luana, todas afirmam que a escola e os professores sempre foram incentivadores para que elas continuassem os estudos. Adriane afirma que alguns professores que teve foram referência para ela nos estudos, os quais não davam apenas a matéria, mas aconselhavam sobre a importância de estudar, ela cita o professor Cleidivan, atual coordenador do curso de Pedagogia da UFDPAr, como um grande apoiador dos seus estudos, o qual lhe deu muitos conselhos, e na sua opinião foi um dos melhores professores que teve. Durante o ensino médio os professores falavam da importância de entrar na universidade, e ela sempre teve o desejo de ser professora, por gostar muito de crianças e pela admiração pela profissão, por conta dos bons professores que teve em sua vida de estudante.

Luzia percebia o incentivo dos seus professores e diz: *“eu recebia muito incentivo dos docentes da época de escola pois eu mesma era dedicada e poderia chegar no ensino superior se continuasse focada nos estudos.”*

Refletindo sobre o ensino público na qual esteve presente em todo o seu histórico escolar e sobre seus professores ela comenta:

“a escola pública, ela é boa tem professores excelentes, por exemplo: eu tive professores maravilhosos que sempre me incentivaram bastante né eu sempre ééé ... fui boa aluna entendeu? Os professores me incentivavam e diziam e sempre falavam ‘Luzia, você do jeito que você se dedica você vai conseguir um dia entrar na universidade’. Teve vários professores que me falaram isso, a única desvantagem é porque a gente não tinha tanto é... como eu posso dizer? Materiais como na escola privada tem [...]” (Luzia, 31)

Regina teve de seus professores apoio no seu percurso escolar e afirma: *“foi a partir desses professores que eu pude sonhar mais alto. De buscar, de acreditar que eu também poderia chegar no topo, que é a faculdade.”*

Nota-se que o docente é fundamental para a manutenção dos objetivos escolares dos alunos, apesar de muitos deles não acreditarem no potencial de muitos educandos presentes em sala sendo oriundos de escola pública e de não buscar um diálogo mais estreito como os mesmos. Paulo Freire ressalta que:

[...] ele sabe que o diálogo não apenas em torno dos conteúdos a serem ensinados, mas sobre a vida mesma, se verdadeiro, não somente é válido do

ponto de vista do ato de ensinar, mas formador também de um clima aberto e livre no ambiente de sua classe (FREIRE, 1997, p. 59).

Ou seja, os professores que mantêm um ambiente harmonioso em sala de aula, torna o ato de conviver nesse lugar mais agradável e de trocas mútuas.

A família foi também fator determinante para a entrada na universidade. Para Luana a figura materna sempre foi a principal influência para ingressar no ensino superior. Ela queria seguir os passos da mãe na área da saúde, e para isso sabia que precisa estudar muito. Quando a mãe faleceu em 2005, sua vida mudou completamente e teve que abandonar os estudos. Quando retomou os estudos ela continuou com o desejo de entrar numa profissão em que ela pudesse ajudar pessoas, ela comenta:

“então eu pensei: ‘eu vou ser professora!’... quando eu encontrei química, aí eu pensei que seria a oportunidade... e lá, foi que eu descobri que eu era melhor nas matérias pedagógicas do que nas de cálculos...e aí eu coloquei na minha cabeça que eu ia fazer Pedagogia, mas para entrar na Pedagogia hospitalar.” (Luana, 31 anos)

Sua mãe ainda em vida conseguiu uma bolsa em uma escola particular quando a mesma ingressou no ensino médio, porém ela não chegou a concluir o 1º ano nessa escola, teve que desistir diante do novo contexto em que sua vida se inseriu diante da morte da mãe. Luana só conseguiu retomar os estudos após o casamento. Diante da estabilidade financeira de seu esposo, ela continuou seus estudos, fez o ENEM (Exame Nacional do Ensino Médio) e ingressou no curso de Química (IFPI- Instituto Federal do Piauí), do qual desistiu, optando em seguida pela Pedagogia no ano de 2016. Ela conta que o marido, pelo fato de ser formado, foi um incentivo para que ela procurasse concluir seus estudos. Para Rosa, o contexto familiar em que se encontrava foi determinante para procurar um curso superior, ela afirma que estava cansada de ficar em casa, pois a rotina de dona de casa e de mãe estavam a esgotando: *“eu estava ficando doida só cuidando de menino, eu estava ficando burra, não estava tendo nem assunto, eu estava ficando pra trás...”*. Ela conta que os estudos é algo que ela gosta e que de certa forma é o que vai trazer sua independência financeira.

Ao ingressarem no ensino superior todas as entrevistadas já eram mães, com exceção de Adriane, que engravidou no primeiro período. A escolha do curso de Pedagogia, para elas, aconteceu por motivos distintos. Para Adriane, foi uma paixão que nasceu aos poucos durante sua vida de estudante. Já Luana, conta que sempre quis seguir os caminhos profissionais da mãe, que era a área da saúde, e enquanto a mãe era viva ela tinha a oportunidade de só se dedicar aos estudos, pois a mãe bancava, apoiava e incentivava os seus estudos.

Para Rosa a escolha do curso de Pedagogia foi pensando em se tornar uma mãe melhor para as crianças, “*eu faço Pedagogia não é pra mim, é pra eles...*”. Sobre o curso, ela afirma: “*o que vai me tornar uma pessoa melhor, como mãe e como pessoa é a Pedagogia. Eu acho que é o que vai fazer me compreender e compreender algumas coisas nas crianças*”

Em um momento emotivo, Luzia relata sobre o incentivo da mãe para que ela continuasse os estudos, mesmo na época em que interrompeu o desejo de entrar no ensino superior, por ter que se dedicar aos cuidados do lar. Sem condições de pagar um cursinho, ela traz à lembrança afetiva de quando a mãe buscava livros no lixo dizendo:

“Ela encontrava livros no lixo e eu dizia: ‘Mãe! Quando você visse uns livros no lixo pega pra mim’. Sabe... eu fico até emocionada de falar dela... e aí ela pegava, aí eu fiquei estudando mesmo com alguns livros que ela pegava.” (Luzia, 31)

Através desta fala, percebeu-se a importância da figura materna na manutenção do interesse pelos estudos mesmo que a realidade fosse adversa para a concretização de seus objetivos educacionais, pois a mesma deu prioridade para a vida familiar nesse período de sua vida. Ela também encontrou motivação através da sua irmã que ficava com sua filha mais velha para que concluísse o ensino médio. Luzia foi mãe aos 16 anos e teve que fazer algumas pausas propositalmente, dando prioridade para a maternidade à vida escolar.

Regina comenta da influência da mãe com o cuidado de algumas crianças na época em que precisava trabalhar para sustentar as filhas, por não ter nenhum dos pais presentes nessa situação. Segundo ela:

“Eu passei a ajudar minha mãe que cuidava de crianças, e eu passei a me identificar na questão do cuidado com crianças, né? Desde de que eram bebês, né? A mesma idade das minhas filhas então eu me dedicava muito a colaborar com ela, foi daí que eu comecei a ver essas questões do é... do desenvolvimento da criança e comecei a gostar de cuidar criança que era uma coisa que eu gostava muito.” (Regina, 34)

Até chegar na Pedagogia, todas elas passaram por diferentes percursos, mas com pontos de confluências entre algumas como o incentivo de professores e mães, os quais contribuíram para a escolha do curso. Segundo Romanelli (1995) “a escolha do curso é resultado de um processo longo de avaliação das aspirações do candidato, das profissões e do mercado de trabalho, que é lentamente elaborado na relação com a família”.

3.2. Vida materna e universitária de mulheres estudantes

Como salientado anteriormente, das cinco estudantes entrevistadas, a maioria já tinha seus filhos ao ingressarem na universidade, apenas Adriane que engravidou durante o primeiro período do curso. Quando indagada sobre qual sentimento de estar grávida e ser mãe durante a graduação, ela afirma: *“foi aquele misto de felicidade com preocupação, com incertezas em relação a continuar ou não, porque a gente sofre mudanças psicológicas, físicas. A questão física foi puxada e a questão psicológica também, porque eu tinha que dar conta dos trabalhos, de provas”*. Percebemos na fala de Adriane, bem como na narrativa das demais entrevistadas que um dos desafios do ser mãe universitária está na procura por emancipação, encontrada ao adentrar no ensino superior, que é justamente essa difícil conciliação entre suas rotinas, pois ela sabe que terá que se esforçar muito mais para conseguir bons resultados. A luta das mulheres por emancipação não é de hoje. Aos poucos elas vão conseguindo espaço na sociedade, no mercado de trabalho, e para isso têm a universidade como uma grande aliada. Para Reis (2017):

No âmbito social e no mercado de trabalho há construções que impedem a mulher de determinados acessos, a universidade torna-se importante ao poder desconstruir primariamente tais obstáculos, enquanto espaço de desenvolvimento crítico e de capacitação profissional – emancipação intelectual/social e profissional/financeira, respectivamente. (REIS, 2017, p. 21)

Por muito tempo o papel das mulheres na sociedade se resumiu apenas aos cuidados domésticos. A sociedade impunha a ela a obrigação de casar e formar uma família e dedicar-se exclusivamente a ela. Segundo Aragão e Kreutz (2010, p. 109), “no período colonial no Brasil a educação feminina era restrita ao lar e para o lar, ou seja, aprendiam atividades que possibilitassem o bom governo da casa e dos filhos”. E essa é uma visão e distorção que de certa forma se perpetua até hoje.

Quanto ao significado do papel de mulher que a sociedade carrega, Luana afirma que

“Quando a gente nasce, já sabe que a cobrança em cima da gente vai ser muito maior em questão dos filhos, em questão da administração da casa... e a gente já vai se acostumando com aquilo, a sociedade vai colocando a gente naquele lugar e a gente vai aceitando. Tudo o que é de bom é o pai que faz, mas é uma coisa que eu acho injusto, a mulher ter que dá conta disso, e pra reconhecer que ele aprendeu a ler, o mérito foi do pai.” (Luana, 31)

Ao adentrar no ensino superior, essas mães passam a travar uma luta contra a sociedade, contra o tempo, contra o preconceito. A partir das narrativas, observa-se que um dos obstáculos determinantes na permanência do curso é a presença de uma rede de apoio. Duas das cinco entrevistadas relataram não ter uma rede de apoio concreta.

Para Adriane o apoio que recebe da família foi e é fundamental para a permanência do curso. Apoio esse que vem unicamente de seus pais. Ela conta que até pensou em desistir, mas sempre recebeu total apoio dos familiares, inclusive apoio financeiro, e de cuidados com a filha. Regina e Luzia também encontram apoio da família para manter possível o percurso acadêmico em suas vidas. Regina fala da importância do incentivo da mãe no curso e fala que:

“e como eu tô na faculdade minha mãe sempre tá ali ‘como que tá a questão do online?’ Sempre há essa preocupação se eu estou ou não como vínculo, se estou estudando ééé... sempre se eu estou precisando de alguma coisa, assim... sempre incentivando.” (Regina, 34)

A entrevistada fala da importância da família nesse processo acadêmico principalmente na situação de quarentena:

“sim. No caso quando eu preciso de um curso né, online e assisto muitas palestras aí eu vou ver aquilo ali e já é um incentivo para ficar parada é algo que quem convive sabe que é um assunto que chama muito minha atenção e são pequenas ajudas para eu aprender coisas novas e interessantes. Sempre eventos assim meus familiares as pessoas mais próximas me ajudam.” (Regina, 34)

E reitera sobre a dedicação frequente da mãe, reconhecendo também a figura paterna nesse processo, dizendo: *“mais a minha mãe, meu pai sempre incentivou, mais minha mãe é aquele apoio ali frequente.”*

Já para Rosa e Luana a situação não é a mesma, elas contam teoricamente com ajuda do esposo, porém na prática elas são as únicas responsáveis pela conciliação da vida de universitária e a de mãe. Luana afirma:

“o único momento que eu me sento pra estudar e fazer alguma coisa é 1 hora da manhã, que é a hora que eles estão entrando pra dormir. Quando a gente está fazendo alguma coisa, aquilo é importante pra gente, mas não é importante pra quem está perto da gente. As cobranças sempre vão continuar. Tem horas que dá vontade de jogar tudo pra cima porque é muita coisa... tenho que fazer as coisas da universidade... Por eu estar em casa, na cabeça das pessoas, eu não trabalho e nem estudo, que eu tenho tempo, e se eu tenho tempo eu tenho que fazer as coisas.” (Luana, 31)

Rosa conta que o esposo Cravo não chega a falar abertamente para ela desistir, mas por ele ver toda a situação que ela passa e não se oferecer para ajudar, ela ver isso como um desestímulo. Ela afirma ainda que é rara as vezes que ele contribui com as tarefas para que ela possa estudar:

“Já aconteceu de eu precisar da ajuda dele e ele dizer: ‘vá fazer suas coisas, resolva o que você tem que resolver com as crianças e faça seus trabalhos de madrugada, é assim que tem que ser’. Mas é assim mesmo, eu vou conseguir, não sei quando... eu sei que eu estou entrando e não sei quando eu saio.” (Rosa, 37)

Segundo ela a reação do esposo ao saber que ela tinha entrado na universidade foi algo muito frio: *“ele estava na pia lavando as mãos e ele só disse ‘parabéns’ e pronto... quem fez a festa foi minha vizinha”*, afirma Rosa. Ela conta ainda que é rara as vezes que ele a ajuda com as tarefas para que ela possa estudar.

Regina é a única mãe solo das entrevistadas e não mora com os pais há 5 anos, pois optou por morar com as filhas em uma residência própria na qual foi contemplada para ter mais privacidade tanto para ela como para as meninas. Mesmo diante dessa realidade, os pais da entrevistada nunca deixaram de ajudá-la no que fosse preciso, principalmente no que diz respeito a Valquíria que, quando os pais de Regina souberam do diagnóstico de autismo de Valquíria aos 7 anos, *“foi um choque”*, segundo relata, e os mesmos não sabiam como lidar com a situação e foi todo um processo para que isso fosse assimilado. Ainda hoje, eles procuram compreender o transtorno para melhor acompanhá-la.

Diante desse crescente público feminino, a universidade passa a ter o desafio de acolher não apenas jovens estudantes, mas todo público feminino com suas subjetividades, com suas diferentes trajetórias e objetivos, dentre elas as mães, que como percebemos, algumas delas não encontrarão o apoio necessário da família, mas das instituições de ensino. Segundo Gomes (2020)

A universidade, como local de busca de emancipação dos seres, deve, então, procurar subsidiar todos os indivíduos que nela se adentrarem. Tendo em vista que ela é um espaço de formação e de construção de saberes acadêmico-científicos, é extremamente importante refletir sobre causas e efeitos (histórico-culturais, sociais e políticos) das desigualdades. (GOMES, 2020, p. 21)

Rosa está no primeiro período do curso, e por conta da pandemia do novo Coronavírus, as aulas presenciais foram poucas, cerca de duas semanas. Com isso ela não teve como observar a rotina da universidade, conhecer os departamentos de apoio ao estudante. Porém ela conta que está recebendo assistência do coordenador do curso. Em um momento de desespero, ela conta que ligou para falar com ele, afirmando que queria desistir:

“teve um dia que tinha muita coisa para eu dar conta, e tem horas que eu penso que eu não vou conseguir, aí eu falei com ele, qualera a documentação que precisava para desistir. Outro dia eu liguei pra ele chorando: ‘professor eu não vou conseguir não.’” (Rosa, 37)

O professor foi muito estratégico e pediu para que ela ligasse novamente dentro de dois dias, pois de certa forma ele compreendeu que ela estava muito nervosa para tomar qualquer decisão. *“Eu penso às vezes em desistir pra voltar a trabalhar, mas eu sei que se eu desistir vai ficar mais difícil pra mim, de eu conseguir ficar livre, afirma Rosa, que tem a Pedagogia como a possibilidade de um futuro escape da relação vivenciada por ela.*

Adriane em seus relatos, nega ter recebido apoio da universidade durante e após a gravidez, mas relata que teve um professor que, no período em que estava gestante, a ajudou muito e que ela se sentiu muito acolhida por ele. Ela conta que esse professor a dispensou de um trabalho final, e deixou à critério dela participar ou não, que independente da decisão ela já tinha a nota:

“eu estava muito nervosa e não participei... e quando eu olhei, minha nota estava lá...então ele foi o único professor que se importou com a minha condição. Durante a gestação e depois eu nunca me senti amparada, eu sempre fui tratada de forma igual a todos... jamais ninguém me perguntou se eu poderia, se eu estaria ocupada por conta da Bianca...eu sempre fui tratada como os outros acadêmicos, que não têm tantas responsabilidades quanto eu.” (Adriane ,26)

Regina fala também do amparo da universidade:

“Eu acredito que sim. Eu me sinto amparada mesmo que é... mesmo que alguns momentos que realmente eu não pude estar presente eee... o quadro de professores foram muito colaborativos assim comigo, passando trabalhos que eu pudesse tá acompanhando mesmo que da forma que eu poderia estar né fazendo e eu me senti não menor do que os outros, há essa possibilidade há esse interesse dos professores o corpo acadêmico de estarmos em igualdade com os demais.” (Regina, 34)

Continua:

“Recentemente eu tive contato com uma professora e realmente eu me senti muito pra baixo. Eu relatei sobre o problema de saúde que eu tive que eu não tava conseguindo acompanhar a turma online, tenho dificuldade para fazer os trabalhos e tudo e eu fico muito atrasada e aí ela falou assim: ‘Realmente pra você ficou muito difícil e eu acredito que você não vai acompanhar’ Aí eu fiquei muito triste. É realmente eu tô com um problema muito sério e eu não consigo acompanhar e eu fiquei assim um pouco abalada. E até agora eu tava conversando com minha mãe sobre isso que eu não iria conseguir acompanhar e tudo, aí minha mãe falo assim ‘Quem é ela na Pedagogia pra tentar abalar o seu sonho?!’ Realmente eu fiquei assim né, o sonho é meu e eu posso nutrir ele da forma que eu achar melhor, então eu prefiro não ouvir, deixar isso passar e, sim, eu tô com problemas agora mas isso não vai ser, acredito, para o resto da vida e eu vou continuar, vou conseguir, enão vou deixar nada abalar né” (Regina, 34)

É de fundamental importância que a universidade veja a mãe universitária dentro de seus limites. Ela é capaz de estudar e ir além como qualquer outro estudante, mas ela precisa

de muito apoio para conseguir, pois há desafios que só ela enfrenta. Chegar no contexto universitário e sentir-se acolhida é um dos primeiros passos para o sucesso na conclusão do curso. Reis (2017) afirma: “para que a permanência dos alunos e alunas seja efetivada é preciso garantir a equidade dos direitos entre os discentes”, ou seja não basta essa mãe ou gestante entrar no ensino superior, é preciso que se garanta a permanência dela, de tal maneira que ela consiga concluir o curso.

3.2.1. Maternidade X Universidade

Para adentrarmos nessa temática é necessário entender o porquê do excesso de cobranças sobre a mulher em relação aos cuidados maternos. Segundo Ribeiro (2017)

Por muito tempo, o exercício da maternidade e todas as questões inerentes a ela, foram quase que estritamente vinculadas às mulheres. Por envolver ações biológicas como gestacionar, parir e amamentar vinculou-se a maternidade com a maternagem e atribuíram estas às mulheres dentro da instituição familiar. Neste percurso, os processos de construção social dos cuidados maternos foram alterando-se, até o ponto de naturalizarem ações de proteção, amor, zelo e afetividade a todas as mulheres que pariam. Nessa conformidade, os papéis maternos e paternos passam a se estabelecer de forma nova, e em consequência de discursos econômicos e demográficos. Com as mudanças ao redor do mundo e a naturalização de determinados comportamentos considerados “maternos”, constitui-se alguns tipos de comportamentos humanos que são arduamente exigidos apenas das mulheres (RIBEIRO, 2017, p. 23)

Existe um discurso social sobre a maternidade como algo romântico, que requer cuidados e empreendimento que naturalmente as mulheres são capazes de dar. Quando nos deparamos com mulheres que dividem seu tempo entre a maternidade e outra ocupação, aqui no nosso estudo, a universidade, é algo que gera desconforto, preconceitos e julgamentos, pois essas mulheres não estão seguindo o roteiro naturalmente, biologicamente e culturalmente imposto a ela.

Sobre o que pensa da maternidade, Rosa afirma “*eu sempre soube que ser mãe ia ser muito difícil*”, ela conta que durante o percurso acabou encontrando dificuldades que não esperava. Apesar de sempre ter tido o desejo de ser mãe, as suas duas gestações não foram planejadas, vieram em um momento que eles não esperavam, pois após a sua primeira gestação, Rosa começou a se preparar para voltar a estudar e trabalhar, porém veio a segunda gravidez e tudo teve que ser adiado. Pode-se observar aqui o quanto a vida materna naturalmente aprisiona a mulher. Adriane também sempre quis ser mãe, e assim como no caso de Rosa, sua gravidez

não foi planejada, ela já estava cursando o primeiro período. Mas o fato de estar grávida não gerou o abandono do curso, ela até pensou em desistir, mas teve total apoio da família.

O pensamento de Luzia sobre a maternidade gira em torno inicialmente do reconhecimento de que teve sua primogênita muito cedo, ainda na adolescência, mesmo sendo uma gravidez desejada, pois já estava casada a 1 ano com seu atual esposo. Teve seu segundo filho Guilherme quando Ana Carolina tinha 5 anos, também de forma desejada e a terceira gravidez não foi de maneira planejada ficando triste no começo, pois ela tinha outros objetivos como estudar e se viu “*um pouco presa*” a essa responsabilidade.

“se eu tivesse o pensamento que eu tenho hoje eu teria esperado mais, entendeu? Tinha esperado maaais, tinha ééé... vivido um pouco mais, assim.. não que eu não viva é a questão de ter liberdade, porque querendo ou não tem pessoas que dependem de você e isso era uma coisa que eu não sentia e depois que a gente é mãe a gente tem medo de morrer, entendeu, eu sinto uma, assim eu fico muito triste e eu sinto uma angústia ai eu digo assim ‘meu deus que o senhor me dê muitos anos de vida que eu crie meus filhos e eu penso muito nisso.’” (Luzia, 31)

Apesar disso, maternidade para Luzia é maravilhosa e não se arrepende. No caso de Regina, as suas duas gravidezes não foram planejadas e foram decorrentes de relacionamentos breves. Sempre priorizou os estudos e quando descobriu a gravidez não planejada foi um “baque” na sua vida, não tendo apoio do pai da sua filha Ana Carolina, enfrentando a gestação de riscos sozinha. No período em que estava grávida não pôde continuar na escola por conta das dificuldades em torno da situação na qual ela se encontrava. A segunda gestação foi decorrente de outro relacionamento que também teve que lidar sozinha com o acontecimento. Sendo assim, analisamos a vida de Regina como a de uma mãe solo.

Na ótica de Regina a maternidade é descrita da seguinte forma:

“Antes, eu nunca me imaginei mãe né. Foi algo assim bem... eu era uma estudante né. Me dedicava bastante nos meus estudos, quando eu engravidei aquilo foi como um baque na minha vida. De primeira eu não tive apoio do pai dela né então eu enfrentei minha gravidez sozinha, uma gestação complicada. Durante a gravidez eu não pude continuar meus estudos né, por conta da dificuldade de tanto da gravidade que era o meu estado eu tive uma gravidez muito complicada (...) a Ana Carolina nasceu prematura de 6 meses e minha vida mudou completamente, o cuidado com ela era muito intensivo e eu parei totalmente de estudar me dedicando somente a ela. Quem me apoiou foram meus pais.” (Regina, 34)

Ao longo dos séculos a família veio tomando novos formatos, principalmente devido à busca das mulheres por outros espaços sociais, inclusive o espaço universitário. Reis (2017) destaca:

A educação feminina é vista como fundamental para a independência das mulheres. A universidade, por sua vez, tem papel poderoso e de extrema importância no percurso da busca pela ascensão pessoal e profissional da mulher, tornando-se um suporte para alcance deste objetivo (REIS, 2017, p. 21)

Além da universidade ser um espaço de produção de conhecimento, com a busca crescente das mulheres, à procura de sua emancipação, esse espaço passa a ter o desafio de acolher esse público feminino com suas particularidades. É de fundamental importância que o espaço universitário seja acessível e ofereça mecanismos de permanência para essas mães estudantes, pois com suas ocupações maternas, naturalizadas pela sociedade, a vida universitária torna-se mais difícil de galgar, principalmente quando os filhos estão em idade escolar, onde precisarão de muito apoio familiar, o qual muitas vezes apenas a figura materna é capaz de dar.

Nesse contexto a universidade tem o papel de não somente receber essas alunas, mas de garantir a permanência. Muitas vezes as poucas ações afirmativas de que elas têm direito, não ficam totalmente claras e não são cumpridas à risca. No caso de Adriane, que engravidou durante o curso, não recorreu, por exemplo, à licença maternidade porque ela teve a filha durante as férias. Quando as aulas iniciaram, ela faltou ainda 2 semanas, pois era o tempo que completaria os três meses, mas durante essas duas semanas ela entrou em contato com alguns professores para não colocarem falta e também contou com a ajuda dos colegas que lembravam os professores e lhe repassavam as atividades. Ela conta que a universidade não lhe repassou como que funcionava a licença e o que ela ficou sabendo foi por meio de uma colega do curso, a qual já tinha passado por essa fase de licença maternidade. Então aqui vemos que tudo ocorreu informalmente e com a rede de apoio dos colegas que a mantinham informada sobre atividades e trabalhos.

A Lei nº 6.202/75 garante às estudantes grávidas, a partir do oitavo mês de gestação e durante três meses a assistência pelo regime de exercícios domiciliar instituído pelo Decreto lei número 1.044, 21 de outubro de 1969 (BRASIL, 1975). Apesar de não ter usufruído esse direito, ela conta que isso não a prejudicou porque a filha nasceu durante as férias. Ela afirma ainda que o contato com os professores foi tranquilo, conseguiu falar com alguns por e-mail e outros por

intermédio dos colegas. Ao retornar à sala de aula Adriane conta que foi muito difícil, principalmente na parte da amamentação, ela afirma:

“como eu morava muito longe, era complicado levar a Bianca pra universidade... então eu preferia deixar o leite... e era o maior sacrifício pra tirar... e a minha mãe não gostava de dar o leite, porque ela achava que ia fazer mal pra Bianca... mas eu pesquisei muito, e fazia direitinho todo processo de armazenamento, mas ela não dava... quando eu chegava em casa o leite estava do mesmo jeito... eles preferiam dar o leite em lata... quase sem o meu consentimento. Em alguns dias da semana ela levava pra mim Bianca, pra amamentar lá na universidade... Bianca mamou até aos 4 meses, depois ela abusou.” (Adriane, 26)

Outras dificuldades foram surgindo à medida que Bianca crescia e que avançava nos períodos do curso. Logo que a filha completou os 3 meses ela já começou estagiar, então passava o dia fora, só a via ao meio dia e durante a noite.

“a dificuldade foi o distanciamento que eu tive da Bianca, a falta de contato, de convívio com ela. Eu nunca tive a experiência de ver alguma conquista da faixa etária dela, eu só escutava da minha mãe... então eu ficava muito chateada porque eu não conseguia conciliar essas três vidas, que era o trabalho, a federal, ser mãe... aí era muito difícil organizar meu tempo... e eu preferia dar maior tempo pro trabalho, porque eu precisava, era pouco o dinheiro, mas servia pra comprar muita coisa... então eu priorizava a vida do trabalho e a vida acadêmica... e como eu confiava que a minha filha estava com a minha mãe, aí eu acabava não dando tanta atenção para a Bianca... aí isso me prejudicou bastante como mãe, a falta desse convívio mais intenso com a minha filha.” (Adriane, 26)

Adriane conta que até hoje se culpa por ter cobrado tanto dela mesma e não ter sido mais flexível, de ter faltado mais, pois ela conta que dificilmente faltava, só em casos extremos. Dessa falta de relação com a filha, Adriane afirma que teve algumas consequências, ela conta que a filha não é muito carinhosa com ela, e sempre prefere o colo da avó,

“a confiança de mãe ela armazenou toda na minha mãe... então isso me deixa chateada, mas eu não deixo transparecer porque eu tenho medo de magoar minha mãe... porque eu dou toda razão pra Bianca ter tanto amor depositar tanta confiança na minha mãe, porque realmente foi ela que sempre esteve presente na vida da minha filha... e eu agradeço muito, mas é muito chato... eu sinto que o amor que ela sente é maior pela minha mãe, mas eu sinto que ela tem carinho por mim.” (Adriane, 26)

O processo de ser mãe, de assumir um papel sem abandonar os demais sonhos e metas é árduo para muitas mulheres universitárias. Não tem como separar uma da outra, pois estamos falando de uma só vida, que tem muitas responsabilidades. A mãe universitária não tem como separar a parte de mãe da parte de universitária, o que ela procura fazer é buscar a melhor

maneira de conciliá-las, de forma que as implicações de uma não a façam desistir da outra. É comum que ambas acabem por se fundir uma na outra, de forma que pareça natural. Nesse sentido é imprescindível que o ambiente familiar e universitário seja propício para que essas mulheres conciliem os papéis sem muitos traumas.

Ao ser indagada sobre o que a universidade deve fazer para que as mães universitárias sejam vistas, Adriane conta que em sua opinião a universidade tem o foco principal no jovem que acabou de sair do ensino médio, ela conta “*ficou engessada essa visão*”, ela afirma que existe outros públicos, que se interessam por entrar na universidade em busca de uma vida melhor:

“Eles precisam se preocupar com essas pessoas, dar condições para elas continuarem... então a pesquisa de vocês já é uma vitória para as mães. Os acadêmicos deveriam se interessar em fazer estudos pra mostrar que a gente está lá, que as mães estão lá, que os trabalhadores estão lá, e que a gente está lá porque a gente quer um futuro melhor e que precisa da compreensão deles.” (Adriane, 26)

Ela conta que soube do auxílio creche por sua colega de turma, mas que por receber o auxílio “Bolsa de Apoio Estudantil” (BAE) cedida pela PRAEC (Pró-Reitoria de Assuntos Estudantis e Comunitários - PRAEC/UFPI), ela não teve direito. Mas para ela esse auxílio que ela recebeu foi totalmente para ajudar com as despesas da Bianca, enxoval, fraldas e leite, e que de certa forma esse auxílio foi um meio de garantir sua permanência na universidade.

Ao falar dos colegas Adriane conta que sempre recebeu apoio deles, sempre se sentiu acolhida, que eles eram bem compreensíveis quando ela precisava faltar ou se atrasar. Sempre foram muito carinhosos com sua filha Bianca quando tinha que leva-la à aula:

“No meu grupo eu nunca senti esse sentimento de exclusão. O que me chateava às vezes era a questão das pessoas não perceberem que a gente que é mãe, que estuda e trabalha sofre para conseguir manter essas vidas.” (Adriane, 26)

Quando pondera sobre a falta de sensibilidade de alguns, Adriane se refere ao posicionamento de colegas que eram solteiros, não tinham filhos e que colocavam muita dificuldade para realizar determinados trabalhos acadêmicos. Nesse sentido, é notório a desigualdade, principalmente no que se refere às cobranças que são feitas durante o curso, pois todos são vistos de igual modo, porém suas trajetórias são marcadas pelas enormes diferenças.

Adriane sentiu algumas vezes que não ia conseguir dar conta da vida acadêmica por conta das responsabilidades de mãe, ela afirma:

“tive esse sentimento, que eu não ia conseguir conciliar nada, que eu não ia conseguir ter bons resultados quanto ao estudo, quanto a ser mãe, como profissional... era muito cansativo pra mim, mas eu tentava colocar a cabeça no lugar e tentava dar o máximo de mim... e acredito que eu dei conta, mas a dimensão que eu percebo que eu sofro até hoje as consequências é a questão da criação da minha filha... mas na universidade e no campo do trabalho eu acho que eu dei o melhor de mim e consegui bons resultados.” (Adriane, 26)

Ela conta que por causa dessa rotina, muitas vezes se sentiu sobrecarregada, pois ela acabava ficando com mais responsabilidades do que alguns colegas que não tinham uma rotina tão ocupada. Por não ter tempo para estudar durante o dia ela tinha que estudar à noite e pela madrugada, e nos fala que: *“sempre eu fui muito preocupada em ter que entregar tudo no prazo, tudo certinho”*.

Atualmente Adriane está apenas com a disciplina de prática e pesquisa III, na qual está finalizando seu TCC e até o momento estava tudo tranquilo, mas sabe que logo ela estará na correria dos estudos novamente, e sabe que novamente vai precisar da ajuda da família, os quais já estão avisados. Ela reafirma que tem total apoio dos pais, sua mãe a ajuda muito com os cuidados da filha, e seu pai é o maior incentivador psicológico.

Quando indagada sobre os prejuízos que as atividades acadêmicas causaram no seu relacionamento familiar, ela afirma:

“os meus afazeres acadêmicos prejudicaram muitas vezes a minha relação com a família, com a Bianca e com marido. Eu chegava a colocar muitas vezes essas atribuições acadêmicas em primeiro lugar. Eu coloquei o curso, durante esses 4 anos, na frente, em primeiro lugar. Eu sinto que isso prejudicou o convívio com a minha filha.” (Adriane, 26)

Normalmente a mãe universitária precisa se dividir para conseguir conciliar a maternidade e universidade, e com as poucas políticas de permanência que a universidade dispõe, dificilmente essa divisão será justa, geralmente uma das áreas ficará prejudicada, tendo que ser compensada com outras ajudas, das quais algumas mulheres não têm, que é o apoio familiar.

Para Rosa, que entrou recentemente no ensino superior, com os filhos nas idades de 3 e 5 anos e já casada a 8 anos, os problemas e as dificuldades são também desafiadores. Ela conta que se sente sobrecarregada com os afazeres domésticos, com a função de mãe, e com as atividades acadêmicas. A aula do filho Lírio é no mesmo horário que as aulas dela, e ela tenta assistir as duas ao mesmo tempo. Como as aulas da faculdade são gravadas, ela pôde depois retornar para ver o que ela perdeu.

Apesar do pouco tempo de aulas presenciais, Rosa afirma que conseguiu fazer amizades no curso. Ela conta que é uma pessoa muito fácil de fazer amigos e que se dá muito bem com todos, mas os amigos, apesar de saberem que ela é mãe, não sabem da sua vida.

É fato que as mães universitárias passam por muitos desafios para conseguir concluir o curso. Enfrentam medos e julgamentos que só elas sabem o quanto pode prejudicar ou não o rendimento acadêmico. Quando indagada sobre o maior obstáculo para conciliar a vida universitária e a de mãe, Rosa responde:

“enquanto mãe eu tenho medo de ficar ausente na vida das crianças, me dedicando demais à universidade. Enquanto universitária eu tenho medo de não cumprir as minhas obrigações, eu já não consigo (cumprir), eu tenho muita coisa pra ler e eu nunca consigo, às vezes eu tenho que ir até de madrugada.” (Rosa, 37)

Rosa afirma que sua prioridade sempre foi as crianças, se tiver que escolher entre algo da universidade e algo das crianças, sempre vai ser as crianças. Notamos que por mais que a sociedade venha se reconstruindo, são as mães que carregam a maior responsabilidade sobre os filhos. Geralmente é ela Rosa quem decide e resolve com quem as crianças vão ficar enquanto estuda, em deixar tudo feito para as crianças e para o marido, para depois ter o direito de estudar. É uma relação arcaica que se modernizou.

Sobre os prejuízos acadêmicos por conta da demanda em casa Rosa afirma que: *“Não está sendo como eu queria não. E principalmente nesse online, aí que eu não consigo mesmo reter. É diferente, eu me distraio demais com as coisas daqui, com as crianças e online que é difícil mesmo.”* Quando perguntada se já teve que recorrer a algum professor para falar da sua situação, das múltiplas tarefas, e por consequência o baixo rendimento acadêmico, a mesma relata que não chegou ao ponto de ir atrás. Apesar disso, ela afirma que já pensou em dialogar com um dos docentes sobre isso, pois ela gosta de ler as apostilas e estar presente durante as discussões sobre os textos. Ela se cobra por isso e diz:

“eu fico nervosa, ansiedade bate eu fico péssima por não conseguir dar de conta. A sensação é horrível. E quanto mais acumula e tá chegando a hora da aula e eu vejo que eu não vou conseguir ler uma página, aí que eu fico nervosa mesmo. Tem horas que eu choro antes da aula por que eu não consigo”. (Rosa,37)

Rosa fica muito emocionada ao falar dessa situação em que se encontra, em ter que lidar com múltiplas tarefas e não estar conseguindo conciliar da melhor maneira. Ela comenta com o marido sobre essas dificuldades, todavia, não tem um retorno positivo de compreensão e disponibilidade em grande parte.

No caso de Luana, que tanto experienciou engravidar durante o curso, como também já era mãe antes de entrar, ela tem propriedade para falar das duas situações. Infelizmente sua segunda gestação foi muito difícil, pois sua bebê acabou falecendo após o parto. Sobre a situação de ter engravidado durante a vida acadêmica, Luana afirma que: *“foi desesperador”*. Sua primeira gestação foi planejada, houve um tratamento durante 3 anos para que a gravidez acontecesse, mas de sua segunda gestação, a qual ocorreu durante o curso, não foi planejada e comenta: *“fiquei desesperada, fiquei desanimada, porque eu não dava conta de fazer os trabalhos, deu sim muita vontade de desistir... pra mim eu achava que estava indo tudo bem, depois que eu engravidei parece que tudo deu errado”*, afirma Luana.

Sobre os colegas, Luana conta que nunca se sentiu rejeitada, na maioria das vezes teve o apoio:

“Quando eu entrei pra faculdade eu só tinha um medo: da rejeição, da solidão, porque eu já entrei tarde, não foi na idade que as pessoas costumam entrar, entrei quando os meus colegas já estavam formados. E eu tinha muito medo, principalmente do TCC. Eu tinha medo de não fazer amizade porque todo mundo era mais novo. Mas quando eu entrei eu vi que tinha pessoas de idade paralela à minha, algumas mais velhas, aí eu fiquei mais tranquila. Em relação às atividades a universidade me apoiou muito, principalmente quando tive a Lavínia, quando eu fiquei de resguardo... eu nunca me senti desamparada. Os meus professores sempre foram maravilhosos, tiveram paciência comigo pra entregar trabalho, não posso reclamar de nada. Meus colegas sempre me apoiaram, em todos os aspectos mesmo, eu nunca passei por nada (de me sentir desamparada, excluída).” (Luana, 31)

Diferente de Adriane, Luana conta que teve muito apoio da universidade. Ela afirma que apesar da aceitação e apoio dos colegas, já aconteceu algumas (poucas) vezes perceber o incômodo deles por ter que faltar a algum compromisso da universidade, mas algo muito irrelevante e que não a afetou em nada, porque ela sabe que tem se esforçado ao máximo para cumprir com todos os compromissos como aluna, somente falta aula em casos extremos. Luana conta que seu psicológico também foi muito afetado. Ela conta que sempre fez o possível para estar presente em reuniões da universidade, a cooperar nas atividades em grupo, sempre evitou deixar seus colegas na mão. Porém ela afirma que

“em alguns momentos eu fiquei de lado, e isso foi o que mais me abalou. Já é uma coisa da minha vida... eu sempre senti medo da rejeição, de ser excluída... e quando isso acontecia na universidade era um balde de água gelada que caía na minha cabeça... eu já chegava em casa chorando, já ficava desanimada. Aí sempre o Robert dizia: ‘Lu, eu vou lhe ajudar’, ele se esforça, mas ele também não tem tempo... e aí acabava que eu passava por cima de mais uma coisa... mas afetou muito o meu psicológico... foi uma das coisas que mais me desanimou... essa questão de ter que fazer trabalho só.” (Luana, 31)

Pelo fato de ser mulher, mãe, preta, oriunda de escola pública, Luana afirma que não se sente em desvantagem por essas condições. Sabemos o quão dificultoso é entrar no ensino superior público, com alta disputa e poucas vagas, e quando se fala nas pessoas advindas de situações desvantajosas em relação a outros, essas dificuldades aumentam. Segundo Gomes (2020)

Nos últimos anos, em razão de políticas públicas de ação afirmativa, ocorreu uma transformação no ensino público universitário, rompendo com as dimensões historicamente excludentes de um modelo de educação superior, marcado por padrões colonialistas, com uma expressiva inserção de estudantes oriundos das camadas populares, ainda que não estivessem preocupados por assegurar a permanência dessas populações no espaço educacional. A inserção dessas mulheres em universidades, particularmente nas de caráter público, vem intensificando a discussão do papel destas enquanto ambiente de desenvolvimento. (GOMES, 2020, p. 23)

A entrada dessa mulher é o reflexo da mudança da sociedade e das políticas desenvolvidas ao longo dos anos em nosso país. Porém o que deve ser refletido em diante é a questão da garantia desse público. Sobre isso, Luana afirma:

“eu já entrei com vantagem de conseguir (entrar na universidade). Do contexto social que eu venho, eu considero que eu venho com uma vantagem de conseguir estudar, mesmo com todas as dificuldades que eu já enfrentei. Posso não ter uma base intelectual como muitos lá dentro, que tiveram um estudo regular... mas eu sou muito esforçada, tenho muita força de vontade pra aprender, e mesmo que eu não aprenda tudo, pelo menos eu tento... quando eu tento comentar que pra ‘fulano’ é mais fácil porque não tem filho, aí eu vou e penso ‘não, não é assim, cada um tem o seu jeito, cada um tem sua vida, tem seus problemas e eu sei o peso que é pra mim’... mas eu vou dizer pra vocês que meu maior peso não é nem a maternidade, mas é a questão de ter responsabilidade no casamento, nessa questão de ter que estar tudo pronto pro marido quando ele chegar. O meu marido não aprendeu a fazer nada, porque ele diz que é da cultura da família dele, que homem não fazia nada. Então pra mim, ser mãe, é fichinha na frente de ser esposa.” (Luana, 31)

Diante disso, segundo Ribeiro:

Torna-se visível o quão perverso, machista e racista se faz o contexto de entrada e permanência das mulheres no âmbito do mercado de trabalho e ensino superior brasileiro, de tal maneira que é importante reforçar que a luta das mulheres mães e negras nas Universidades Públicas brasileiras, é ainda mais árdua do que das mulheres brancas. Exposta esta conjuntura de desigualdade de gênero e raça, é importante sinalizar as influências contemporâneas no papel social da mulher. (RIBEIRO, 2016, p. 24)

Ela conta ainda que evitava falar com os colegas de classe sobre sua condição e sobre as dificuldades no cotidiano da casa e da faculdade, no intuito de evitar algum tipo de discurso de vitimismo, apenas com as colegas mais chegadas ela desabafava.

“Eu acredito que ali todo mundo tem problema, todo mundo se esforça, alguns tem mais problemas que outros... então são coisas que a gente se priva de falar... principalmente a gente que já tem uma cor mais escura.” (Luana,31)

Assim como Luana, tem muitas mulheres que evitam falar de sua condição para não se passar por vítimas. Dessa forma, acabam se silenciando, se sobrecarregando. O que é muito prejudicial, pois é através de nossa voz, de nossas experiências que podemos lutar para que outras mulheres não passem pelo mesmo que passamos, para que elas encontrem maior apoio da universidade. E quando nos silenciamos, não somos vistas. Muitas mulheres acabam desistindo durante o curso, pois não encontram apoio familiar, universitário, nem da sociedade, nem dela própria, pois acaba se envergonhando da situação.

Sobre a questão de ser mulher, mãe e universitária, Luana percebe, em seu convívio em sala de aula, que sempre tem uma certa cobrança, é como que para que elas tenham o direito de estudar precisam primeiro dar conta das outras obrigações, *“deixar tudo pronto pra não ter reclamação depois; então existe sim essa sobrecarga em cima da mulher”*, afirma Luana.

A constituição da família de cada mulher que vive a maternidade e é estudante, para Ribeiro (2016), tem ligação direta no tipo de dificuldade que a mesma se vê em dar conta das demandas de estudos e da vida materna.

Luana conta que nunca sofreu ou percebeu algum tipo de preconceito dentro da universidade, ela afirma que:

“tudo de ruim que eu já senti, do externo, foi na família do Robert. Eles eram acostumados com pessoas de curso superior mais concorridos, direito, arquitetura e medicina; os homens a procurarem mulheres já formadas, loiras... e eu era simples, de uma realidade completamente diferente...foi um choque de realidade social muito grande.” (Luana,31)

Luana tenta não incomodar a família do esposo, nem a dela, quando se fala sobre o filho. No geral a responsabilidade é sempre do casal, em poucas ocasiões, apesar de precisar mais vezes, foi preciso deixar o filho com outras pessoas enquanto estava na universidade. Geralmente ela preferia levar o filho para universidade, caso precisasse.

Luana afirma que muitas vezes pensou em desistir da universidade, por conta de não ter os resultados esperados, *“há um desânimo”*, afirma. *“Tinha dias que eu tinha que escolher; ou eu fazia o trabalho do Luan, ou eu fazia o meu. A gente nunca quer que o filho da gente fique por baixo dos outros”*, diz Luana. Ela conta que certo dia tinha um trabalho muito importante para fazer e Luan tinha que ir fantasiado para a escola. Sem dinheiro para comprar a fantasia ela teve que fazer uma, costurada à mão, de TNT para o filho, e isso lhe ocupou a manhã inteira,

acabou levando bronca do marido por conta que se atrasou e a criança quase perdeu o horário de ir para a escola. Nesse dia ela não foi para faculdade. Ela relata o seguinte:

“eu não fiz o que era pra ter feito (o trabalho da universidade) e estava muito triste porque peguei essa bronca (do marido) porque eu não consegui dá conta, mas quando o Luan chegou da escola ele falou assim: ‘mamãe, a minha fantasia foi a melhor de todas’, aí pronto, eu fiquei feliz, valeu tudo o que eu passei durante o dia.” (Luana, 31)

Também sendo mulher preta e mãe solo, Regina lida com várias tarefas no dia a dia para conseguir conciliar suas múltiplas jornadas. Ela confessa que já teve atrasos nas atividades da graduação:

“já. Isso já aconteceu. No caso eu fiquei um pouco atrás em uma matéria por que eu não tinha condições de estar presentes em reuniões do grupo e isso me deixou muito ééé... abaixo do que estava acontecendo dos assuntos e mesmo que eu tentasse estudar eu não estava conseguindo acompanhar eee... foi até uma matéria que eu fiquei realmente com a nota muito baixa por conta disso e também nesse período do namoro que tive mais problema por conta também da aceitação do meu grupo. Algumas (pessoas) achavam que eu não tava indo por que eu não queria ir que todo mundo tem problemas, mas todo mundo dava um jeito. Mas no caso não é só dar um jeito é todo um processo. Realmente muitas pessoas não compreenderam essa parte.” (Regina, 34)

Através da fala da entrevistada, percebemos mais uma vez como histórias de mulheres como Regina são invisibilizadas pela universidade, tornando assim um processo mais longo e doloroso para muitas delas. É válido ressaltar que muitas não conseguem chegar até o fim da jornada tendo que desistir em alcançar seus objetivos durante o percurso acadêmico.

No caso de Regina, por ser uma mãe que não tem os pais das suas filhas no dia a dia de maneira conjugal ou não, já traz uma carga de preconceitos com essa mulher que tenta sozinha estar presente no ambiente familiar mesmo que muitas vezes sobrecarregadas. Há uma romantização extrema no que diz respeito a essas mães com esse perfil como “mãe guerreira” e “pãe”, mesmo sabendo que essa última impõe uma função que não cabe a mesma enquanto mulher que materna, causando uma sobrecarga feminina sem precedentes. Esses rótulos também acompanham essas mães na universidade seguidas de admiração ou pena. Como Luzia nos afirma:

“sim, meus colegas lá da sala, eles assim muito bom. Assim... eles nunca falaram nada e nunca fui constrangida dentro da universidade não, eles ficam até admirados de ser mãe de 3 filhos e ficar estudando e não atrasar trabalho e me envolver em outras áreas também e gosto de estar envolvida, mas queria me dedicar mais às vezes eu mesmo me cobro disso.” (Luzia, 31)

É preciso investir em políticas públicas efetivas que essas mulheres deixem de ser apenas lembradas como forma de admiração pelo esforço e a dor que é ter que lidar com tantos preconceitos e cobranças. A universidade como um todo deve garantir a essas mães ferramentas e oportunidades para prosseguir nas suas atividades acadêmicas.

Mulheres negras como Luana e Regina socialmente sentem dificuldades de se manterem em uma posição de protagonismo e estar em um mesmo patamar que as demais mulheres ditas brancas. É sabido da grande lacuna existente para que mulheres como essas cheguem nas universidades e sejam mães sem tantos transtornos. Se faz presente uma reflexão em torno da interseccionalidade diante dessas estudantes de características plurais.

O termo interseccionalidade deriva do pensamento da feminista norte-americana Kimberlé Crenshaw, a partir de um artigo produzido por ela intitulado, *Desmarginalizando a intersecção de raça e sexo: uma crítica feminista negra da doutrina antidiscriminação, teoria feminista e políticas antirracistas*, de 1989. Crenshaw, utiliza esse método para debater as violências contra a mulher negra dentro do seu meio social. No ano de 1991, a autora trouxe novamente o conceito por meio da publicação *Mapeando as margens: interseccionalidade, políticas de identidade e violência contra mulheres de cor, discutindo e descrevendo sobre o lugar intersecção de mulheres negras e sua marginalização estrutural*. Segundo ela:

desde então, o termo demarca o paradigma teórico e metodológico da tradição feminista negra, promovendo intervenções políticas e letramentos jurídicos sobre quais condições estruturais o racismo, o sexismo e violências correlatas se sobrepõem, discriminam e criam encargos singulares às mulheres negras. (CRENSHAW, 1991, p. 54)

Ainda sobre esse conceito:

centrarei as mulheres negras nesta análise a fim de contrastar a multidimensionalidade das experiências das mulheres negras com as análises de eixo-único que distorcem tais experiências. Esta justaposição, não apenas revelará como as mulheres negras são teoricamente excluídas, como também ilustrará como esta estrutura comporta sua própria limitação teórica que minam os esforços para ampliar as análises feministas e antirracistas. (CRENSHAW, 2002. pp. 139-140).

Essa percepção visualiza categorias excludentes (racismo e sexismo), que dificulta para que haja maneiras de enfrentamento das opressões estabelecidas. Toda essa problemática sobre intersecção é vista teoricamente como identificador de sistemas opressores, no que diz respeito a raça, gênero e classe dessas mulheres.

Os colegas de classe e professores são fundamentais no caminho acadêmico dessas mulheres, tanto positivamente, como negativamente. Em relação aos professores Regina comenta que:

“sim. Algumas vezes eu já entrei em contato com professores para justamente pedir um pouco mais de tempo ou então remarcar caso eu não estivesse preparada e remarcar para uma outra data a entrega de trabalhos.” (Regina, 34)

Ela traz seu ponto de vista sobre os colegas de turma dizendo:

“sim. Eu tive muitos amigos, pessoas que me deram apoio são justamente essas pessoas que pra mim vem como um incentivo para que eu possa continuar né. Eu até vejo como a maioria os que apoiam e aquela minoria tipo bota aquela coisinha pra te botar pra baixo.” (Regina, 34)

Dito isto, a rotina de estudos de Regina antes e durante a pandemia acontece da seguinte forma, segunda ela:

“Agora nessa (pandemia)... eu tenho estudado bastante principalmente no que diz respeito ao desenvolvimento infantil e agora como tem as aulas remotas eu tô acompanhando, fazendo grandes leituras né dos trabalhos que professores estão enviando das matérias e mesmo aleatoriamente eu busco um tema para eu estudar e é assim. Mudou praticamente nada na minha rotina.” (Regina, 34)

“Elas ficam mais aqui comigo, aí cada uma delas tem um quarto, tem seu equipamento para estudo só a Valquíria que eu tenho que tá mais presente né mas sempre tem uma atividade para fazer a Ana Carolina já é dela, já tem aquele esquema de estudo aí eu fico tranquila. Se eu vou ter uma aula online agora, elas já sabem e é cada uma quietinha.” (Regina, 34)

A mãe de Regina é sua maior incentivadora para que ela não desista da universidade, relembrando todas as dificuldades na qual a entrevistada já passou durante esse percurso. Para conciliar a vida acadêmica e a de mãe, algo que poderia contribuir, segundo ela:

“Algo que iria me ajudar e algo que iria me deixar tranquila é éé... seria no caso se tivesse uma escola bem próxima da universidade que elas estudassem no mesmo horário né tipo, eu vou estudar de manhã e elas vão estudar de manhã também e não teria preocupação enquanto o horário. Eu sabia que elas estavam na escola né isso é algo me deixa mais preocupada, do meu horário não ser compatível com o horário delas.” (Regina, 34)

A entrevistada é indagada se sente falta a presença masculina no seu cotidiano para administrar suas demandas juntamente com suas filhas. Regina responde que:

“Eu não sinto falta. Acredito que, assim eu não digo por mim eu acredito que eu sinto, eu tenho suprido esse papel, essa falta essa lacuna que ficou eu sempre tô tentando é de sempre o meu melhor como mãe tanto no que diz respeito ao papel do pai e da mãe né (risos) eu faço os dois papéis juntos, eu acredito que está dando certo.” (Regina, 34)

Para Regina a pandemia afetou nos estudos tanto dela como das filhas e que: *“se desorganizou só na questão que no mesmo horário do meu estudo é o mesmo horário delas e aí geralmente dá esse choque, mas tirando isso não teve grande impacto.”*

O momento que Luzia pensou em desistir foi quando a mãe faleceu, onde ela diz:

“meu deus e agora quem vai ficar com meus filhos pra mim poder estudar entendeu por que ela que me dava esse suporte né aí eu pensei em desistir do curso, mas, assim, por um momento meus colegas me deram muita força, a Eduarda, o Sávio o e Walisson diziam: ‘Não Luzia! Não desiste!’. Eu tive sorte de encontrar amigos muito bons na universidade que eu quero levar para vida toda.” (Luzia, 31)

Diante dessa fala, é importante perceber o apoio dos colegas de turma para que a entrevistada não desistisse dos seus objetivos mesmo diante de momentos difíceis em que Luzia se encontrava enlutada em decorrência da morte da mãe. É de grande valor as relações existentes entre colegas de curso, pois, a partir disso, logo surge um vínculo de afetividade e cumplicidade que faz com que seja possível a continuidade nos estudos mesmo diante da realidade de uma mulher que é mãe e lida diariamente com tantas dificuldades e muitas delas de forma solitária.

Quando Luzia foi indagada se sofre algum tipo de pressão para que desistisse da universidade ela conta que:

“não, só que às vezes a mamãe e o papai falavam quando me viam muito aperreada e a gente com os trabalhos fora né e aí tem gente tem que sair, aí eu saía tomava banho e nem comia direito e já tinha que sair de novo pra universidade né aí às vezes ela via e era por causa do meu cansaço aí eu acho que ela via aquilo ali, aí ela ficava falando mas era só isso e eu sabia que era de brincadeira e eu dizia a mãe não vou desistir não eu cheguei até aqui aí desistir...” (Luzia, 31)

Os filhos nunca se intrometeram na vida acadêmica de Luzia, acreditando que ela é exemplo em tudo que ela se dedica e luta, dizendo: *“eu creio que seja um incentivo para eles para poder buscarem também esses objetivos meu filho já fala, a Luiza também já fala ‘ah eu poderia entrar na faculdade.’”*

Antes da pandemia que assolou o mundo, o cotidiano acadêmico de Luzia não era tão afetado pela vida familiar somente em algumas situações por conta de saúde, como por exemplo: algum momento que a filha está em crise epilética. Ela afirma:

“Só quando eles (filhos) adoecem mesmo, agora questão para poder auxiliar nas atividades não aconteceu isso não só em caso de doença, aí que eu me desligo um pouco da universidade, que eu não tenho cabeça não. Até não consigo me concentrar pra ler, fazer nada!” (Luzia, 31)

Em certos momentos deu mais prioridade para os filhos do que para as atividades acadêmicas e vice-versa. Ela procura sempre se adiantar os estudos da graduação tendo o apoio dos colegas por conta das suas atribulações dizendo aos colegas:

“eu tive que abrir algumas coisas aqui de casa para eu poder cumprir, fazer o trabalho e eu sou muito assim, quando que tem alguma coisa pra fazer eu tenho que fazer logo, até os meninos falam assim: ‘calma luzia, calma!’ Aí eu digo assim ‘minha gente quanto mais terminar melhor pra mim vocês não entendem não a minha correria não.’” (Luzia, 31)

Aqui, vale lembrar que tanto Luzia, Regina e Adriane vivem uma perspectiva semelhante, pois ambas têm baixa renda familiar, girando um pouco mais de um salário mínimo e assim fazem surgir o perfil de muitos educandos e educandas nas graduações que passam por dificuldades de ter acesso às informações nesse período de pandemia sendo um fator que desfavorece o bom desempenho acadêmico. A universidade procura, a partir de seus programas de assistencialismo fazer com que essa lacuna deixe de existir ofertando auxílio inclusão digital na qual Luzia requereu para ter uma maior oportunidade no acompanhamento dos seus estudos.

“assim... porque dentro da universidade as bolsas que eu conheci, eu consegui comprar uns equipamentos de estudo um notebook que eu não tinha sabe. Eee... a universidade pode exigir muito da pessoa, mas também temo lado bom gente. Eu tive a oportunidade de ganhar as bolsas do Pibid (Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência), de Auxílio estudantil (BAE) e agora tem o Residência Pedagógica e também tem que eu tô concorrendo que foi deferido a do MEC que é o auxílio internet.” (Luzia, 31)

“sim, porque além de comprar o equipamento de estudo né notebook, celular, essas coisas que a gente precisa também, ajuda nas contas, alimentação aqui de casa entendeu. E foi muito bom e tá sendo e agora eu consegui do Residência no momento que a gente tá precisando muito.” (Luzia, 31)

Luzia está complementando a renda com o auxílio emergencial, programa no governo federal para amparar alguns brasileiros nessa situação de pandemia. Regina já não foi

contemplada em nenhum desses benefícios porque já conta com um auxílio recebido pela filha. Adriane também, assim como Luzia, conseguiu receber o auxílio emergencial por alguns meses e obtiveram a BAE que contribuiu para melhor desenvolvimento acadêmico, dentre outros benefícios. Luana e Rosa possuem renda acima de um salário mínimo e não estão de acordo com a necessidade de angariar esse tipo de benefício.

O ensino superior vem sendo um ambiente de democratização para que as desigualdades sociais sejam amenizadas. Pensando nisso, a inclusão desses estudantes acontece a partir de programas de assistência estudantil para contribuir na vida acadêmica desses educandos em vulnerabilidade socioeconômica, porém, existindo uma lacuna do que diz respeito apesar de nem todos serem contemplados.

Estar em vulnerabilidade socioeconômica significa dizer de maneira multidimensional os processos pelos quais os sujeitos atravessam dependendo de fatores como: discriminação, exclusão ou a deprimente enfraquecer de pessoas e grupos, a partir de circunstâncias de: crises econômicas que afetam a população principalmente a pobre, baixa escolaridade, pouca instrução cultural, localização geográfica com habitantes vivendo sem situações de fragilidade (KAZTMAN, 2001).

O programa Nacional de Assistência Estudantil (PNAES), por conta da aprovação do decreto 7.234/2010, causou maior visibilidade no que tange a assistência que existe desde os anos de 1930. Esse decreto prioriza atender estudantes que tenham o perfil desejado e que tenham origem da rede pública com renda até um salário mínimo e meio per capita (BRASIL, 2010).

Ser mãe universitária, percebemos pelos relatos colhidos, que é um misto de sentimentos. Hora se cobram por ter que estudar, hora para dar atenção e cuidar dos filhos. Hora se culpam, hora culpam os outros. Não há uma fórmula para enfrentar tudo, mas há mecanismos de ajuda, na qual todas devem ter acesso.

3.2.2. Enfrentamento dos obstáculos

As mães-universitárias precisam enfrentar muitos desafios para cursar uma universidade. Já não é fácil desempenhar o papel de mãe em nossa sociedade, a qual espera sempre muito mais da mulher do que do homem a responsabilidade parental, e quando se trata de conciliar a vida de mãe com a de universitária, os desafios são ainda maiores. Há de certa forma uma cobrança por parte dos núcleos que cercam essa mulher, seja a família, cônjuge, amigos, igreja, universidade, e a própria cobrança dela sobre ela mesma, a qual é mais oculta e gritante ao mesmo tempo. Segundo Gomes (2020)

A vivência da **maternidade** na vida de mulheres que fazem carreira no contexto acadêmico traz uma série de dificuldades, especialmente aquelas relacionadas ao preconceito de gênero e ao processo de conciliação entre maternidade e vida acadêmica, o que já não ocorre entre os homens, que tendem a ascender mais rapidamente. (GOMES, 2020, p. 22)

De certa forma as mulheres têm uma sobrecarga que se torna mais cansativa, pois não é apenas o físico que se desgasta, mas também o emocional - psicológico que acabam sendo abalados por essa pressão em torno dela. Sobre a questão de ser mulher, mãe e universitária, Luana percebe, em seu convívio em sala de aula, que sempre tem uma certa cobrança, é como que para que elas tenham o direito de estudar precisam primeiro dar conta das outras obrigações, *“deixar tudo pronto pra não ter reclamação depois; então existe sim essa sobrecarga encima da mulher”*, afirma Luana. Percebemos que para mulher estudar, ela não pode abrir mão de suas outras responsabilidades, é um efeito cumulativo, a qual ela deve dar conta, não importando como.

Quando indagada sobre o maior obstáculo a ser superado na relação de conciliação entre a vida universitária e a de mãe, Luana afirma:

“não é querendo romantizar a maternidade... pra mim foi bom porque foi muito difícil terminar o ensino médio, fazer o enem... então eu entrar na universidade federal pra mim foi um presente de Deus, porque eu não tive preparo, eu não tive base... e eu tenho colegas que estudaram em colégios caros, bons, que nunca conseguiram entrar numa universidade federal... então eu me sinto privilegiada por ter conseguido... e tudo que veio depois disso eu fiz com um sorriso no rosto, por estar dando um passo a mais... mas a maternidade é um evento muito difícil pra mãe seguir juntamente com uma criança, porque a criança é dependente da gente 100%... então pra mim os obstáculos maiores são as redes de apoio, que muitas mulheres têm, mas muitas não têm, e eu estou incluída nessa categoria que não tem rede de apoio.” (Luana, 31)

Conciliar a universidade com o trabalho de administrar o seu negócio, ser gestora de uma escola de educação infantil, na opinião de Luana foi horrível, porque ela tinha que se dividir entre estudar e estar presente na sua empresa, e por isso se sentia cobrada, até mesmo pelas próprias funcionárias, que acabavam não entendendo.

Luana afirma que tenta fazer um cronograma para melhor administrar seu tempo, de forma que tenha tempo para casa, para o filho, para o marido, para os estudos, para o trabalho. Ela costuma anotar na agenda o que vai fazer no dia seguinte, mas ela conta:

“na prática é totalmente diferente... meu psicológico já está por um fio... eu não estudo na hora que eu programei... na prática eu começo estudar 1 hora da manhã e, às vezes eu levo até às 4 da manhã, quando eu vou parar já está

amanhecendo o dia... aí isso me prejudica muito durante o dia... o meu cronograma”.(Luana,31)

Com a pandemia, seu cronograma bagunçou mais ainda, pois veio mais preocupações, principalmente no que se refere ao financeiro da escola. Sua rotina também mudou, pois com a escola fechada passou a não ter um horário certo para acordar, com isso acordava e dormia mais tarde. No que se refere à relação com seu filho, Luana conta que com a pandemia ela passou a ter mais tempo com ele, mas afirma:

“eu não acho muito positivo, porque mesmo na minha correria, eu tinha meu tempo com ele. Eu não sei se está sendo muita vantagem passar muito tempo com ele, porque eu fico fazendo minhas coisas e ele fica na aula, ele tem aula a tarde inteira, de 1 às 5 da tarde... eu não estou achando vantagem nenhuma na pandemia.” (Luana,31)

Para Adriane, quando se fala sobre o maior obstáculo para conciliar a vida de mãe e estudante, ela afirma que: *“o maior obstáculo é conciliar o tempo, dividir esse tempo de forma igualitária, dá atenção para as duas vidas, que é a vida de mãe e de acadêmica.... foi a maior dificuldade... que me prejudicou bastante como mãe”*. Para contornar esse obstáculo, ela conta que procurou estudar à noite e pela madrugada. Com essa rotina, ela afirma:

“me sentia muito cansada com tudo que eu tinha que dá conta, tinha que dá conta de ser mãe, de fazer os artigos... durante todo o curso eu trabalhei mais com a questão da educação especial, porque eu tinha alunos especiais, fazia materiais pedagógicos fora à parte, então eu tinha que arrumar um tempo de produzir todo esse material, de estudar sobre as deficiências dele pra ser uma boa professora, logo eu não tinha experiência, então eu tinha que estudar... agora imagina tudo isso junto... então eu me sentia às vezes muito cansada, com vontade de desistir”. (Adriane,26)

Adriane conta que por não estar trabalhando ela pode se organizar melhor para dar conta de seus estudos e dos estudos de Bianca. Antes da pandemia, como foram poucos dias de aula para Bianca, e Adriane não tinha iniciado o período na universidade, ela conta que também foi tranquilo, ela conseguia se organizar

Rosa afirma que apesar de sua rotina cheia, ela sempre procurou se organizar para dar conta de tudo, das crianças, da casa e das atividades acadêmicas. Ela sempre procurou entregar seus trabalhos em dias, mesmo com todas as dificuldades: *“fica uns trabalhos mal feitos, não é como eu gostaria”*, afirma Rosa, onde confessa que seus trabalhos poderiam ser melhores se ela tivesse mais tempo e menos ocupações.

Sobre sua rotina de estudos, ela afirma: *“eu estudo quando dá. Não tenho uma hora certa. O meu dia não é só meu, eu dependo da aula dos meninos, de como eles acordam. Eu*

tento planejar como vai ser o meu dia, mas não sei como eu queria". Ela conta que tem pouco apoio do esposo, pois ele também tem suas atividades. Percebemos que por ser mãe e estudante ela se sente culpada e tem dificuldades em conciliar, o que não acontece com o esposo, o qual parece não enfrentar as mesmas dificuldades que a mãe, pois ele também estuda, mas consegue conciliar da melhor maneira, pois sabe que tem alguém para cuidar das crianças. Quando indagada sobre o maior obstáculo para conciliar a vida universitária e a de mãe, ela responde:

"enquanto mãe eu tenho medo de ficar ausente na vida das crianças, me dedicando demais à universidade. Enquanto universitária eu tenho medo de não cumprir as minhas obrigações, eu já não consigo (cumprir), eu tenho muita coisa pra ler e eu nunca consigo, às vezes eu tenho que ir até de madrugada." (Rosa, 37)

Observando todo esse cenário, os obstáculos diante de estudarem e serem mães ao mesmo tempo, essas mulheres encontram vários desafios específicos de acordo com as vivências de cada uma delas sendo seres plurais e que tem suas subjetividades, além do ser mãe e acadêmica. Para Luzia: *"Poder dar conta das coisas, tem que dar conta dos afazeres de casa para depois dá conta dos trabalhos da universidade."* Ser mãe estando em um curso superior: *"o ruim quando as crianças estão doentes, por que assim, eu não gosto de faltar aula e nem deixar de ir"*.

Os obstáculos são diversos para que essas mulheres com suas subjetividades e vidas completamente diferentes consigam administrar esses dilemas de se ter tantos prejuízos acadêmicos e até mesmo chegar a desistir. As pressões são muitas, mas elas se alimentam da vontade de progredir enquanto mulher, profissional e mãe.

3.2.3. Rede de apoio

A vida universitária exige muita dedicação. É um processo de aprendizagem que quanto mais a estudante mergulha, mais ela se constrói profissionalmente. Ao adentrar no curso superior essas mulheres vão se deparar com muitas leituras, trabalhos acadêmicos, congressos, estágios, etc., que tomam muito tempo delas. Quando se é mãe, o tempo torna-se limitado, visto que uma criança ocupa um espaço, que como dito anteriormente, na maioria das vezes a mulher é a única responsável por dar conta de suprir todas as necessidades dessa(s) criança(s). Segundo Urpia e Sampaio (2011) *"o fato é que são muitas as demandas acadêmicas que competem com as demandas rotineiras da maternagem: alimentar, cuidar, brincar, levar para a creche etc., tarefas nem sempre partilhadas entre os casais."*

Se faz muito necessário que essa estudante tenha uma rede de apoio em que ela possa confiar e acreditar que tanto ela quanto sua criança estarão seguras e amparadas. Esse é um ponto central para as mães universitárias entrevistadas. A falta e a presença de uma rede de apoio fazem toda a diferença nos resultados acadêmicos. No caso de Adriane que sempre teve uma boa rede de apoio por parte dos pais, ela também tem excelentes resultados, consegue entregar seus trabalhos bem feitos e no prazo. Para Luana e Rosa, que não tem uma rede de apoio, elas têm que priorizar os filhos e a universidade fica em segundo plano, e os resultados nem sempre são os esperados.

Luzia sempre procura dar enfoque nas demandas acadêmicas e na maioria das vezes se encontra distante da realidade do lar e escolar das crianças. Ela acredita que fazendo isso estará proporcionando uma vida melhor a família que é de baixa renda. Luzia é uma mulher bastante determinada e batalhadora em seus propósitos.

É na família que Luzia encontra o suporte que precisa para fazer suas atividades da universidade e estar presente em todos momentos. ao ser indagada sobre a divisão de tarefas na sua residência, Luzia fala da participação dos filhos no trabalho doméstico, sendo dividido entre os filhos e procura mostrar para o único filho que não existe tarefas domésticas só de meninas, até por que o marido também realiza algumas atividades para que o filho não se torne: *“um machistazinho mais pra frente”*.

Quando perguntadas dos maiores incentivadores para que continuem na universidade mesmo com tantas demandas que tem que enfrentar Luzia nos fala: *“A motivação e força de vontade vem de mim mesma”*. Já Regina comenta sobre fator dizendo: *“minha mãe. Para eu não deixar por que eu já tive vários problemas que me deixaram prejudicada em alguns momentos e ela sempre tá ali, caso eu precise de alguma coisa ela sempre tá ali me ajudando e me apoiando né.”*

Luana conta que até tentou formar uma rede de apoio, mas devido a uma situação que passou, ainda no início do curso, ela acabou se frustrando. Ela conta que precisou contar com a ajuda do irmão, o qual tem uma barbearia, para que ele pegasse o seu filho Luan na escola, o mesmo afirmou que assim como era importante para Luana estar na faculdade (realizando uma prova), para ele o trabalho também era importante e não podia fechar sua barbearia porque poderia aparecer algum cliente. Com essa situação Luana entendeu que:

“cada um tem que resolver os seus problemas... se meu problema era aquele, então eu que tinha que resolver. Quando deu 6 horas da tarde, o diretor me ligou perguntando se alguém ia buscar o Luan... aí eu fui buscar ele, fui chorando... aí pronto, a partir desse momento eu não fui esperar muito das

peessoas... então o maior obstáculo da mulher universitária e mãe é a falta de uma rede de apoio.” (Luana, 31)

Sobre sua rede de apoio Luana conta que sempre treinou o filho para ser independente, e que hoje, quando ela precisa resolver alguma coisa ele fica só. Mas quando ela precisa resolver algo mais demorado seu filho fica na casa do pai de Luana.

No que se refere ao apoio da universidade, Luana conta que sente falta de um espaço adequado para que as mães pudessem deixar seus filhos enquanto assistem aula, ela entende que deve ser algo com planejamento e organizado, mas ela afirma que se houvesse esse apoio *“com certeza muito mais mães teriam coragem de entrar em um curso superior e sair bem formada”*. No caso essa é uma questão que envolve outros departamentos e projetos que precisam ser pensados, mas que realmente se fazem necessário.

Já Adriane conta que a família sempre a apoiou, que nunca ela foi pressionada por eles para que largasse os estudos e cuidasse mais da filha e da casa, nem mesmo durante a gestação. Ela conta que até pensou em desistir, sempre recebeu total apoio dos familiares, apoio financeiro, de cuidados com a filha. Isso fez toda a diferença de tal forma que hoje ela se sente culpada por ter se dedicado tanto à universidade, ter colocado os estudos sempre em primeiro lugar, pois isso teve sérias consequências na relação de mãe e filha que hoje tem, a qual de certa forma, está sendo recuperada nessa pandemia.

Rosa não encontra apoio do marido em torno das suas atividades domésticas. Já em relação ao desempenho educacional dos filhos diante de tanta demanda em casa e acadêmica, a entrevistada afirma: *“eu me cobro”*. Ela acredita que poderia ser melhor o apoio educacional aos filhos que possibilita, afirmando: *“mas eu queria mais, acho que é isso é cobrar, eu ainda não estou satisfeita, eu acho que poderia ser melhor, por que tem horas que tô tão cansada e não consigo fazer as coisas do jeito que eu quero, que eu acho que tem que ser.”* Ela relata sobre a cobrança em relação aos dois filhos, porém, tem relaxado com as atividades escolares da filha nesse ano, cobrando mais do Heitor, segundo a mesma: *“por ele tá nessa fase de alfabetizar e tal... que ele tem que ser alfabetizado.”* Afirmando ainda que pelas limitações do filho, precisa de uma maior dedicação. Comenta em não ligar para cobranças externas e entende as necessidades principalmente de Heitor.

No caso de Rosa que tem um filho que está em observação, pois apresenta características de uma criança autista, é mais complicado, pois requer maior tempo e mais cuidados dela, e por não ter uma rede de apoio ela passa muitas dificuldades, pois o próprio esposo não aceita a condição do filho. Ela precisa urgentemente ser amparada, principalmente pela universidade, pelos professores e colegas de classe para que não desista.

As pessoas envolvidas produzem com essas mães estudantes fio condutores de experiências sejam elas de partilhas ou de conflitos, formam redes de cumplicidade e inquietações nesse processo (ROSSETI-FERREIRA, AMORIM, & SILVA, 2004). Urpia e Sampaio (2009;2008) corroboram com esse pensamento acreditando que a família, amigos e assistência estudantil são fatores que mantém possível a permanência dessas mulheres em ambiente acadêmico.

3.3.Patriarcado e sua influência no cotidiano feminino

Sabemos o quanto os papéis da mulher e do homem dentro da estrutura familiar vem se reconstruindo e o quanto a mulher tem lutado para assumir outros espaços além do espaço doméstico, porém Gomes (2020) afirma que “quando o assunto é maternidade, em um polo, observa-se uma estrutura machista e patriarcal que determina como dever exclusivo da mãe o cuidado com as crianças; no outro, a retórica de que a vida maternal é privada e que não cabe expor histórias, rotinas e intimidades”. É uma cultura que está fortemente enraizada em nossa sociedade, onde coloca somente sobre a mulher a responsabilidade pela ordem da casa e dos filhos. Sobre o patriarcado Weber (1964) vem conceituando-o como:

A situação na qual, dentro de uma associação, na maioria das vezes fundamentalmente econômica e familiar, a dominação é exercida (normalmente) por uma só pessoa, de acordo com determinadas regras hereditárias fixas (WEBER, 1964, p.184)

A situação da mulher em nossa sociedade sempre foi desvantajosa em relação ao homem. Este geralmente ocupa um lugar público de destaque, e a mulher fica com os afazeres domésticos, ou seja, as atividades privadas, as quais não são perceptíveis para quem não as desempenha.

Na maioria das entrevistas, é perceptível a relação de patriarcalismo dentro do núcleo familiar, onde a mulher desempenha todas as funções domésticas, os cuidados com os filhos, incluindo a educação escolar deles, e a figura do pai é vista como um coadjuvante dentro dessas responsabilidades, visto que é considerado como o maior provedor.

No que se refere às tarefas domésticas Luana afirma que teoricamente existe uma divisão dos afazeres, mas na prática não funciona, ela acaba se sentindo sobrecarregada, pois geralmente sobra pra ela essa responsabilidade. Sempre quando se sente cobrada por ele, ela acaba desabafando sobre essa situação com o mesmo, expondo seu pensamento e suas queixas.

Luana recebe o apoio do marido quando o assunto é a universidade, ele sempre a incentivou, porém ela não percebe uma ajuda quanto à organização e conciliação das tarefas de

casa com as da universidade, ficando mais a depender dela a organização do seu tempo para dar conta dessas responsabilidades. É perceptível que Luana toma conta da maior parte dos cuidados da família, apesar de ter seu próprio empreendimento e ter as ocupações da universidade. A relação de desigualdade de gênero é notória, pois apesar de Luana ter certa independência financeira, ter seu empreendimento, tudo isso é visto como um “não-trabalho” para o homem e para a sociedade. Ribeiro vem afirmar que:

Neste âmbito, pontua-se que o capitalismo é um sistema cíclico, que possui seus altos e baixos para sua própria manutenção, e nele estão inseridas as mulheres que, além de ser alvo das mazelas capitalistas, enfrentam também o patriarcado. Além disso, são inúmeros os fatores enraizados na sociedade que desenham uma trajetória pré padronizada para as mulheres, e principalmente para as mulheres que são mães. (RIBEIRO, 2016, p. 22)

Ela conta que sofreu uma pressão maior por parte da família do marido para que ela largasse a faculdade e se dedicasse apenas à família, assim como suas cunhadas (irmãs do esposo) que eram formadas em direito e medicina, mas que abriram mão de suas profissões para se dedicar à família. Ela conta que o próprio esposo já insinuou para que ela largasse a faculdade:

“mas quando eu percebi, eu já mandei logo a real pra ele: você sabe que eu sempre trabalhei, e eu sou cara. Você pode bancar o que eu preciso? Aí ele já foi entendendo que não dava pra ele, ele foi entendendo que era melhor mesmo ele deixar eu fazer a minha parte para eu trabalhar e me sustentar.” (Luana, 31)

Luana é quem vem acompanhando o filho nas aulas remotas e nas tarefas escolares. Ela conta que o esposo não tem muita paciência. Quando indagada sobre o esposo ser machista ela confirma:

“muito, extremamente...isso me afeta em muita coisa... é confuso essa questão, porque ao mesmo tempo que ele é machista, ele é mimado... em algumas coisas ele já mudou um pouco... algumas vezes ele já preparou café... para as pessoas é muito pouco, mas à vista do que ele era é muita coisa... é pouca coisa que eu tenho pra falar que ele mudou, mas ele mudou. Tudo eu converso abertamente, eu e ele. A gente pode ter todos os defeitos do mundo, mas a gente tenta manter a honestidade e a lealdade. Tudo que eu falo ele já sabe, eu trabalho muito isso nele, pra ele desconstruir um pouco esse machismo nele, porque o machismo só atrapalha. Pra mim não é saudável um relacionamento que você precisa baixar a voz quando o marido chega, pra mim isso já é muita submissão negativa... porque tem aquela submissão que é saudável... aqui em casa isso não acontece não.” (Luana, 31)

Por mais que o seu esposo Robert tenha estabilidade financeira, Luana não se sente acomodada. Ela fica mais tranquila por não ter que se preocupar, como antes de casar, em manter uma casa, com alimentação, com as necessidades básicas. Mas no que se refere às suas

contas, ela afirma que ela mesma prefere bancar, do jeito que dá. Ela afirma que existe uma divisão financeira:

“eu que levantei a minha empresa, então eu não posso cobrar nada dele, até porque o que ele recebe é algo já comprometido com as coisas básicas... então não tinha como eu cobrar dele mais alguma coisa. Tudo que eu resolvo da empresa, é da empresa, eu não envolvo ele em nada disso.” (Luana, 31)

Luana conta que já precisou viajar para apresentar trabalhos acadêmicos em congressos e precisou deixar o filho com o pai. Quanto a isso ela conta:

“foi horrível, eu tive até febre, passei mal porque eu fiquei morta de preocupada. Foi muito ruim, eu não consigo ficar tranquila deixando ele, porque eu não confio”. Luana afirma que pelo fato de ser mulher, mãe, é mais difícil se afastar do filho, ter que viajar. Ela afirma que quando o esposo precisa viajar, ele vai tranquilo: “ele já sabe que com a mãe ele (Luan) está seguro... então pra ele é tranquilo viajar, pode passar um mês e ele não ia ter medo... agora comigo é diferente”. Ela conta que o marido nunca impediu de viajar, mas fica jogando algumas indiretas, pois pra eles, o esposo e o filho, as viagens dela foram pra ela se divertir. Notamos em todos os depoimentos que o homem não tem a mesma responsabilidade que a mulher em relação aos filhos, e isso fica claro quando elas falam sobre o sentimento de se sentir culpada em fazer algo e ter que deixar o filho na responsabilidade do esposo, o que não acontece quando é ao contrário, pois o homem não tem o mesmo sentimento.” (Luana, 31)

Notamos que no caso de Luana, apesar de ser uma mulher independente, que não se submete à todas as vontades do marido, em relação aos cuidados com o filho e com a casa quem é o mais responsável é Luana. Ribeiro (2016) afirma que:

é perceptível que por trás das famílias monoparentais chefiadas por mulheres e das famílias tradicionais que possuem mulheres como provedoras financeiras, ainda é presente as desigualdades de gênero nos papéis sociais, e que mesmo com a mudança gradual no âmbito familiar brasileiro, as desigualdades continuam latentes. (RIBEIRO, 2016, p. 26)

Refletindo sobre a relação de Adriane, também notamos, e ainda mais forte, a questão do patriarcado, o qual fica somente sob a responsabilidade dela, excluindo o marido de todas as outras responsabilidades, com exceção do próprio trabalho externo. Na divisão de tarefas em casa, Adriane não conta com a ajuda do companheiro, ela afirma o seguinte:

“ele não faz nada em casa, o pensamento dele é muito antigo, ele é muito machista, sou eu que organizo a casa, faço a comida, depois vem a Bianca. Isso gera muitos conflitos porque o pensamento dele é muito machista, a gente pensa muito diferente.” (Adriane, 26)

Sobre a relação afetiva com o esposo ela conta que

“por essa questão de a gente pensar muito diferente... (e eu acho que um dos fatores é o estudo), querendo ou não quando a gente chega na universidade a gente começa a pensar diferente, a ampliar nossa visão de mundo... ele não estudou muito. Eu acho que o estudo (a falta) e pensamento machista dele gera muitos atritos realmente, é muito conflituosa a nossa relação... a gente separa e volta muitas vezes, e eu atribuo a isso (a falta de estudo e pensamento machista). Muitas vezes ele atribui (os conflitos) ao ciúme, porque eu ia pra faculdade e ele não sabia o que eu estava fazendo, mas eu nunca deixei de ir pra faculdade por causa dele não, se nem minha filha fez com que eu desistisse, ainda mais só pela questão do pensamento machista dele eu não ia desistir... ele sempre levantou essa possibilidade de eu estar traindo ele... às vezes eu me sinto frustrada, porque a gente tá numa relação que o companheiro pensa diferente, que vem com frases machistas, que não ajuda, e às vezes a gente sente que está perdendo um pedacinho de nossa vida, mas eu gosto dele e às vezes eu relevo por causa da Bianca, mas tem muita coisa que me incomoda bastante.” (Adriane, 26)

Nota-se uma contradição no que se refere à comparação com o que ela pensa do pai, que apesar de ser analfabeto sempre a apoiou nos estudos e sempre foi um bom pai e esposo. Ou seja, para o seu esposo ela atribui à falta de estudo o comportamento machista dele. Enquanto com o pai ela afirma que apesar de ele não ter estudo era um incentivador dos estudos. De certa forma, vemos o quanto as mulheres no geral muitas vezes não percebem que estão numa relação desigual, o quanto elas se envolvem a ponto de buscar uma razão aceitável para comportamentos machistas, e que acabam se tornando normal e comum e se perpetuando dentro das relações familiares.

Adriane acredita que se não fosse a Bianca eles não estariam mais juntos, pois quando eles se separam a criança é o motivo que ele dá para continuar frequentando a casa dela, e com isso acabam se aproximando e voltando, ela destaca o seguinte:

“eu acredito que se eu não tivesse a Bianca a gente não estaria junto, porque não haveria essa desculpa da gente se ver depois, porque a família dele é oriunda do Cocal, então se não fosse a Bianca já teria tido essa separação definitiva.” (Adriane, 26)

Ela afirma que um dos motivos que ela se apega (para não separar) é o fato dele ser o pai da filha dela, a mesma tem medo de entrar em outro relacionamento e acabar fazendo sua filha sofrer (com maus tratos ou até abuso sexual por conta de um possível padrasto).

Vale lembrar que para Brockner e Rubin (1985), identifica que as mulheres continuam repetidamente em relacionamentos abusivos com a intenção de justificar as várias chances anteriores de fazer o relacionamento ter prosseguimento e funcionar.

Adriane afirma que o marido quando está sóbrio é uma ótima pessoa, mas devido ao vício em bebida alcoólica ele acaba se tornando uma pessoa agressiva quando bebe, e não

reconhece seus erros, coloca sempre a culpa na bebida e que não se lembra de nada. Adriane não bebe, e é totalmente contra ao consumo do álcool, cigarro ou outras drogas. Ela conta o seguinte: *“já aconteceu de uma vez ser na frente da Bianca, que teve que ter intervenção da minha família”*. A família de Adriane dá conselhos para ele, mas eles nunca incentivaram a separação. Os pais de Adriane já têm uma relação de quase 30 anos e sempre se deram muito bem, nunca foram um casal de andar discutindo, sempre foi uma relação de respeito, diferente do relacionamento da filha. Já a família do esposo é totalmente ausente, até mesmo com relação à filha, nunca houve interesse por parte da família paterna em manter uma relação de afeto com a filha Bianca.

Adriane afirma que apesar dessa relação conflituosa com o companheiro, isso nunca afetou o seu rendimento acadêmico no que se refere às notas, porém muitas vezes tirava o foco dela nos estudos em casa. *Ela afirma que: “tinha vezes que eu saía arrasada de casa e ia pra Federal mesmo assim ..., mas tinha vezes que eu ia pra Federal, mas que meu corpo estava (presente) e minha mente não”*. Quando Adriane iniciou os estudos na universidade não estava namorando com o companheiro, pois ela relata que foram muitas idas e vindas do casal, e no momento que entrou na UFPI estavam separados, mas ela afirma que ele nunca se opôs e nunca a proibiu de continuar os estudos. Ela conta ainda que o companheiro tem ciúmes de colegas do curso, mas nunca a privou de fazer algo que estava relacionado à universidade (encontros, confraternizações, reuniões de trabalho). Ela não considera o companheiro uma rede de apoio no que se refere a acompanhá-la na universidade e no acompanhamento dos estudos da filha Bianca. Ela afirma que o apoio que recebe é unicamente financeiro, não tem um apoio psicológico. Ela conta que os atritos com o marido durante a semana são mínimos, pelo fato de o mesmo passar quase o dia todo fora, porém no final de semana, quando ele costuma beber, os atritos são maiores.

Percebemos que Adriane se encontra “presa” numa relação desvantajosa, mesmo que a entrevistada não reconheça, e que assim acontece com muitas mulheres, que mantêm um relacionamento por causa dos filhos e pela questão financeira. Ribeiro (2016) afirma que:

diariamente as mulheres mães são coagidas, orientadas e instruídas a adquirir certas práticas relacionadas à maternidade, sendo obrigadas a se desdobrar física e psicologicamente em nome do “cuidado materno”, frequentemente tendo suas vontades próprias e características subjetivas surrupiadas com o propósito de manutenção do sistema patriarcal. (RIBEIRO, 2016, p. 27)

Para compreender melhor a relação de Rosa com o esposo Cravo, se faz necessário relatar como os dois se conheceram e como se deu a união do casal. Ela conta que conheceu o

esposo no local de trabalho, na época ele trabalhava no aeroporto da cidade de Petrolina-PE, e ela trabalhava numa loja de tratores. Os dois se tornaram amigos e costumavam almoçar juntos no mesmo restaurante, e dessa aproximação veio o romance. Pouco antes do casamento os dois passaram a morar juntos, para fazer algumas economias para o jantar do casamento, porém ela conta que, à pedido de sua mãe, a sua irmã teve que ir morar com eles até de fato acontecer a união no civil, para garantir que Rosa não tivesse um ‘relacionamento de casada’, antes de acontecer o casamento no papel. Ela diz que por conta disso, hoje ela tem muitos problemas, pois com a presença da irmã, algumas atitudes do esposo passaram despercebidas:

“eu não percebi o quão machista ele era, de não me ajudar nas coisas de casa, porque quando a gente foi morar junto minha irmã me ajudava... ela trabalhava, eu trabalhava, ele trabalhava e fazia faculdade até no sábado... e no sábado que eu estava em casa com ela a gente fazia as coisas de casa tudo, e ele sempre estava de boa... e eu não conseguia ver, não tinha nem como perceber, porque a gente não precisava... e só adulto dentro de casa não tinha como eu ver que ele era desse jeito... e aí depois que eu me vi sozinha... com as crianças... eu tive que dar conta de tudo só... ele me ajuda a dar a comida das crianças, se elas estiverem com fome, mas outra coisa é eu que tenho que dar de conta. Eu negocieei com ele a uns meses atrás porque eu estava muito ruim, descobri recentemente que eu estou com uma veia entupida na cabeça, correndo risco de AVC... e a pressão da pandemia, e eu dando conta da aula das crianças e cuidar da minha vida... aí eu comecei a surtar, a tremer, dor de cabeça dia e noite, e uma sonolência... aí a gente procurou um médico e eu descobri que eu estou com essa veia na cabeça... aí ele ficou um pouco comovido, e a gente negociou de ele fazer o almoço enquanto eu acompanho a Orquídea na aula, mas também é só isso que ele faz... e eu que dou de conta do resto, e estou bem cansada.” (Rosa,37)

Ela conta que o esposo é um ótimo pai, muito atencioso com as crianças, não é agressivo com ela, e não deixa faltar nada em casa, mas afirma o seguinte:

“eu não sei quanto ele ganha. A gente tem carro, mas quando eu preciso sair, eu saio de van... porque ele não quer que eu aprenda a dirigir, porque ele é machista, ele tem medo de me dar essa liberdade de eu aprender a dirigir... Eu amo cuidar das crianças, eu abri mão da minha vida pra ficar com ele em casa... foi uma grande besteira que eu fiz, porque eu podia ter continuado... mas aí eu vi depois ele me prendendo dentro de casa... e quando eu quis sair, eu engravidei da Orquídea e me preendi de novo... aí ele me segurou dentro de casa, foi pra faculdade, academia, ficou levando a vida dele normal, me traindo no meio da rua e na faculdade. Eu já falei pra ele que eu queria separar, mas ele me prendeu de um jeito... ele disse que ia tomar as crianças de mim... ele conhece muita gente influente, aí eu tenho medo de eles conseguirem tomar meus filhos de mim... aí eu fico por causa das crianças... eu ainda gosto dele, porque ele tem outras qualidades, mas ele é muito machista... aí vem traição... e eu sei que a gente não vai ficar casados pra sempre.” (Rosa,37)

Ao falar sobre a possibilidade do marido tomar as crianças, ela se emociona muito e chora. Nitidamente a entrevistada se encontra envolvida numa relação abusiva, pela qual muitas mulheres passam, e que é muito difícil se libertar desse tipo de relacionamento, pois o homem de certa forma, exerce poder sobre a mulher, e ele estando no controle, faz com que ela se sinta diminuída e dependente dele. Essa realidade atinge mulheres sejam elas de diferentes classes sociais, localizações geográficas, origens, etnias, estado civil, escolaridades, idades e orientações sexuais (BRASIL, 2011).

Sobre seu relacionamento conjugal Rosa afirma:

“hoje a gente se dá bem entre aspas... porque depois que ele entrou na faculdade eu descobri traições. As crianças me prenderam dentro de casa, e eu estou fazendo o curso pra conseguir minha independência financeira, conseguir um trabalho.” (Rosa, 37)

Ela afirma que não tem problemas em relação aos ciúmes do esposo, pois ele é bem tranquilo quanto a isso, confia nela e nunca tiveram conflitos por ele ter ciúmes dela em relação aos amigos da universidade. Rosa afirma que na realidade ela não dá motivos, e diz que é “Amélia”, fazendo referência a um tipo de mulher submissa ao marido e dedicada ao lar e aos filhos. Rosa reflete sobre a situação da mulher ter que lidar com tantas jornadas e muitas das vezes não ter apoio e fala:

“eu para ser sincera, eu digo que meu esposo é machista mas às vezes a gente que é machista, às vezes é a gente que implanta esse machismo, sem perceber, e quando você ver, está refém disso e depois fica difícil de você sair. Na verdade, eu acho que a mulher hoje é refém de si própria nesse mundo machista que a gente vive e ela mesmo que cria. E quando eu analiso a minha situação e eu vejo a de muita gente, a gente que se coloca nessa situação por que a gente coloca amor nas coisas e acaba ficando, sei lá... não vê muito além, se entrega demais, confia demais, eu acho que é isso...” (Rosa, 37)

Quanto à relação com a família do esposo, Rosa conta que a dois anos atrás o esposo teve um acidente grave e toda sua rotina foi mudada, principalmente a dos filhos. Ela passou a morar com a sogra em Teresina, pois o marido tinha sido transferido para um hospital também de Teresina. Quem mais sentiu essa mudança de rotina foi o filho Lírio, pois segundo ela, tudo que ele for fazer deve ser trabalhado o psicológico dele antes. Ele passou a ter um comportamento mais agressivo, e a sogra queria medicá-lo: “ela achava que ele não era certo do juízo, queria dar remédio para o meu filho dormir”. Ela conta que a sogra quis tirar as crianças dela, e a partir deste comportamento da sogra, ela resolveu voltar com as crianças para

Parnaíba. Ela conta que sempre teve desavenças com a sogra por conta da maneira como cria seus filhos.

Luzia, outra entrevistada é casada com Gilberto. Ela e seu marido se dão bem e priorizam o respeito, prezando muito por isso e procuram dialogar. Gilberto já foi machista no início do relacionamento e não queria que Luzia jogasse bola, seu *hobby*. Apesar disso, ele também oferece a entrevistada apoio nas suas atividades acadêmica:

“Ele sempre me apoiou né por que eu falo pra ele que dentro de casa não pode ser o homem também tem que ser a mulher. Já no caso da universidade eu tenho oportunidades das bolsas e quando termina o curso e se tiver um concurso né eu passar e a gente melhorar de vida e não deixar tudo pra ele e logo também eu quero ser independente por que sabe o dia de amanhã hoje a gente tá bem mas não sabe o dia de amanhã entendeu, pelos menos vou ter de onde tirar se eu passar no concurso e ser independente e não precisar depender de homem.” (Luzia, 31)

Luzia traz a experiência que teve na casa dos pais, pois sua mãe era muito dependente do marido e não quer se repita no seu atual relacionamento. Além disso, o marido de Luzia não implica com as viagens que envolve a universidade e confessa que ele tem um pouco ciúmes com as reuniões na casa dos colegas, mas de maneira comedida. Ela está pagando duas disciplinas no ensino remoto, enquanto isso Gilberto lava as louças, varre a casa e realiza algumas outras atividades provenientes do lar.

Perguntamos sobre como a figura paterna está envolvida nesse contexto, pois acreditava-se que tanto a mãe como o pai devem compartilhar das mesmas experiências escolares dos filhos. Luzia fala:

“Às vezes não vii porque ele precisa trabalhar e aí é muito difícil, mas sempre que eu posso... mas quando eu não posso porque eu tenho contato com a professora né e ela sempre tá falando também comigo e tudo, ainda ela dizia que eu era um dos pais mais presentes que tinha gente lá que nem ia pegar as atividades do filho aí eles marcam toda vez no final de bimestre e sempre ia pegar e o tempo que eu ficava na escola eu aproveitava para ter as informações tudim entendeu.” (Luzia, 31)

Refletindo sobre ter a iniciativa, ou seja, estar envolvida diretamente com a educação escolar das filhas e dos filhos, Luzia desabafa:

“A sobrecarga em relação aos meninos é mais... é minha do que para o Gilberto logo as vezes ele está trabalhando e não tem tempo e eu tenho que arranjar um tempo né e as vezes me cobro sim, mas faz o quê!? É um pouco injusto sim.” (Luzia, 31)

E continua relatando:

“Às vezes eu converso com ele ‘olha você deveria sentar e também ensinar alguma coisa que as vezes eu tenho muita coisa para fazer né. Mas eu sei também que ele tá cansado o trabalho também é pesado aí também não culpa não e eu mesmo resolvo mesmo, entendeu.” (Luzia, 31)

Perguntada se o trabalho que ela executa em casa, aliado aos da universidade também não é pesado, ela concorda e diz *“um pouco (risos)”*. Percebemos como a mulher se coloca naturalmente como a chefe do lar e a que detém dos maiores cuidados no que envolve essa esfera. Muitas trazem justificativas para minimizar a ausência dos companheiros, tornando o trabalho externo dos mesmos sendo mais valoroso e mais cansativo, compreendendo que eles devem ficar isentos da rotina doméstica e acabam anulando-se e acomodadas com a situação.

Regina fala um pouco sobre como era convivência com os pais e o único irmão em casa quando moravam juntos, porém nunca se afastou dos pais e nem das lembranças da convivência entre eles, especialmente entre os pais ela comenta essa experiência:

“não. Nós (ela e o irmão) temos a diferença de idade de dois anos né e eu nunca lembro assim da minha mãe como eu posso dizer cansada de luta com trabalho tanto comigo como com ele eu vejo sempre muito alegre, leve também o relacionamento da minha mãe comigo e com meu irmão. Foi sempre muito bom.” (Regina, 34)

Em relação a figura materna diz: *“sim. Meu pai sempre trabalhou fora né então nós ficamos com maior contato com a minha mãe sempre que estávamos com a presença do meu pai ele sempre se mostrou muito afetivo conosco né aquela... colaborava muito com a minha mãe. Tinha divisão de tarefas.”*

A situação de Regina destoa em relação as gravidezes das demais entrevistadas. A entrevistada vivenciou duas gestações. Na primeira, aconteceu que o pai da criança Ana Carolina não quis ter responsabilidades com o estado em que se encontrava Regina se eximindo do papel de pai de imediato. Segundo Regina:

“Olha... desde que eu descobri a gravidez ele se afastou né por que ele era muito jovem então ele não poderia ser pai, não tava preparado e tudo mais. Quando a Ana Carolina nasceu ele demorou bastante de tempo para poder ééé... para ir conhecer ela, para registrar foi um processo muito doloroso né pra mim conseguir que ele fizesse o papel do pai né e, desde de então, ele participou muito pouco do crescimento dela, do desenvolvimento. Nas festinhas de escola ele não ia. Quando eu não iria, a figura paterna era meu irmão, padrinho dela, ou era o meu pai então a Ana Carolina teve como figura paterna esses dois.” (Regina, 34)

Nesse momento, é perceptível o tipo de enfrentamento em que Regina teve que lidar com sua primeira gestação sem ter o apoio do pai da sua filha por conta de uma gestação, logo necessitando de mais cuidados recebidos pelo mesmo. Dito isto, Regina também passou por momentos difíceis na sua primeira gestação encarando a realidade de uma mãe solo. Regina diz:

“Nossa é um sentimento muito triste assim de estar sozinha ééé... era uma situação muito delicada pra mim. Eu fiquei... eu tive que frequentara escola né na minha sala ééé... eu era única que tava grávida e logo tive muitos problemas, tive que largar a escola só ficava em casa de repouso e aquilo ali me matava demais, eu não podia fazer nada, o que agravou mais foi isso, eu ter ficado sozinha sem o pai para poder me dar uma ajuda, um apoio foi beeem complicado.”(Regina, 34)

Regina teve muitos enjoos durante a gestação de Ana Carolina. A filha nasceu prematura de 6 meses logo sua vida mudou completamente. Os cuidados com a criança eram muito intensivos tendo o suporte dos seus pais. Quando a bebê estava com seis meses resolveu trabalhar para sustentar a filha já que o pai era ausente.

“Ele visitava muito pouco, o contato dele era muito pouco com ela né e sempre foi assim depois ela com 7 anos ééé... ele buscou ter conato com ela já ela não demonstrava muito interesse né porque realmente ela não tinha muito costume e isso vem se arrastando até agora ela já tem 13 anos é muito difícil assim uma conversa entre os dois mesmo que ele puxe assunto com ela. Ela não interage e eu realmente não vejo um outro motivo por falta mesmo de interesse” Regina tinha 18 anos e ele tinha 22 anos (pai de Ana Carolina) eles se conheceram em Brasília morou 14 anos em Brasília.” (Regina, 34)

Em relação a contribuição financeira, pelo qual o pai de Ana Carolina recebe, Regina diz que: *“essa aí é uma outra questão: ele ajuda né mas é daquele jeito atrasa muito é algo assim que é frustrante né se for depender somente dele fica muito difícil a realidade dela as coisas que ela precisa, a maioria das coisas que ela precisa vem dos meus pais.”* Percebemos que a fala de muitas mães acabam atribuindo como ajuda o que os pais de seus filhos e filhas disponibilizam e muito raro encararem como uma obrigação. Muitas recorrem à justiça para o recebimento da pensão alimentícia, mas vemos inúmeros casos de mulheres lutando para que essa realidade seja efetivada só que de uma maneira inusitada. Regina fala sobre isso:

“Ele entrou com uma ação para oferta de alimentos e em contrapartida pediu a guarda compartilhada isso quando ela tinha 7 anos e foi assim algo que até eu não compreendi por que depois de tanto tempo ele solicitou para ficar um tempo com ela né, sendo que eu já morava aqui Parnaíba é muito longe de Brasília. Além disso, o que mais me chateou foi ele ter dito na justiça que eu tirei ela do convívio dele.” (Regina, 34)

A partir disso, explica Maria Berenice Dias (2016)

A obrigação parental não é somente o pagamento de alimentos. Há um leque de encargos que não se mensuram monetariamente. Mas nenhuma consequência é imposta a quem descumpre os deveres inerentes ao poder familiar. Separado o casal, o pai, na maioria dos casos, nem ao menos divide os deveres de criação e educação do filho, pois raramente reconhece sua responsabilidade de acompanhar o seu desenvolvimento. De forma frequente, não exerce sequer a obrigação de visitas. Os danos afetivos que decorrem dessa omissão não estão previstos como indenizáveis, mas a justiça vem, ainda que timidamente, impondo o pagamento (DIAS, pág.160, 2016).

As irresponsabilidades da figura paterna podem prejudicar financeiramente a vida da criança que depende de alimentos, medicamentos dentre outros encargos essenciais.

Na segunda gestação Regina afirma:

“O pai da Valquíria eu conheci ele na época que eu tava trabalhando. Eu trabalhava em um posto de combustível né e teve um evento e nos conhecemos no evento da empresa e aí foi um namoro até extenso por volta de 8 meses de namoro e logo veio a Valquíria, nós ainda moramos juntos por 5 meses.”
(Regina, 34)

Diferente do pai da primeira filha, o pai de Valquíria se torna mais presente em várias circunstâncias, mesmo com a distância entre estados, pois a menina em Parnaíba com a mãe e a irmã e o pai em Brasília. Ele procura manter contato com a menina da seguinte forma: *“ele sempre conversa com ela. Ele dá mais apoio pra ela, ele tem uma outra família, ele já até mostrou o irmãozinho que ela tem né, ela gosta bastante do irmãozinho, vê as fotos né.”*

É importante lembrar que Valquíria é autista e merece mais atenção e cuidados. A figura paterna nesse sentido não deixa a desejar, segundo Regina: *“dá. Ele não muito assim... no que ela precisar de uma coisa x e eu falar ‘olha ela tá precisando disso’, ele dá o jeito dele lá e manda. É sempre assim muito prestativo.”*

Todavia, a figura paterna que suas filhas consideram, principalmente, é o avô, Regina diz que: *“Hoje, elas têm o meu pai como a figura paterna e não chamam ele de avô, elas chamam de pai então ééé..., pra mim eu vejo algo assim muito interessante nessa relação. Como os pais delas estão ausentes, elas têm a figura paterna. Para mim é algo de muito valor.”*

No que diz respeito as atividades domésticas, a entrevistada procura dividir com as meninas cada função com o intuito de dar autonomia e contribua com Regina para que não se sinta sobrecarregada, segundo a entrevistada: *“elas estão começando agora as responsabilidades delas né, são pequenas tarefas para a Valquíria, são tarefas mais simples e a Carolina ela já tem as delas mais definidas, elas sempre colaborando.”*

Em um dado momento da entrevistada, Regina relembrou seu antigo relacionamento que afetou não só psicologicamente e fisicamente, mas interferiu diretamente em suas atividades acadêmicas e na saúde mental da filha mais velha. Sobre ter parado suas atividades acadêmicas, ela diz que:

“Eu parei no 5º período, eu sofri uma violência né violência doméstica eu vejo como, não só doméstica pois não foi vinda do âmbito de casa era um relacionamento abusivo e isso me transtornou bastante, me prejudicou bastante na faculdade é que eu tive que trancar foi um processo muito ééé... eu vejo como um prejuízo né, eu tive de parar a faculdade, paratudo que eu tava fazendo por causa disso e agora eu tentei retomar por algumas vezes e não deu certo por causa desse problema e quando deu tudo certo veio a pandemia.” (Regina, 34)

Ainda sobre o relacionamento abusivo em que viveu, complementa dizendo:

“Foi um relacionamento que durou 5 anos né e no finalzinho desse último ano e aconteceu todo esse transtorno aí foram muitas ameaças, perseguia demais me atrapalhava muito quando eu ia para faculdade e isso realmente causou um transtorno muito grande né e cheguei até acompanhamento da justiça na qual foi registrada a ocorrência ééé... medida protetiva eu consegui na justiça 3 medidas protetivas e todas as 3 medidas foram quebradas né ele não respeitou nenhuma delas e na última ééé... ele fez uma ameaça mais grave de todas as outras falou que ele ia me matar e isso foi o que mais me deixou abalada, então foi quando eu comecei a me trancar, não queria ir mais para a faculdade, não queria mais sair de casa eu não ia nem para minha igreja. Eu sentia muita dor só de pensar em sair de casa, sentia dor nas costas, dor na cabeça, doía tudo e chegou o ponto a minha mãe me levou para um atendimento médico e contar o que tinha acontecido comigo e as dores que eu estava sentindo era só de pensar em sair comecei a ter acompanhamento psicológico, comecei esse tratamento e graças a deus estou muito tranquila.” (Regina, 34)

Dentro de uma sociedade patriarcal, as violências contra as mulheres se perpetuam com a dominação do homem sobre a figura feminina e esse ato de dominar se dá através também dos atos opressores sofridos. Saffioti (2001, p. 121) diz que: Dito isto, os homens, constantemente autorizados colocam em evidência suas práticas estruturadas de dominação-exploração nas mulheres, mesmo que necessitem usar a força. Considera-se algo contraditório, entre o poder para a prática privativa da justiça, levando em questão as violências como crime.

Regina relata ainda mais sobre o relacionamento e fala:

“Bom, a questão dos ciúmes ele sempre foi assim, no último ano ele ficou pior não era só aquilo ééé... ele era muito intenso nesse último ano era agressivo mesmo de apertar de querer me machucar ééé... de como eu posso dizer... ele fazia escândalos antes ele só fala ‘olha isso aqui eu não gostei disso’. Não era assim mais, fazia escândalo mesmo queria deixar bem amostra e isso e

isso pra mim era horrível demais eu não conseguia para algum lugar e se ele tivesse que ir comigo eu preferia não ir por que eu sabia que ele iria fazer escândalo e isso aí seria muito vexatório e eu preferia não sair e isso foi chegando ao ponto que não era aquilo ali que eu queria pra mim por que eu sempre fui assim, sempre gostei de ter muitos amigos, eu já tava na faculdade e na faculdade eu conheci muita gente então como eu iria em algum local vê os meus amigos e deixar uma situação dessa. Eu não podia sair de casa, se fosse para faculdade e para casa de uma colega eu não podia, eu tinha que avisar pra onde eu tinha ido que horas eu ia sair se eu fosse em algum local tinha que dizer também quanto tempo eu ficaria nesse local e que horas ia voltar para casa. Foi que eu disse que não tava dando certo mais e foi que começou todo esse transtorno os puxões, a perseguição, em estar em todo local que tivesse ele aparecia. Eu não conseguia me concentrar na aula por que eu sabia que se eu sáísse ele ia tá lá fora aí eu passei a não ter mais vontade de ir para a faculdade eu preferiria estudar só em casa, se eu pudesse estudar só de casa pra mim era melhor só de não ter que sair.” (Regina, 34)

Para Soares (2005) o término no relacionamento que tem como característica a violência pode perdurar durante anos, e os motivos que levam isso acontecer são vários, como: falta de independência financeira, ameaças de morte, a espera pela mudança de comportamento do parceiro, apego emocional ou a frustração pelo fracasso do relacionamento. Além de tudo isso, era nítido a interferência no que diz respeito a universidade de Regina, gerando várias pressões e questionamentos inoportunos por parte do parceiro. Segundo Regina:

“Logo ele fala assim “Pra quê que você vai para faculdade, pra quê que você tem que estudar tando essa questão de você ir para faculdade me deixa de lado. Mas é só um período da faculdade na época que eu estudava de manhã eu vou ter a tarde toda a gente pode fazer alguma coisa a tarde não podia ser a tarde, tinha que ser na hora da faculdade. Quando eu passeia estudar a tarde ‘olha eu vou para a faculdade a tarde então tudo que a gente tem que resolver a gente faz agora de manhã ou anoite pq a tarde eu tenho aula” Não podia ser a tarde nem a noite tinha que ser no horário da faculdade e isso me chateava bastante né eu não queria deixar minha faculdade, estudando, fazendo as coisas que eu gostava para ficar sem fazer por causa de uma pessoa. Aquilo foi... eu preciso ir para faculdade, eu preciso estar ali, é algo que eu gosto, vai me levar o futuro que eu espero isso era uma agressão pra ele.” (Regina, 34)

Em seguida, ela foi indagada sobre se sentir afetada diante de todos esses episódios e ela nos afirma que: *“isso. Tudo era afetado, só dele saber que eu ia estar com outras pessoas aquilo já gerava um algo assim, era uma briga e aquelas coisas horríveis sabe... meu deus do céu! Era triste demais.”* Além de todo esse transtorno e violências vivenciadas, Regina fala de sua saúde mental e em que nível foi afetada, ela diz que:

“Eu tive depressão, diagnosticada pelo médico né que tava me acompanhando falou que eu tava com depressão e todos os sintomas as dores

ééé... pesadelos essas coisas, muita ansiedade tudo que tava acontecendo comigo era características da síndrome do pânico. Quando veio isso assim, veio também o acompanhamento psicológico todo esse processo. Minha família me apoiou muito nessa questão.” (Regina, 34)

Além de ser devastadora na vida de mulheres, a violência causa prejuízo, como depressão, síndrome do pânico, danos físicos e até ideações suicidas (BALONE, ORTOLANI IV, 2003). Pedrosa (2009) relata que as perdas geradas pela violência sobre a saúde feminina podem se tornar crônica, que poderá necessitar de apoio familiar e profissional. A organização Mundial da Saúde, em 2005, em 10 países, traz dados a saúde mental ganharam muita ênfase. Essas mulheres, a partir de Adeodato et. Al. (2005) que são vítimas de violência, se encontram em estado de ansiedade, insônia, solidão e etc.

Regina fala que trata o assunto abertamente com as filhas sobre essa relação conflituosa no qual viveu para que sirva de exemplo para as duas já são do gênero feminino podendo quem sabe acomete-las um dia. Ela diz que: *“elas entenderam o que estava acontecendo né eu não escondo delas. Olha, eu digo ‘Isso aconteceu e isso não aconteceu somente comigo outras pessoas passaram por isso, e eu algo que eu não desejo que vocês passem um dia”.*

Apesar do relacionamento das filhas serem de cumplicidade e diálogo, e mesmo com o fim do relacionamento da mãe, a entrevistada comenta que Ana Carolina, sua filha mais velha se sentiu diretamente afetada pela situação. Nos fazendo compreender que um relacionamento abusivo também envolve diretamente membros da família. Para essa questão Regina comenta:

“Ela apresentou um quadro não digo depressivo, mas ela não queria sair de casa, ela tava muito agressiva e o rendimento escolar dela tava muito baixo, ela não queria contato com os colegas né e isso eu fiquei bastante preocupada e eu tive que buscar acompanhamento pra ela e graças a deus ela teve uma melhora e justamente por isso desse problema que eu passei ela estava junto comigo ela presenciou essa questão de ameaça e também as crises da irmã dela trouxe um transtorno bem significativo pra ela e ela não falava para ninguém ficou tendo esses pequenos problemas e eu sempre ali conversando pra não deixar ela assim se fechar e aí busquei atendimento psicológico.” (Regina, 34)

Observamos esses vários relatos de mulheres que estão em relacionamentos que não obtém companheirismo, contribuição financeira, afeto e compreensão. Muitos desses homens continuam perpetuando o ideal de uma mulher que deve ser submissa aos cuidados dos filhos, do marido e do lar. Algum dos relatos mostram-se como relações que tem como caráter de imposição por parte do homem na mulher são habituais e essas, não conseguem se desvencilhar ou até já sentem-se acostumadas com as condições impostas pela sociedade, considerando que

faz parte do social, cultural e até do biológico o papel feminino reduzido ao protagonismo de tarefas desgastantes e sem reconhecimento.

3.4.A formação educativa dos filhos pelas licenciandas de Pedagogia

Sobre os múltiplos papéis da mulher culturalmente naturalizados pela sociedade, é relevante destacar o de educadora, não apenas no que se refere à criação dos filhos, na formação do caráter, mas o de alfabetizadora. Todas as entrevistadas têm filhos em idade escolar, e todas elas são as responsáveis por acompanhar os filhos nas tarefas de casa. De certa forma, algumas delas se sentem mais pressionadas por obter bons resultados na alfabetização dos filhos por serem estudantes de Pedagogia, e essa pressão provém tanto do externo, de outras pessoas, como internos, delas mesmas.

Sobre a mãe ser a principal responsável pela educação dos filhos, podemos afirmar que é resultado também da relação patriarcal da qual faz parte e da naturalização de alguns costumes/atividades serem exclusivos da mulher. Segundo Gomes (2020) “a naturalização de determinados comportamentos considerados “maternos”, constitui-se em alguns tipos de comportamentos humanos que são arduamente exigidos apenas das mulheres.”

Analisando as falas de Luana no que se refere aos estudos de seu filho Luan, ela afirma que é muito “gananciosa”. Ela sempre busca o melhor para ele, e os estudos dele é prioridade para ela. Luan estuda em escola particular desde que precisou colocar ele na creche por conta de seu primeiro curso, na ocasião ele tinha 1 ano e meio e, atualmente, cursa a 2ª série do ensino fundamental. A partir das vivências que teve na escola pública e privada, Luana optou pela escola privada por entender que estava fazendo o melhor para ele, ela o incentiva em tudo, procura acompanhar seus estudos de perto, já deixou de fazer os trabalhos da universidade para estar ajudando nos trabalhos dele, sair doente de casa para procurar materiais para a realização das atividades de Luan.

Luana afirma que para seu esposo as prioridades são diferentes, ou seja, sua preocupação é manter financeiramente a escola, colocar nas melhores instituições, não deixar perder aula, não faltar nada, mas no que diz respeito ao acompanhamento dos estudos, esse dever é da mãe, principalmente, na opinião dele, por Luana estar cursando Pedagogia e por ele trabalhar mais que ela. No que se refere a esse quesito, Luana afirma que já teve alguns conflitos por conta desse posicionamento do marido em exigir muito e não se envolver tanto quanto ao exigido. Luana procura fazer diferente do marido, prefere não exigir, mas incentivar e tentar fazer dos momentos de estudo algo legal e mais leve. E os resultados são os mais positivos possíveis,

pois Luan ama matemática e língua portuguesa, sendo um dos melhores em redação e leitura na escola.

No período em que Luana estava em resguardo da sua segunda gestação foi mais dificultoso acompanhar as atividades escolares, mas tentava fazer na medida do possível. Luan passou a ter crises de ansiedade e início de depressão por conta da cobrança que ele sofria por parte da família do seu esposo para que ele aprendesse a ler, pois a maioria são oriundos de boas escolas, as crianças da família aprendem a ler muito cedo, e isso refletiu também sobre o Luan e nela como mãe.

Luana conta que foi chamada na escola por conta do comportamento do filho, ela afirma o seguinte:

“Ele estava no infantil V, foi em 2018, e ele chorava quando não conseguia fazer alguma coisa, ele era o primeiro a terminar a tarefa, e quando ele não conseguia entender, ele chorava, baixava a cabeça, se zangava. Uma vez ele falou alto com a professora de inglês... a pedagoga me chamou e pediu que eu não exigisse tanto do Luan, porque aquilo estava atrapalhando ele, estava deixando ele muito exigente consigo mesmo, e eu falei que não vinha da gente, pais, essa cobrança, que vinha dos avós, mas que a gente ia conversar com os avós. E assim foi, eu conversei com meu sogro e com minha sogra, juntamente com o Robert, pedi pra eles evitarem, porque aquilo estava causando danos na criança... e foi um processo que ele conseguiu se sair bem disso e logo no ano seguinte ele já superou.” (Luana, 31)

Luana afirma que para o sogro o curso que ela está, Pedagogia, não está servindo de nada, pois eles querem ver os resultados dos estudos projetados em Luan, e se a criança não consegue determinado objetivo, começam as cobranças sobre Luana e seus estudos na Pedagogia. Ou seja, é como se o curso de Luana fosse principalmente para aprender a cuidar do filho, e sem compreender que cada criança tem seu próprio tempo, eles cobram Luana como mãe e como pedagoga.

No que se refere a participação escolar, ela afirma que o esposo até tenta se mais participativo, mas é ela que acompanha as atividades da criança, porque para o esposo ela tem mais tempo e mais jeito por estar no curso de licenciatura. Em se tratando de ter jeito, ela concorda: *“eu tenho um pouco mais de jeito de ajudá-lo nas atividades, tem algumas coisas que é avançado pra época dele (o esposo)”*.

“ele era um ótimo aluno, sempre disputou o primeiro lugar... e até hoje...ele é ótimo em matemática... a única coisa que atrapalha o Luan é a ansiedade... quando a professora passa uma atividade ele já quer fazer logo... ele não deixa para o outro dia... ele quer sempre estar à frente... é uma coisa que não é de mim, porque eu não sou competitiva... e ele quer ser o destaque, quer ser o primeiro. Com esse ensino remoto, ele sentiu, foi diferente, eu acho que ele era um dos piores, na questão de não querer assistir aula... o negócio dele é

mesmo presencial... ele sentiu muita falta... agora estar melhor, mas bem no início da pandemia ele chorava todo dia... foi muito difícil... mas agora ele não chora mais.” (Luana, 31)

Luana conta que é exigente em relação ao desempenho escolar do filho, sempre fala para ele uma frase que sua mãe lhe dizia: *“a única coisa que tu faz da vida é estudar, então capricha, porque isso só vai servir pra ti”*, ela conta que as vezes ele se chateia, mas depois passa. Diferente de como ele age com o pai, quando é chamado atenção por ele, o mesmo, segundo Luana *“dá um show, se zanga, chora... ele (Luan) não quer que ninguém corrija ele”*. Luana acha que esse comportamento do filho em relação ao pai se dá pelo fato de Robert ser um pai muito “bonzinho”, e na opinião dela o filho vê o pai mais como um amigo, como um irmão. Ela fala o seguinte para o filho: *“ele é seu amigo, mas ele é seu pai também, tem que respeitar o teu pai, tem que falar direito com ele.”*

Mais uma vez observamos na fala de Luana o quanto as responsabilidades em relação ao filho, à casa é mais da figura feminina. É como que a mulher tivesse que cuidar de toda família, até mesmo dos adultos. As atividades domésticas são voltadas apenas para a mulher, e ela é que deve decidir como vai resolvê-las. Até mesmo a criação e educação dos filhos, a qual é de responsabilidade do casal, na relação patriarcal é apenas ou majoritariamente só de um lado, no caso o da mulher.

Ela sempre tenta ver os dois lados, pois como futura pedagoga ela quer passar esse bom exemplo para o filho, ou seja, nunca dá razão só para um lado, mas procurar entender tanto as professoras, diretoras como o filho, *“eu procuro saber o que realmente está acontecendo para não dá só razão pra ele”*. Ela conta ainda que o curso de Pedagogia contribuiu muito para que ela hoje tivesse essa visão sobre o filho e a escola, principalmente os estudos quanto às fases do desenvolvimento da criança, que são vistas na disciplina de psicologia, *“a Pedagogia me ajudou muito nisso, a compreender o comportamento do Luan”*.

Luana conta que pelo fato do esposo ir deixar o filho na escola, ele é quem recebe a maior parte dos recados quanto às reuniões, apresentações, mas ela sente que as professoras sabem que ela, como mãe, é que faz o acompanhamento de perto do desenvolvimento do filho, *“muitas mãe colocam seus filhos na preparação de dever, não tem tempo ou não tem paciência, não tem estudo... e já aqui, como eu abri mão de trabalhar fora pra não deixar ele só, eu procurei acompanhar, então as professoras sempre percebem que existe um acompanhamento dele”*. Luana conta que nunca se sentiu pressionada, por ser a mãe, em ter que acompanhar mais de perto em relação ao pai, *“eu já percebi que a própria escola já está mudando, ela já está*

desconstruindo essa questão do machismo, da pressão sobre a mulher. Elas nunca limitam alguma coisa à mãe”.

Luana conta que já teve que escolher entre estudar, ler artigos, apostilas para poder se dedicar nas tarefas do filho. Ela conta que era muito difícil e que algumas coisas da universidade ela foi levando como podia. Luana afirma que sempre colocou os estudos do filho em primeiro lugar, e o desempenho do filho nunca foi insatisfatório por ela estar na faculdade, *“nunca me senti culpada, até porque eu deixei essa parte insatisfatória para mim. Eu sempre deixei o meu em segundo plano, sempre me esforcei para ele concluir o dele... então essa parte ficou toda para o meu lado”.*

Quando indagada sobre se sentir prejudicada por ter pouco tempo para os estudos, devido a ter uma criança em processo de alfabetização, ela afirma:

“várias vezes me senti prejudicada, várias vezes quis desistir, acredito que foi por pouco...o Residência Pedagógica me deu um gás pra eu frequentar mais a faculdade, pra eu fazer as coisas melhores... se não fosse o residência eu não teria mais energia e força de vontade de continuar, eu já tinha desistido.”
(Luana, 31)

Diante do contexto de pandemia instaurado durante o ano de 2020, Luana é quem acompanha o filho nas aulas remotas e nas tarefas escolares. Ela conta que o esposo não tem muita paciência. Pelo fato de o filho estudar em escola particular, Luana considera que o filho é privilegiado com as aulas que recebe no ensino remoto da rede particular, pois segundo ela as aulas remotas da rede pública são muito diferentes, ela faz essa afirmativa baseado no ensino remoto público que sua irmã mais nova recebe. Ela afirma que isso, de certa forma a deixa mais tranquila, pois sabe que o filho está recebendo aulas remotas de qualidade.

Sobre a trajetória de Adriane, ela também é a única responsável pela educação de sua filha, a qual está cursando o infantil III, ou seja, é o primeiro ano de escola da filha.

A filha de Adriane estuda em escola pública. Ela conta que um dos pontos negativos da escola da filha se refere à estrutura, a qual deixa muito a desejar, com brinquedos enferrujados e quebrados, as salas não eram enfeitadas, algo que é esperado para uma sala de educação infantil. Quanto à professora substituta, Adriane conta que achou ela muito insegura. Ela conta ainda que a filha ficou uma semana chorando porque não queria ir para a escola, onde a criança afirmava que a professora tinha brigado com ela, e logo em seguida veio a onda de pandemia, onde as escolas fecharam. Adriane conta que sente medo de ter ficado algum trauma em Bianca, pois até hoje ela afirma que não quer ir para a escola. Como foram poucos dias de aula, ela não pode afirmar quanto ao ensino e organização da escola, se eram bons ou não. Atualmente as

aulas são online, direcionadas pela professora efetiva, porém Adriane não considera que sejam aulas, pois a professora apenas posta a foto da página do livro e envia um áudio com explicações para a mãe.

Adriane afirma que sempre procurou manter um bom relacionamento com as professoras da filha, procurando saber como estava o comportamento, como era a filha em sala de aula, pois ela tem muito medo da filha ser tímida como ela, pois, segundo ela:

“foi uma coisa que me prejudicou bastante na escola, aí eu tinha essa preocupação em saber se ela era igual eu, se ela era tímida, se a professora fazia com que ela participasse das atividades... sempre eu chegava cedo que era pra justamente conversar com a professora... com essa professora, mais ainda... ela é muito atenciosa com a Bianca pelos áudios, pormensagens... eu percebo que ela é uma ótima profissional.” (Adriane, 26)

Adriane afirma que sempre ficou com essa responsabilidade de ensinar a filha, então não espera isso do companheiro. Ela tem a preocupação de buscar atividades e jogos que vão além do que as professoras passam, ela conta que a aprendizagem da filha está sendo lenta, mas sabe que ela está aprendendo.

Sobre desempenhar um bom papel no acompanhamento escolar da filha, Adriane afirma:

“eu estou me esforçando ao máximo. Eu tento ir além do que é programado pela professora, eu procuro sempre estar pesquisando alguns jogos, materiais pedagógicos para estar trabalhando com ela, mas eu sinto que eu não consigo ter os mesmos resultados que ela teria em sala de aula coma professora dela, por ela me ver como mãe e não como professora, mas eu sinto que ela tem avançado, pouco, mas tem avançado.” (Adriane, 26)

Adriane conta que, por ser quase pedagoga, acaba se cobrando a mais, no que se refere ao desempenho escolar da filha: *“são duas cobranças (de mãe e professora). Eu queria que ela avançasse mais, pela questão de eu ser pedagoga, por eu ter estudado todo o desenvolvimento infantil... então isso eu me cobro bastante.”* Adriane conta que essa cobrança, é algo que parte apenas dela, que seus familiares não colocam nenhum tipo de pressionamento para que o desenvolvimento escolar da sua filha Bianca seja superior ao esperado, pelo fato de Adriane cursar Pedagogia. Ela conta ainda que o marido não se envolve no que se refere a esse assunto.

Refletindo sobre a referência de **paternidade** que tem do pai em relação com às expectativas sobre o pai de sua filha, Adriane afirma:

“às vezes eu me pego nessa questão em querer comparar a criação que eu tive do meu pai, o perfil do meu pai. Eu às vezes comparo como perfil do meu marido, às vezes a gente tem até divergências, discussões, porque o meu

marido, realmente nunca sentou com a Bianca ‘Vem cá minha filha, que letra é essa? Vem cá minha filha traz o seu caderno pra mim ver. Bianca está estudando direito?’ ele nunca fez esse tipo de pergunta, ele é totalmente diferente, e às vezes fazendo essa comparação eu acabo me chateando, mas aí eu penso que cada pessoa é de um jeito e a gente tem que respeitar, mas a criação que eu tive com meu pai não está sendo a mesma criação que a Bianca está tendo com o pai dela. O pai dela tem até um pouco mais de estudo, ele fez até a 7ª série, ele sabe ler e escrever, e ele tem tempo de sentar com a Bianca, mas ele não faz isso. E meu pai por ser analfabeto nunca sentou comigo pra me ensinar, mas ele sempre esteve lá.” (Adriane, 26)

A influência do seu pai nos estudos reflete muito sobre a sua relação com a filha, pois assim como o pai, ela também aconselha e incentiva a filha a estudar.

Quando indagada sobre a efetividade do ensino remoto que a filha recebe, Adriane acredita que a filha está em desvantagem em relação ao ensino remoto que é oferecido na rede particular. Ela diz:

“no início eu sinto que a professora se empenhava mais, em chegar mais próximo da rotina escolar das crianças... eu sinto que por falta de envolvimento dos pais, ela foi deixando. No início ela (Bianca) aprendia mais, no formato de vídeo-aula, mas agora eu sinto que a Bianca não se envolve tanto nas aulas, porque ela gostava de ver os vídeos da professora falando com ela. Eu acredito que na rede particular a criança realmente se sinta na sala de aula. Eu acredito que elas (as professoras) façam vídeos voltados para a criança e não apenas como a professora da Bianca está fazendo. Se a Bianca estivesse na rede particular com vídeos-aulas, ela estaria aprendendo mais, porque a minha função seria apenas orientar quanto às tarefas. Ela estaria vendo as aulas e as explicações das professoras, e eu acho que ela aprenderia melhor.” (Adriane, 26)

No caso de Rosa, percebemos que ela é a responsável por acompanhar as atividades escolares de casa dos seus filhos. Ela tem muita dificuldade em acompanhar porque são muitas, além das suas atividades acadêmicas e das tarefas de casa. Ela afirma que sente muita falta de um apoio. Ela conta que o pai das crianças tenta ajuda-la, mas que ele afirma “*não ter muito jeito pra isso... e acaba ficando pra mim*”. Ao ser indagada sobre o que ela pensa à respeito da posição do pai ela responde: “*não custava nada tentar mais um pouquinho né*” e que não adianta falar (discutir). Notamos que ela se constrange muito em falar sobre o marido na frente dele. Nesse momento da entrevista ela tenta não se aprofundar muito na resposta, pois ele estava presente.

Quando ela afirma que o marido tenta ajuda-la, podemos observar o quanto as mulheres internalizaram que as obrigações quanto aos filhos e à casa é apenas da mulher, e tudo que o homem fizer é uma ajuda e não o dever dele, pois é responsável também, faz parte da família e deve ter todas as obrigações assim como a mãe.

Pleck (1997) afirma, através de seus trabalhos, que a mulher tem informado – pelo menos vem tentando – constantemente seu parceiro para contribuir com os cuidados com os filhos. O referido autor encontrou situações que podem facilitar o envolvimento do pai, por questões de: faixa etária (crianças pequenas comovem mais do que adolescentes), o sexo dos herdeiros (meninos tendem receber mais atenção da figura paterna) e, além disso, o dia da semana (momentos envolvendo finais de semana mostram que os pais são mais participativos).

Rosa conta que o filho mais velho sempre teve um comportamento diferente: “*o Lírio não tem laudo de autista fechado porque o neuropediatra quer observar ele mais um tempo*”. Ela conta que a escola foi quem percebeu primeiramente o comportamento do filho, e indicou um neuropediatra para fazer acompanhamento com a criança, mas ela afirma que o marido não aceita e não reconhece que o filho precisa de ajuda.

Os filhos de Rosa estudam em escola particular. Sobre os pontos positivos e negativos desse ensino, ela conta que as crianças tem um ensino bastante pesado, o que é positivo e negativo para ela. É positivo porque eles têm acesso ao que ela não teve na sua época de estudo, que eles conhecem coisas que ela só conheceu no ensino médio. É negativo, na opinião dela, porque eles cobram bastante da criança.

Ela afirma que tem um bom relacionamento com a escola dos filhos e com as professoras: “*a gente se dá bem demais. Se precisar de alguma cobrança... a gente senta e conversa. Eu não tenho problemas com eles*”. Ela afirma que apesar do filho ter um comportamento diferenciado, o qual está em observação para um possível laudo de autismo, ele é uma criança muito esperta e a escola consegue trabalhar com ele da melhor forma para que ele sempre tenha um bom aprendizado:

“foi a escola que me ajudou a descobrir, porque até então eu tinha muita dificuldade de lidar com o Lírio, aí eles me abraçaram e abraçaram o Lírio. Hoje eu já consigo lidar com ele direitinho, ele já fala com os coleguinhas, ele já abraça. Ele não está fazendo acompanhamento agora por causa da pandemia.” (Rosa, 37)

Ela conta que essa parte do acompanhamento escolar das crianças é tudo com ela, e que o maior apoio do esposo é financeiro, mas afirma que o esposo sabe de tudo, no que se refere aos filhos e à escola, ele pergunta sobre o desenvolvimento das crianças, ele sempre vai na escola quando tem algum projeto ou apresentação, e algumas vezes ajuda nas tarefas de casa.

Ela afirma que não costuma receber reclamações da escola quanto ao comportamento dos filhos. Sobre o desempenho escolar deles ela conta que os dois conseguem absorver bem os conteúdos e são bons alunos.

Rosa acredita que desempenha um bom papel no que se refere aos cuidados, criação e acompanhamento escolar dos filhos, mas confessa: *“ultimamente eu estou cansada desse negócio de online, estou deixando muito a desejar... não vejo a hora disso acabar... ultimamente eu não estou eu”*. Sobre os filhos ela também afirma que eles estão cansados, pois as aulas remotas não são do mesmo jeito que as aulas do ensino presencial, em que as crianças podem ter vivências junto com os colegas: *“eles brincam, se divertem, mas não é do mesmo jeito de estar ali junto”*

Estando ainda no 1º período, o aprendizado no curso de Pedagogia influencia nas atividades escolares dos filhos acrescentando que: *“mas eu tô fazendo a Pedagogia exatamente por isso, por que eu quero fazer História, tô fazendo Pedagogia por eles, não é por mim.”* Ela acredita que o curso de Pedagogia pode lhe tornar uma mãe melhor.

Ela conta que tem muitas apostilas para ler, mas sua prioridade são seus filhos. A aula do filho Lírio acontece no mesmo horário que as aulas dela. Sobre a estratégia que usa para dar conta ela responde:

“eu coloco o fone e quando o professor pergunta alguma coisa eu vô lá e respondo para parecer que eu estou ligadona na aula, aí quando dá, eu de madrugada eu abro a aula e olho um pouquinho a aula, aquele minutinho que eu perdi, por que uma aula toda eu não consigo ver de novo, até porque eu tô com sono, às vezes eu tô por aqui com eles (filhos). Aí eu abro um pouquinho e dou uma olhadinha também. Mas assim, eu não consigo parar para ver uma aula toda”. (Rosa, 37)

Os filhos de Luzia (Ana Carolina, Guilherme e Ana Luiza) sempre estudaram em escola pública assim como a mãe e o pai, e faz um comparativo entre escola pública e privada no que diz respeito ao ensino oferecido dizendo:

“a escola pública eu percebo que puxa menos que a privada, eee... em questão também das crianças, dos alunos, muitas vezes não é culpa deles pois são crianças mas lá é... o ensino deixa a desejar nessa questão de ser muitos alunos para um professor aí eu vejo que alguns alunos eles precisam mais atenção do que outros entendeu, e às vezes o professor não pode dar atenção e ter uma dedicação maior com todos os alunos esses são os pontos negativos da escola pública dessa lotação. O positivo são os professores, por mais que eles não possam se dedicar, por exemplo, nos meus que eu tenho visto elas tentam é... agora na pandemia ensinar da melhor maneira possível e também a questão do horário são muito ééé... elas cumprem os horários de aula que tem que cumprir.” (Luzia, 31)

Ela percebe que existe o compromisso por parte dos professores de realizar as aulas sempre nos horários marcados nesse momento de pandemia um fator importante para a aprendizagem de seus filhos e demais educandos. Luzia relata as diferenças nas aulas dos filhos.

Guilherme, está no ensino fundamental menor e tem aula durante a tarde toda; Ana Luiza, Infantil V, por estar no infantil só recebeu os livros para a realização das atividades em casa e a aula de Ana Carolina que pertence ao ensino fundamental maior dura em torno de meia hora.

Sobre a importância das interações e da afetividade, Miranda (2008, p. 2) destaca:

“A interação professor-aluno ultrapassa os limites profissionais e escolares, pois é uma relação que envolve sentimentos e deixa marcas para toda a vida. Observamos que a relação professor-aluno, deve sempre buscar a afetividade e a comunicação entre ambos, como base e forma de construção do conhecimento e do aspecto emocional.”

Nesse sentido, o envolvimento entre educador e educando deve ser essencial para que se estabeleça um processo de ensino-aprendizagem concreto e eficaz.

Regina fala sobre a escola pública que as meninas estudam:

“No caso das meninas, os pontos negativos da escola é que falta um pouco de até de estrutura mesmo para que os professores realizem um bom trabalho por que eles têm muita força de vontade é uma escola que frequento bastante e eu conheço a realidade da escola dos professores de lá e o ponto positivo é uma escola que é minhas filhas são bem amparadas né os professores são ótimos o único ponto negativo que tem é a questão estrutural. Eles tentam fazer um bom trabalho, desempenhar um bom trabalho e muitas vezes falta aquela ajuda, incentivo mesmo. E lá é uma escola que apoia bastante no caso da Valquíria todos os professores conhecem ela desde de o início dela lá e é uma escola que amparou, é uma escola que tenta adequar o modelo de inserção da criança com dificuldade intelectual não tenho muito o que falar negativamente da escola.” (Regina, 34)

As entrevistadas falam da dificuldade de os professores desempenharem um bom ensino para seus alunos, sejam por conta de uma sala lotada, seja pela estrutura que é aquém para a realidade educacional, pelas as quais as crianças devem vivenciar. Em contrapartida, reconhecem a empenho desses profissionais e principalmente no atendimento a uma criança com autismo que é o caso da filha mais nova de Regina.

Sobre a relação que essas mães têm com escolas dos filhos, Luzia nos diz que:

“Não muito como eu gostaria ser, queria que fosse né, por que as vezes eu tenho as coisas da universidade mas sempre que dá eu sempre falo para o Gilberto, Gilberto vai lá, eu não vou poder ir para reunião vá você por que né ou o pai ou a mãe tem que tá presente né eu já fui mais presente até fui também é é... do conselho escolar mas eu não quis mais não, eu não tinha tempo mulher quase no horário da universidade.” (Luzia, 31)

Por conta de que Luzia acaba dando prioridade para as atividades da universidade, perguntamos sobre como a figura paterna está envolvida nesse contexto, pois acredita-se que

tanto a mãe como o pai devem compartilhar das mesmas experiências escolares dos filhos.

Luzia fala:

“Às vezes não viu porque ele precisa trabalhar e aí é muito difícil, mas sempre que eu posso... mas quando eu não posso porque eu tenho contato com a professora né e ela sempre tá falando também comigo e tudo, ainda ela dizia que eu era um dos pais mais presentes que tinha gente lá que nemia pegaras atividades do filho aí eles marcam toda vez no final de bimestre e sempre ia pegar e o tempo que eu ficava na escola eu aproveitava para ter as informações tudim entendeu.” (Luzia, 31)

Sobre o rendimento escolar dos filhos, Luzia diz: *“ A Carol tem muita dificuldade e eu acho que por conta do problema (Epilepsia) que ela tem e tudo, acho que isso prejudicou um pouco ela; o Guilherme ele também tem um pouco de dificuldade mas eu já ajudo ele e a Luiza é que não tem atividade e encontra facilidade.”* Refletindo sobre ter a iniciativa, ou seja, estar envolvida diretamente com a educação escolar das filhas e dos filhos, Luzia desabafa:

“A sobrecarga em relação aos meninos é mais... é minha do que para o Gilberto logo as vezes ele está trabalhando e não tem tempo e eu tenho que arranjar um tempo né e as vezes me cobro sim, mas faz o quê!? É um pouco injusto sim.” (Luzia, 31)

E continua relatando:

“Às vezes eu converso com ele ‘olha você deveria sentar e também ensinar alguma coisa que as vezes eu tenho muita coisa para fazer né. Mas eu sei também que ele tá cansado o trabalho também é pesado aí também não culpo não e eu mesmo resolvo mesmo, entendeu.” (Luzia, 31)

Por ser mãe solo, Regina é responsável pelo processo educacional das filhas. Ela nos fala que as meninas:

“Elas são boas alunas. Eu nunca recebi nenhuma reclamação delas, sempre estou presente na escola em tudo né, conheço todos os professores, converso com todos, conheço a direção da escola sempre indo na escola, sempre participando.”

“Chamaram atenção algumas vezes. A Valquíria como posso dizer, dificuldade de estar realizando as atividades no prazo certo e eles sempre me cobram sobre isso. Agora teve uma mudança de professores e eu tive que relatar para a professora para que ela desse um tempinho a mais para a Valquíria, para que a Valquíria pudesse realizar as atividades, são muitas atividades e muitas tenho que fazer impressões (atividades) para eu poder ajudar ela. Isso leva um pouco de tempo e eu tenho outras coisas para fazer ao auxílio que dou a ela na escola.” (Luzia, 34)

É notável que a mulher na sociedade tem o papel de educadora em tempo integral na vida dos seus filhos. Seja de como formar um ser humano com bons princípios, seja em meio as atividades escolares que acabam sendo direcionadas a mulher que carrega esse estigma. Analisamos que nos cursos de licenciatura, principalmente no de Pedagogia o número de mulheres é bem expressivo frente ao de homens, pois já é uma questão cultural de que a figura feminina é a que ensina, que compreende, que acolhe, que entende e é passiva.

3.4.1. A função do ser pedagoga

Sabemos que o curso de Pedagogia pode levar o estudante a trilhar muitos caminhos, sem ser a sala de aula. Há uma visão enraizada nos discursos sociais que pedagogo é para ser professor de criança, mas sabemos que ele pode atuar em diversas áreas: hospitais, recursos humanos, gestão, empresas, política etc. e também na sala de aula, mas a maioria das pessoas não sabem. Segundo Libâneo (2001) a Pedagogia “é um campo de conhecimentos sobre problemática educativa na sua totalidade e historicidade e, ao mesmo tempo, uma diretriz orientadora da ação educativa”. (p.22)

Decidimos falar das dificuldades de ser mãe universitária do curso de Pedagogia, porque há uma cobrança muito forte para que ela eduque e escolarize os filhos da melhor forma possível, com bons resultados. E isso foi confirmado em cada fala das entrevistadas, pois de certa forma elas são cobradas pela família, pela sociedade e principalmente por elas mesmas. Porém, uma coisa é certa, educar requer tempo e disponibilidade e essas mães não tem e com isso acabam se sacrificando, prejudicando o emocional, o psicológico, o físico, tanto delas como dos filhos.

Luana afirma que pelo fato de ser estudante de Pedagogia ela se sente mais preparada para acompanhar o filho, *“todo mundo deveria fazer o curso de Pedagogia, porque eu acho muito importante na vida do ser humano. Esse curso, eu achei muito completo, com certeza me preparou mais para eu acompanhar o meu filho.”* Ela acredita que se estivesse em outro curso, as cobranças em relação ao acompanhamento escolar do filho, seriam menores, *“nós, mães já somos cobradas, independentemente de ter estudos, mas eu acho que diminuiria (as cobranças) um pouco sim.”*

Sobre o curso de Pedagogia ser sua primeira opção ela nos conta:

“eu sempre quis trabalhar em algo mais afetivo, que eu pudesse ajudar alguém, então eu pensei: ‘eu vou ser professora!’... eu já tinha tentado alguns cursos pelo Prouni, mas como eram cursos à noite eu não fiz... eu queria curso à tarde... quando eu encontrei Química, aí eu pensei que seria a oportunidade... e lá foi que eu descobri que eu era melhor nas matérias

pedagógicas do que nas de cálculos...e aí eu coloquei na minha cabeça que eu ia fazer Pedagogia, mas para entrar na Pedagogia hospitalar.” (Luana, 31)

Ela conta que a sua história de vida contribuiu muito para que hoje estivesse na Pedagogia. Ela conta que sempre quis seguir os caminhos profissionais da mãe, que era a área da saúde, e enquanto a mãe era viva ela tinha a oportunidade de só se dedicar aos estudos, pois a mãe bancava, apoiava e incentivava os seus estudos. Quando a mãe faleceu em 2005, sua vida mudou completamente e teve que abandonar os estudos.

Luana afirma que o curso de Pedagogia é um motivador para melhorar a relação de mãe e filho: *“eu aprendi a ter mais paciência e tolerância com meu filho, porque ele não é aquela criança calminha”*. Quando indagada sobre o ser pedagogo, Luana afirma:

“ser pedagogo é compreender o ser humano em sua subjetividade. Tanto que o pedagogo pode atuar em outras áreas sem ser da educação, tudo relacionado ao ser humano. Eu acho que o pedagogo é o profissional mais próximo de uma mãe, de uma figura materna... é uma profissão que tem um cuidado, que tem a afetividade, que tem a responsabilidade. É um ser que transforma”. (Luana, 31)

Sobre as contribuições do curso de Pedagogia para a vida materna, Adriane acha que o curso influenciou positivamente para que hoje ela tivesse uma visão mais ampla sobre o desenvolvimento da filha: *“se eu não fosse pedagoga eu teria uma visão mais fechada. Eu sou mais compreensiva em relação às coisas que ela faz, por ter estudado todo esse universo infantil durante o curso.”*

Para Rosa, ser uma mãe pedagoga vai além de ser uma mãe professora. Ela procura na Pedagogia, além de sua independência financeira, um meio de se tornar uma mãe melhor:

“é o que tô buscando, eu tô tentando, é o que penso pro curso eu acho que foi o que escolhi para o curso, é saber criar os meus filhos, saber criar ser humanos, para mim a minha missão formar gente, que saiba ajudar, que saiba crescer, que se preocupe com outros, que também sejam pessoas livres, independentes, sem preconceitos.” (Rosa, 37)

A entrevistada diz que não se vê em outro curso, somente Pedagogia seguido de História futuramente. Se ela estivesse em outro ela não teria tanta motivação afirmando: *“esse é que eu quero, que é o que me motiva e tá difícil, imagina uma coisa que não é o que eu não quero, aí que não teria motivação.”* A escolha do curso foi em torno da maternidade *“de melhorar para mim e para eles”*. Como mãe, a graduação em Pedagogia é um motivador para desempenhar

melhor o papel de mãe “*eu acho que vai me ajudar, eu me preocupo em não saber orientar as crianças sabe?!*”

Regina também enxerga as experiências no curso como influências na vida materna:

“Sim. Até pelas experiências que a gente participa na sala de aula, aquela experiência com aquelas crianças, o contato, as histórias que ficam ali disponíveis para que possamos..., as vivências familiares, as famílias diferentes e isso cativa que a gente procure sempre estudar né e quem sabe melhorar para aquelas histórias não aconteçam conosco enquanto mãe também.” (Regina, 34)

Se estivesse em outro curso que não fosse a Pedagogia Luzia acredita que:

“Não, se eu tivesse em outro curso eu seria mais cobrado porque na Pedagogia, assim, eu tiro pela minha realidade eu sempre tive um apoio muito grande dos professores também, lá a gente vê mais a questão da humanidade né. Nos outros cursos têm gente que comenta que o professor não aceita levar filho, e graças deus no nosso curso ainda não apareceu nenhum professor que fizesse isso, eu acho que se eu tivesse em outro curso eu acho que eu teria desistido.” (Luzia, 31)

Para Regina:

“Eu acho que não (risos). Assim por que eu vejo que ééé... assim ser mãe sempre tem essa demanda né você tem que tá ali, desenvolver bem a maternidade não interessa o que você tem pra fazer, ser mãe é buscar a excelência né, buscando sempre o melhor.” (Regina, 34)

Para Regina, a escolha do curso, foi da seguinte forma:

“Eu sempre gostei de estudar né, da leitura... gramática eu gostava demais, gostava não né, eu gosto! e sempre as minhas brincadeiras foram voltadas com o estudo, até um certo tempo e isso me incentivou bastante né eu tenho algumas tias que são professoras e eu achava muito bonito e de um certo tempo eu tentei fugir né, eu fiz é Biologia até o 6º período mas não me encontrava. Era algo que faltava alguma coisa e com a presença na escola das meninas eu via as professoras, tem uma em especial que acompanhou a Ana Carolina até o 4º ano e sempre muito perto, participando da vida escolar das meninas e foi isso que me chamou muita atenção. Fiz o vestibular de novo e tentei a vaga né pra vê se realmente era aquele curso que me fascinava e realmente desde o primeiro contato com os professores, a turma, os primeiros trabalhos, sempre me motivaram a continuar e isso foi algo assim e até hoje eu não consigo me imaginar em um outro curso ééé... fazendo outra coisa.” (Regina, 34)

As entrevistadas compartilham a vontade de pertencer ao curso de Pedagogia por enxergarem na área uma oportunidade para alfabetizar crianças, acompanhando seu desenvolvimento e também pela admiração pela profissão a partir de suas experiências particulares antes mesmo de ingressarem na licenciatura.

Regina fala do incentivo para que as filhas tenham autonomia dentro da sua visão de futura pedagoga:

“Sim. Eu dou bastante autonomia para elas né para que elas possam realizar as tarefas aí aquilo que elas têm dificuldades elas vêm até a mim eu sempre estou observando né. Sempre deixando elas livres para realizarem as tarefas.” (Regina, 34)

Além disso, ela complementa:

“Ah sim, eu busco aplicar com elas tudo aquilo que eu aprendi tanto na maternidade, como no curso. Vou tentando inserir o que acredito que seja a influência do educador na vida da criança é tento colocar isso ao máximo para conciliar também né, eu tento sempre dar o meu melhor pra suprir a necessidade de cada um desses papéis, mas dificuldade em si eu não dou um relato.” (Regina, 34)

Sobre alguma coisa que deixou a desejar no curso, Luzia responde que:

“Não, não, assim ééé... só houve uma lacuna no currículo da Pedagogia entendeu porque eu acho assim... tinha coisas que deveriam terno currículo que são obrigatórias que é o EJA (Educação de Jovens e Adultos) que a gente tem como optativa que eu acho isso um erro entendeu. Outra coisa é ter quatro disciplinas vendo administração e é a mesma coisa.” (Luzia, 31)

Durante a pandemia o curso deixou a desejar, segundo Luzia: *“tem alguns professores que passam muito trabalho entendeu, muito trabalho excessivo, e a gente tava reclamando que os professores estão passando mais trabalho nesse período de pandemia do que presencial entendeu.”*

Todavia ela fala sobre um fator positivo no curso:

“Eu não conheço muito os professores que estão ali que eu convivo bastante mas admiro bastante. Ah eu tenho uma admiração pelo resto da vida é pelo professor Fauston, professor Samuel, professora Eliede; gente ela tem uma didática invejável.” (Luzia, 31)

Indagamos Luzia com a seguinte pergunta “O que é ser pedagogo?”. Luzia responde da seguinte forma:

“Pra mim ser pedagogo é ser um pouco mãe também por que querendo ou não vai ter cuidado com aquelas crianças por que elas vão estarno começo da sua vida e elas precisam muito de afeto então ser pedagogo temo livro do Paulo Freire que diz ‘professora sim, tia não’, mas aí a gente não pode tirar isso da criança querendo ou não elas estão acostumadas e vão chamar a gente de tia e tem criança queria que a gente fosse mãe dela pelo carinho. Então ser pedagogo é ser um pouco mãe e ser um pouco pai, vai ter que dá afeto para aquela criança entende. Você vai ter que dar amor aquela criança e você vai ter que ter amor pela aquela profissão entendeu, você vai ser um exemplo ruim ou mal para aquela criança.” (Luzia, 31)

A entrevistada traz à tona o questionamento sobre reduzir a docência como algo que está vinculado ao parentesco, apenas aos cuidados maternos a uma criança. Isso acaba por fazer com as famílias e sociedade não enxerguem o pedagogo ou pedagoga como profissionais capacitados que se dedicaram durante anos a compreender e desempenhar a práxis no seu ambiente de trabalho que é a escola. Paulo Freire (1997) afirma que:

“a tarefa de ensinar” não deve transformar “a professora em tia de seus alunos da mesma forma como uma tia qualquer não se converte em professora de seus sobrinhos só por ser tia deles. Ensinar é profissão que envolve certa tarefa, certa militância, certa especificidade no seu cumprimento enquanto ser tia é viver uma relação de parentesco”.

É importante deixar evidente que a docência deve ser valorizada como uma profissão que contribui para o pleno desenvolvimento do ser humano baseada em estudos e uma formação contínua. É dever da sociedade que os profissionais da educação se sintam reconhecidos desde de sua formação acadêmica. Nesse contexto de pandemia em que vivemos, esse questionamento se torna pertinente pois os pais perceberam a importância da professora e professor em sala de aula e como tal papel se diferencia da educação familiar. Corroborando com isso, Regina relata que:

“Ser pedagogo, na minha opinião é ser base de formação. Ajudar a construir e moldar um indivíduo a partir do conhecimento de seu Eu e de onde ele se encontra no mundo.” (Regina, 34)

Diante de todo histórico da sua trajetória que tipo de mãe as entrevistadas se consideram hoje. Luzia afirma que:

“Gente eu tenho muito ainda que aprender eu digo que não sou mesmo sendo pedagoga eu não sou uma mãe perfeita entendeu eu sou uma mãe melhor sim tento ser melhor a cada dia, mas ainda me falta alguma coisa viu. Porque eu

não sou perfeita tem hora que a gente fica sem paciência briga entendeu, aí eu vou aprendendo cada dia mais e ser uma mãe melhor.” (Luzia, 31)

Já para Regina:

“Eu defino como uma trajetória ééé... uma trajetória que de muitos obstáculos né muitas cobranças muitos percalços mas é uma trajetória que leva ao sucesso se a pessoa chegar no topo e achar que o sucesso não é como a gente espera pode chegar a formação, chegar a concluir um curso tento em vista onde houve no meio do caminho muitas renúncias, muitas interferências e a gente chegar já é uma vitória né mesmo que venham muitas ééé... alguns problemas que deixam pensar em não prosseguir mas só de estar tentando já é uma vitória. Eu sei que tem muitas mães que chega no meio do caminho e encontra muita dificuldade e realmente desistem, mas não por não poder lutar por aquele sonho por ééé... adiar somente. É uma trajetória significativa. Acredito que ser mãe e acadêmica ééé é formadora de pensamentos é um grau muito elevado para uma mulher. Todas são vitoriosas.” (Regina, 34)

E continua:

“Eu acredito que eu superei minhas expectativas (risos) ééé... Nunca me imaginava mãe né quando eu me tornei mãe foi totalmente novo né. Tanto que hoje eu costumo falar assim, o ‘antes-mãe’ aquele momento antes eu não tenho como lembrar todas as minhas lembranças são como mãe.” (Regina, 34)

Percebemos que todas elas têm um motivo para estar na Pedagogia, algumas para se encontrar, outras para se realizarem, mas algo em comum é o reflexo que o curso tem na criação dos filhos, bem como na trajetória educacional de cada um. Todas afirmam o quanto o curso tem sido um divisor de águas e o quanto passam a ver seus filhos com outro olhar, além do olhar de mãe e no aperfeiçoamento educacional enquanto licenciandas do referido curso.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do exposto até aqui, percebemos que a mulher historicamente vem enfrentando grandes batalhas para poder se afirmar enquanto sujeito que está inserido em uma sociedade, onde precisa ser reconhecido seus direitos e necessidades e que a figura masculina não se configure como sendo superior em detrimento dessas mulheres que sofrem constantes represálias por conta de seu gênero.

Essa mulher que descrevemos, conseguiu ter acesso à educação e deixou de dar exclusividade aos cuidados da família, procurando progredir socialmente e se desvencilhar de suas amarras. Porém, mesmo com tanto progresso, encontramos mulheres de diferentes contextos que são impedidas de chegar ao ensino superior, ou, quando essa situação se torna realidade, encontram diversas dificuldades que a fazem desistir durante o processo acadêmico, sendo um dos motivos a maternidade.

Enquanto graduandas em Pedagogia, sentimos na pele os obstáculos que precisamos enfrentar para conseguirmos chegar ao final da graduação. Encontramos muitas outras mulheres que são mães e educadoras de seus filhos e nos debruçamos em suas histórias de vida que tanto nos chamaram nossa atenção para a necessidade de um visibilidade e acolhimento por parte de suas famílias e também da universidade que em alguns momentos dificulta que essas mulheres desempenhem suas atividades podendo, assim, como os seus colegas de graduação, - que se encontram com certas vantagens- , também desfrutar mais intensamente das vivências acadêmicas.

Percebemos que essas estudantes são pessoas que em grande parte não são ouvidas pelo companheiro ou outros membros da família fazendo com que em algumas situações se sintam culpadas por não dar conta de todas as demandas na qual somente a mulher na sociedade é direcionada, fazendo com que muitas delas se conformem com essa realidade acreditando que faz parte do ser mulher lidar com tantas tarefas no seu dia a dia. Suas reclamações partem tanto da sua vida privada (doméstica e educadora) como da vida acadêmica, acreditando que não são contempladas com a compreensão e a empatia das referidas esferas.

Conhecemos mulheres exaustas, sofridas, mas que nunca pensam em desistir de continuar na busca de seus sonhos, como a conclusão da graduação e de poder auxiliar no processo educacional de seus filhos com êxito mesmo que não encontrem um suporte da figura paterna para isso. Mulheres que enxergam no curso de Pedagogia um incentivo a mais para serem boas mães, excelentes educadoras, esposas presentes, estudantes dedicadas e futuras profissionais bem capacitadas. Enxergamos o esforço de cada uma delas para conseguir

coniliar todas as suas atividades com um sorriso no rosto mesmo que isso lhe custe noites mal dormidas e problemas psicológicos.

Concluimos que, a sociedade precisa encarar essas mulheres como seres potentes e que precisam ser levados em conta suas subjetividades e particularidades para que possam ter uma vida mais digna e que certos estereótipos precisam ser quebrados para que haja uma equidade entre os gêneros em que essa figura feminina são sinta tão sobrecarregada. É preciso que sua rede de apoio contribua efetivamente no que diz respeito a tantas jornadas que essa mulher enfrenta no seu cotidiano na intenção de que não se sintam tão cobradas pelas necessidades escolares de suas crianças, além das acadêmicas e domésticas.

É urgente que a universidade contribua para o desenvolvimento de ações afirmativas em prol dessa estudante que tem o direito de permanecer no curso de graduação de maneira integral e que possam ser disponibilizados um local de acolhimento e de escuta, como o atendimento psicológico disponível na universidade e quem sabe uma creche para possibilitar que essa mãe deixe sua criança em um lugar seguro e próximo a ela. Que docentes e colegas de turma se sensibilizem e sejam solidários nesse percurso educacional dessas estudantes e que no futuro seja algo recompensador e inspire outras mais para lutarem e ocuparem espaços.

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADEODATO, V. G.; Carvalho, R. R.; SIQUEIRA, V. R.; SOUZA, F. G. M. (2005). **Qualidade de vida e depressão em mulheres vítimas de seus parceiros**. *Revista Saúde Pública*.

ALMEIDA, Jane Soares de. **Imagens de mulher: a imprensa educacional e feminina nas primeiras décadas do século**. *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*, Brasília: MEC/INEP, v.79, n. 191, p. 19 – 30, jan./abr. 1998.

ARAGÃO, MILENA; KREUTZ, LÚCIO. Do ambiente doméstico às salas de aula: novos espaços, velhas representações. **Conjectura**, Caxias do Sul, v.15, n.3, p. 106-120, dez. 2010.

BADINTER, E. **Um amor conquistado: O Mito do Amor Materno**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira. 1985.

BARBOSA, Livia. **Igualdade e meritocracia: a ética do desempenho nas sociedades modernas**. Rio de Janeiro: FGV, 2003. 216 p.

BARSTED, Leila Linhares; PITANGUY, Jacqueline (Orgs). **O Progresso das Mulheres no Brasil 2003–2010**. Rio de Janeiro: CEPIA; Brasília: ONU Mulheres, 2011. Disponível em:< http://onumulheres.org.br/wp-content/themes/vibecom_onu/pdfs/progresso.pdf>. Acesso em 03 de Dezembro de 2020.

BEAUVOIR, S. **O segundo sexo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

Brasil. (2011). Presidência da República. **Política Nacional de Enfrentamento à Violência contra as Mulheres**. Brasília: Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres. Disponível em: <<http://www.spm.gov.br/central-de-conteudos/publicacoes/publicacoes/2015/balanco180-10meses-1.pdf>>. Acesso em: 30 de dezembro de 2020.

BRASIL. **Congresso Nacional. Plano Nacional da Educação**. 2000. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/pne.pdf>>. Acesso em: 21 de Dezembro de 2020.

BRASIL. Decreto nº 7234, de 19 de julho de 2010. **Dispõe sobre o Programa Nacional de Assistência Estudantil**. Poder Executivo. Brasília, DF, 20 de julho de 2010.

Brockner, J., & Rubin, J. Z. (1985). **Entrapment in escalating conflicts: A social psychological analysis**. New York, *SpringerVerlag*.

CAPPELLE, Mônica Carvalho Alves et al. A produção científica sobre gênero nas organizações: uma meta-análise. **REAd-Revista Eletrônica de Administração**, v. 13, n. 3, p.

502-528, 2007. Disponível em:< <https://seer.ufrgs.br/read/article/view/39960/25469>>. Acesso em 21 de dezembro de 2020.

CHARTIER, Roger. Por uma sociologia histórica das práticas culturais. In: _____. **A História Cultural: entre práticas e representações**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990, p. 13-28.

COSTA, A. F.; LOPES, J. T. **Os estudantes e os seus trajectos no ensino superior: sucesso e insucesso, factores e processos, promoção de boas práticas**. Lisboa: Centro de Investigação e Estudos em Sociologia, 2008.

COSTA. C. Hygiene Geral – aleitamento materno II. **Mãe de família: jornal científico literário ilustrado**, Rio de Janeiro, a.8, n.9, p. 67, Maio 1886.

COULON, A. **A Condição de estudante: a entrada na vida universitária**. Salvador: EDUFBA, 2008.

CRENSHAW, Kimberle. (2002). **Documento para o Encontro de Especialistas em Aspectos da Discriminação Racial Relativos ao Gênero**. ESTUDOS FEMINISTAS (1). Pp 177-188.

_____. **Mapeando as margens: interseccionalidade, políticas de identidade e violência contra mulheres não-brancas**. 1991. Traduzido por Carol Correia. Disponível em: <https://medium.com/revista-subjetiva/mapeando-as-margens-interseccionalidade-pol%C3%ADticas-de-identidade-e-viol%C3%A4ncia-contra-mulheres-n%C3%A3o-18324d40ad1f>>. Acesso em: 17 janeiro de 2021.

DEMO, Pedro. **Pesquisa: princípio científico e educativo**. 10. ed. São Paulo: Cortez, 2003. 120 p. (Biblioteca da educação. Série 1. Escola, 14.)

DIAS, Maria Berenice. **Manual de Direito das Famílias [livro eletrônico]**. 4ª ed. São Paulo Editora Revista dos Tribunais, 2016.

FALKEMBACH, E. M. F. **Diário de Campo: um instrumento de reflexão**. Revista Contexto/Educação, Ijuí, Unijuí, v. 7, s.d

FREIRE, Paulo. **“Professora sim, tia não”**. São Paulo: Olho d’Água, 1997.

_____. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 25. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GOMES, Lúcia Laís Balbino. **Mulher, mãe e universitária: desafios e possibilidades de conciliar a maternidade à vida acadêmica**. Tcc (Bacharelado em Terapia Ocupacional) - Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa, p. 68. 2020.

GRADVOHL, S. M. O.; OSIS, M. J. D. & MAKUCH, M. Y. **Maternidade e formas de maternagem desde a idade média à atualidade**. Pensando famílias, v. 18, n. 1, p. 55-62, 2014.

HIRATA, Helena; KERGOAT, Danièle. Novas configurações da divisão sexual do trabalho. Cadernos de pesquisa, v. 37, n. 132, p. 595-609, 2007.

JOSÉ FILHO, Mario. Pesquisa: contornos no processo educativo. In: JOSÉ FILHO, Mario; DALBÉRIO, Osvaldo (org.). **Desafios da pesquisa**. Franca: UNESP- FHDSS, p. 63-75, 2006.

KAZTMAN, R. **Seducidos y abandonados**: el aislamiento social de los pobres urbanos. **Revista de la CEPAL**, n. 75, p.171-189, 2001.

LAHIRE, B. **Retratos sociológicos**: disposições e variações individuais. Porto Alegre: Artmed, 2004.

LIBÂNEO, José Carlos. Pedagogia e pedagogos: inquietações e buscas. **Educar**, Curitiba, n. 17, p. 153-176. 2001a. Editora da UFPR.

LOPES, J. T. (Org.). **Registos do actor plural**: Bernard Lahire na sociologia portuguesa. Porto: Afrontamento, 2012.

LOURO, Guacira, Lopes. **Gênero e Magistério**: Identidade, História e Representação. In: CATANI, Denice Bárbara (Org.). **Docência, Memória e Gênero**. São Paulo: Escrituras Editora, 1997.

MARCONI, M. De A.; LAKATOS, E. M. **Técnicas de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2007.

MASSI, L. **Relação aluno-instituição**: o caso da licenciatura do Instituto de Química da UNESP/Araraquara. 2013. 167 f. Tese (Doutorado em Ensino de Ciências) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

MATOS, VANESSA CRISTINA SANTOS. Uma análise sobre participação política (ações afirmativas) e cidadania feminina. **Antúteses**, v. 9, p. 171-178, 2008.

MELO, Alexandre. Os fatos **históricos que marcaram as conquistas das mulheres**. Revista Nova Escola. 2013. Disponível em Disponível em: < <http://www.revistaescola.abril.com.br/.../fatos-historicos-conquistasda-da-mulher-7>> . Acesso em: 21 de Dezembro de 2020.

MELO, Rosemary de. (org.). Pais, filhos e escola: os desafios da educação contemporânea. **CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO**. 2015. Disponível em: < http://www.editorarealize.com.br/revistas/conedu/trabalhos/TRABALHO_EV045_MD1_SAI7_ID6251_08092015115447.pdf> . Acesso em 21 de abril de 2019

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa Social**. Teoria, método e criatividade. 18 ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

MIRANDA, Elis. **A influência da relação professor-aluno para o processo de ensinoaprendizagem no contexto afetividade**. In: 8º Encontro de Iniciação Científica e 8ª Mostra de Pós-Graduação. FAFIUV, 2008. Disponível em: <http://www.ieps.org.br/ARTIGOSPEDAGOGIA.pdf>. Acesso em: 30 de dezembro de 2020.

NEVES, Mozart. **O papel dos pais na educação dos filhos**. ISTOÉ. 08 fevereiro, 2017. disponível em: < <https://istoe.com.br/o-papel-dos-pais-na-educacao-dos-filhos/> > Acesso em: 21 de abril de 2019.

Ortolani, I. V. (2003). **Violência Doméstica**. Disponível em: <http://www.psiqweb.med.br>. Acesso em: 10 de setembro de 2020.a, 1997.

PEDROSA, C. M. (2009). **A construção de uma ferramenta social para promoção da saúde e dos direitos das mulheres**. Paidéia, Ribeirão Preto, v. 19, n. 42, pp. 123-130.

PLECK, J. H. (1997). **Paternal involvement**: Levels, sources and consequences. In M. E. Lamb (Ed.). *The role of the father in the child development* (pp. 66-103). New York: Wiley.

REGUILLO, Rossana. **En la calle otra vez. Las Bandas**: identidad urbana y usos de la comunicación. Jalisco/México: Iteso, 1995.

REIS, Stefani Angeles Souza. **Ser mãe na universidade**: uma análise da percepção de alunas gestantes e nutrízes acerca das políticas de assistência social de uma IFES. 2017.

RESENDE, Rodrigo. **Desafios das mães universitárias e projetos em análise no Congresso**. SENADO FEDERAL. 18 maio, 2018. Disponível em: < <https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2018/05/17/desafios-das-maes-universitarias-e-projetos-em-analise-no-congresso> >. Acesso em 21 de abril de 2019

RIBEIRO, FLAVIA GRIPP. **Mães estudantes**: desafios da maternidade e da permanência na Universidade enfrentados pelas alunas do Curso de Serviço Social da UnB. 2017.

ROMANELLI, Geraldo. O significado da educação superior para duas gerações de famílias de camadas médias. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, Brasília, v.76. n.184, p.445-476, set./dez., 1995. Disponível em: < <http://rbepold.inep.gov.br/index.php/rbep/article/view/1100/1074> >. Acesso em: 10 de dez. 2020.

ROSSETTI-FERREIRA, M. C., AMORIM, K. DE S., & SILVA, A. P. S. **Rede de Significações**: alguns conceitos básicos. In M. C. Rossetti-Ferreira, K. de S. Amorim, A. P. S. Silva, & A. M. A. Carvalho, Rede de Significações e o Estudo do Desenvolvimento Humano. Porto Alegre: ArtMed Editora, 2004.

SAFFIOTI, H. I. B. **Contribuições feministas para o estudo da violência de gênero**. Cadernos Pagu, v. 16, 2001.

SAVIANI, D. **Escola e democracia**: teorias da educação, curvatura da vara, onze teses sobre a educação política. 39. Ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2007.

SCOTT, JOAN. **O Gênero**: uma categoria útil de análise histórica. Educação e Realidade. v.20, n.2, julho/dezembro 1995.

SOARES, B. M. (1999). **Mulheres invisíveis: violência conjugal e as novas políticas de segurança.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

SOARES, Vera. **Movimento de mulheres e feminismo:** evolução e novas tendências. IN: Revista Estudos feministas. Rio de Janeiro, 1994.

TELES, Maria Amélia de Almeida. **Breve história do feminismo no Brasil.** São Paulo: Brasiliense, 1993.

URPIA, A. M. de O. **Tornar-se mãe no contexto acadêmico: narrativas de um self participante.** 2009. 200p. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Salvador, 2009.

URPIA, A. M. de O., and SAMPAIO, SMR. **Mães e universitárias: transitando para a vida adulta.** In: SAMPAIO, SMR., org. Observatório da vida estudantil: primeiros estudos [online]. Salvador: EDUFBA, 2011, pp. 145-168. ISBN 978-85-232-1211-7. Available from SciELO Books. Disponível em:<<http://books.scielo.org/id/n656x/pdf/sampaio-9788523212117-09.pdf>>

WEBER, MAX; ECHAVARRIA, MEDINA; WINCKELMANN, JOHANNES. **Economía y sociedad:** esbozo de sociología comprensiva/Wirtschaft und gesellschaft. Fondo de Cultura Económica, 1964.

APÊNDICE A -TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Título do projeto: A trajetória de mães universitárias: as vivências de estudantes do curso de Pedagogia (UFDPAr) e suas intercessões com o percurso educacional de seus filhos

Pesquisadoras responsáveis: Carliane de Jesus Souza; Diliane Nascimento de Oliveira

Trabalho de conclusão de curso: Licenciatura em Pedagogia

Instituição: Universidade Federal do Delta do Parnaíba - UFDPAr

Telefone celular dos pesquisadores para contato: Carliane de Jesus Souza (86) 9 9566-5006; Diliane Nascimento de Oliveira (86) 9 94079389

Você está sendo convidada para participar, como voluntária, da pesquisa intitulada “A trajetória de mães universitárias: as vivências de estudantes do curso de Pedagogia (UFDPAr) e suas intercessões com o percurso educacional de seus filhos”, que tem por objetivo analisar a trajetória de mulheres mães estudantes do curso de Pedagogia da Universidade Federal do Delta do Parnaíba na formação educativa de seus filhos e as estratégias por elas usadas para superar os obstáculos desses desafios.

Refletindo sobre a nossa trajetória dentro do ambiente universitário e a de outras mulheres, que passam por situações semelhantes, resolvemos pesquisar mais detalhadamente sobre o assunto, na tentativa de entender as estratégias pensadas para melhor conciliar as responsabilidades dessas estudantes universitárias com as responsabilidades de mãe, principalmente no que se refere ao acompanhamento escolar dos filhos. Os estudos à respeito dessa temática ainda são poucos. Quando se fala no assunto, é muitas vezes algo muito generalizado, de maneira bem superficial. É de fundamental importância que mais estudos sejam realizados dentro dessa temática com maior profundidade, e acreditamos que através dessa pesquisa poderemos contribuir para que mais pessoas possam ter respaldo quanto à temática, tanto para as mães universitárias do curso de Pedagogia que se encaixam dentro da pesquisa e que passam por situações semelhantes, no que se refere ao enfrentamento dos desafios da permanência dentro do curso e das dificuldades no acompanhamento escolar filhos, quanto às demais pessoas aos que procuram saber mais sobre o assunto.

Neste trabalho utilizaremos o recurso da entrevista como procedimento metodológico para construção de informações, além de pesquisa bibliográfica. Mediante convite, as mães estudantes do curso de pedagogia serão solicitadas a participar da pesquisa de forma voluntária e espontânea, sem gerar nenhum tipo de ônus financeiro. A coleta e construção das informações se dará de forma online, mediante as mídias digitais, em local e ambiente de preferência da participante. Para isso, faremos uso de entrevistas semi-estruturadas com roteiro, guia que se aproxima dos objetivos da pesquisa, tendo como base a teoria utilizada na discussão dos temas,

sempre com linguagem aproximada ao cotidiano e ao vocabulário das pesquisadas, de modo a equilibrar possíveis distorções quanto ao andamento das entrevistas, que serão registradas por meio de um gravador de áudio, de forma que cause o mínimo de interferência na estudante entrevistada.

Os riscos, *a priori*, são mínimos, porque não estão previstas interferências em suas falas, muito menos alteração nas sociabilidades das participantes, muito embora a análise de risco aconteça simultaneamente à operacionalização da pesquisa, que será contornada sempre que houver qualquer iminente risco aos pesquisados, ainda que mínimos. Os principais riscos, que por ventura possam vir a acontecer, estão relacionados a algum tipo de constrangimento de natureza subjetiva, considerando as dimensões psíquicas, moral, intelectual, social, cultural e familiar. Os benefícios, por outro lado, podem ser extensos, uma vez que a entrevista constituiu-se como um convite privilegiado à reflexão, por vezes acerca de questões em torno das quais a participante não se detivesse em circunstâncias outras, e a pesquisa, depois de concluída, pode servir como um instrumento de informação para outras estudantes nas mesmas situações, e ainda como um incentivador à realização de políticas e projetos que visem a melhoria da permanência das mães estudantes dentro do ambiente universitário.

A pesquisa é isenta de qualquer custo, que será arcado único e exclusivamente pelas pesquisadoras, embora que qualquer reclamação de prejuízo por parte das participantes será passível de análise e, comprovada a necessidade, serão ressarcidas de forma imediata. Esta pesquisa, também, não disponibiliza remuneração às participantes, as quais cederão seu tempo à pesquisa de forma espontânea e voluntária.

Está assegurado, nesta pesquisa, o sigilo total de toda e qualquer informação construída, e que será utilizada pelos pesquisadores para a escrita da dissertação, assim como as identidades das participantes, se assim as mesmas optarem. Os resultados poderão ser divulgados em publicações científicas, apresentação em eventos científicos, acadêmicos e culturais. Os dados coletados serão mantidos em poder das responsáveis pela pesquisa por um período de 5 (cinco) anos, e após este período serão destruídos.

Por meio deste documento e a qualquer tempo você poderá solicitar esclarecimentos adicionais sobre o estudo, em qualquer aspecto que desejar. Também poderá retirar seu consentimento ou interromper a participação a qualquer momento, sem sofrer qualquer tipo de penalidade ou prejuízo.

Após ser esclarecida sobre as informações a seguir, no caso de aceitar fazer parte do estudo, assine ao final deste documento, que deverá ter todas as páginas rubricadas pelas pesquisadoras responsáveis ou pessoa por elas delegada, e pelo responsável legal, e está em

duas vias. Uma delas é sua e a outra será arquivada pelas pesquisadoras responsáveis. Sua adesão com a assinatura deste documento será para participar como interlocutora de entrevista com perguntas que buscam compreender melhor a trajetória de mulheres estudantes do curso de Pedagogia da Universidade Federal do Delta do Parnaíba – UFDPAr, bem como a formação educativa de seus filhos e quais estratégias por elas usadas para superar os obstáculos no desafio de ser mãe em processo de formação acadêmica.

Eu, _____

RG _____, após receber explicação completa dos objetivos do estudo e dos procedimentos envolvidos, concordo, voluntariamente, em participar deste estudo.

Quanto à minha identidade, solicito: () sigilo; () menção. Observações:

_____.

Assinatura da Participante da Pesquisa

Nome das Pesquisadoras Responsáveis: Carliane de Jesus Souza; Diliane Nascimento de Oliveira

Assinatura das Pesquisadoras Responsáveis

Parnaíba, ____ de _____ de 2020

Em caso de dúvidas com respeito aos aspectos éticos deste estudo, você poderá consultar:

Pesquisadora responsável: Carliane de Jesus Souza;

Endereço: Rua Antonio Cajubá de Brito, Nº 235, Bairro Primavera, Conjunto Brodeviller, Parnaíba – PI.

CEP: 64.213-185

Fone: (86) 9 9566-5006 / e-mail: *carlianejsouza@gmail.com*

Pesquisadora responsável: Diliane Nascimento de Oliveira

Endereço: Rua Vereador Arimateia Carvalho, N° 3410, Bairro Piauí, Parnaíba-PI

CEP: 64.208.460

Fone: (86) 9 9407-9389 / e-mail: *dilianepholiveira@gmail.com*

APÊNDICE B - ROTEIRO DE ENTREVISTA



Universidade Federal do Delta do Parnaíba - UFDPAR
 Licenciatura em Pedagogia – 9º período
 Trabalho de Conclusão de Curso (TCC)
 Orientador: Samuel Pires Melo
 Orientandas: Carliane de Jesus Souza e Diliane Nascimento de Oliveira

Entrevista semi-estruturada

Perfil sociodemográfico

- 1- Idade: (_____) Anos
- 2- Curso: _____ Período: _____
- 3- Você se considera:
 - () Branca () Negra () Parda () Amarela
 - () Outra: (_____)
- 4- Religião:
 - () Católica () Evangélica () Judáica () Espírita () Atéia
 - () Outra: (_____)
- 5- Atualmente você está:
 - () Desempregada () Empregada
- 6- Profissão que exerce: _____
- 7- Tipo de moradia:
 - () Própria () Alugada () Cedida () Financiada
- 8- Atualmente você mora com:

- Com seus pais Com seu cônjuge Sozinha Com amigos
 Outro (Especifique): _____
- 9- Renda Familiar Mensal
 Até um salário mínimo Um a dois salários mínimos
 Dois a três salários mínimos Acima de três salários mínimos
- 10- Estado civil:
 Solteira Casada Divorciada Separada Viúva União estável (
 Outro: (_____)
- 11- Número de filhos: (_____)
- 12- Antes de ingressar como discente na universidade, como era sua vida familiar? Morava com seus pais, com outras pessoas ou sozinha?
- 13- Como se dava a convivência com as outras pessoas caso não morasse sozinha? Era um ambiente saudável ou de muitos conflitos?
- 14- Quais níveis de escolaridade os principais membros da sua família possuem? De alguma forma isso influenciou no seu percurso escolar até que chegasse na universidade?
- 15- Você é oriunda de escola pública ou privada? Qual sua opinião sobre cada uma delas?
- 16- Se considerava uma boa aluna ou encontrava inúmeras dificuldades de aprendizagem? O que acha que influenciava para isso?
- 17- Quantos irmãos ou irmãs possuía ou possui? Teve algum momento da vida em que necessitou cuidar de seus irmãos para contribuir com sua mãe que se encontrava sobrecarregada?
- 18- Seu pai foi um homem presente ou ausente em sua vida? Como um pai presente, percebeu o companheirismo em relação a sua mãe na sua educação e dos seus irmãos? Como pai ausente, isso modificou sua percepção em torno da paternidade no cotidiano de uma família?

- 19- Seus pais ou responsáveis sempre incentivaram você para que tivesse interesse pelos estudos? Esse aspecto influenciou na educação escolar do seu filho?
- 20- Como é a relação afetiva com o pai do seu filho? Moram juntos ou separados? Como se conheceram?
- 21- O que o pai do seu filho ou filha acha da sua decisão de estar na universidade?
- 22- Qual seu pensamento em relação a maternidade? Sempre pensou assim ou quando mudou?
- 23- Você se sente sobrecarregada com os afazeres domésticos, ou existe uma divisão de papéis, caso more com o pai do seu filho?
- 24- A família do pai do seu filho contribui nos cuidados com o mesmo? Também fazem parte da sua rede de apoio? Vocês têm uma boa convivência?
- 25- Qual a reação da sua família e da família do pai do seu filho quando soube da sua gravidez e principalmente a reação do seu companheiro? Você se sentiu acolhida ou julgada pelo o acontecido?
- 26- A sua gravidez aconteceu em que momento? Antes ou durante a graduação?
- 27- Foi uma gravidez tranquila ou requereu cuidados específicos?
- 28- O pai do seu filho era alguém responsável em relação aos cuidados que precisava durante sua gestação tanto em termos de afeto e financeiro?
- 29- Qual o sentimento de ficar grávida/ser mãe estando em curso universitário? Pensou em desistir ou quis enfrentar os obstáculos tanto dentro como fora da universidade?

- 30- Houve pressão familiar para que abrisse mão da universidade para apenas se dedicar a maternidade? E depois da gestação, ainda encontra resistência em relação as pessoas da sua família e do pai do seu filho para que deixe os estudos?
- 31- Em algum momento percebeu que a religião que pratica ou dos seus familiares foi um empecilho para que deixasse a universidade e se dedicasse exclusivamente ao lar e a maternidade?
- 32- Você se sente amparada pela universidade bem como pelo os seus setores para que tenha mais possibilidades como os demais acadêmicos para a realização das atividades sem que haja tantos prejuízos? Como se sente com essa realidade?
- 33- Seus professores e professoras lidam bem caso leve a criança para sala de aula ou quando atrasa algum trabalho acadêmico por conta dos imprevistos da maternidade e do lar?
- 34- Percebe que seus colegas de classe a incentiva, compreende e luta pelos os seus direitos? Como por exemplo: passar por certos constrangimentos em sala de aula por conta de algum docente. Você percebe que não se encontra sozinha nessa situação?
- 35- O seu filho (a) acompanha você na universidade? Caso não, com quem ele fica?
- 36- Precisou levar algum familiar ou o pai do seu filho (a) para o convívio acadêmico para que lhe auxiliasse nas suas atividades acadêmicas? Se sim, como foi a reação de ambos quando foram solicitados
- 37- Pensa com frequência em desistir do curso? Se sente inferior por muitas vezes deixar de realizar alguma atividade ou entregar com atraso, temendo que irá ser excluída do seu grupo de sala ou repreendida pelos os docentes?
- 38- Já se sentiu excluída por colegas de turma? E em relação aos professores, já sentiu algum tipo de preconceito?

- 39- Como acontece a rotina dos seus estudos? Como a sua família e seu companheiro contribuem nesse sentido? Existe críticas em torno disso, ou encontra apoio?
- 40- Qual a (s) pessoa (s) que mais incentiva você para continuar na universidade até a conclusão do curso?
- 41- Qual o maior obstáculo a ser superado na relação de conciliação entre a vida universitária e a de mãe?
- 42- Quais as dificuldades encontradas por você ao levar seu filho para a vida acadêmica?
- 43- Se filho (a) estuda em escola privada ou pública? Quais os pontos negativos e positivos em relação ao ensino na qual seu filho está inserido? Atende suas expectativas ou deixa a desejar?
- 44- Como é sua relação com a escola de seu filho? Você é participativa durante as atividades sugeridas pela escola? O pai do seu filho também é presente nesse sentido?
- 45- Percebe que seu filho (a) tem um bom rendimento escolar ou apresenta muitas dificuldades? Procura estar sempre em contato com as professoras do seu filho? As mesmas relatam a falta de suporte da sua parte nas tarefas do seu filho?
- 46- Você sente e compreende que existe uma cobrança maior em torno da mãe na realização e participação nas atividades referentes a escola? Ao contrário dos pais que muitas vezes se isentam desse papel?
- 47- Costuma receber reclamações por parte da escola por mau comportamento do seu filho? Como acontece o diálogo entre você e a escola tendo em vista que sua vida já é atribulada por conta dos cuidados domésticos e da universidade?

- 48- Em relação ao auxílio educacional/ tarefas escolares que dispõe ao seu filho, você acredita que desempenha um bom papel?
- 49- Quais os obstáculos que encontra para que seu papel de mãe e educadora seja efetivo?
- 50- Você se sente cobrada pelos resultados educacionais do seu filho pelo fato de ter uma vida muito ocupada?
- 51- Como estudante de pedagogia você sente-se mais preparada para acompanhar seu filho (a) na vida escolar: Justifique.
- 52- Você consegue usar seus conhecimentos pedagógicos para melhor acompanhar a vida educacional de seu filho? Justifique.
- 53- Consegue acompanhar seu filho (a) na realização das atividades escolares de casa? Justifique.
- 54- Quais as dificuldades encontradas para fazer o acompanhamento escolar de seu filho e ao mesmo tempo manter um bom desempenho acadêmico?
- 55- Em algum momento teve que escolher entre estudar (por exemplo, ler uma apostila, um livro, estudar para uma prova ou seminário) ou apoiar seu filho na realização das atividades escolares? Ou sempre conseguiu conciliar da melhor maneira, de forma que não prejudicasse nenhum dos rendimentos?
- 56- Algum momento se sentiu culpada por algum resultado escolar insatisfatório de seu filho? Justifique.
- 57- Em algum momento você se sentiu prejudicada na vida acadêmica pelo fato de ter pouco tempo para os estudos, visto que ter uma criança em processo de alfabetização demanda muito do seu tempo? Relate essa experiência.

- 58- Se você estudasse em outro curso, que não fosse pedagogia, sentiria menos cobrada no que se refere a seu filho ter um bom desempenho escolar?
- 59- Por que escolheu o curso de Pedagogia? O curso de Pedagogia sempre foi sua escolha/objetivo? Como se deu o interesse por esse curso? Como sua história de vida contribuiu ou não para a escolha desse?
- 60- Você vê o curso de Pedagogia como um motivador na melhoria da sua relação como mãe? Justifique.
- 61- Você de alguma maneira já se sentiu desmotivada com o curso de Pedagogia? Relate os motivos.
- 62- Você já se arrependeu por ter escolhido esse curso ou até mesmo de estar cursando a universidade? Esse arrependimento envolve questão familiar?
- 63- Em relação à sua rede de apoio, no que se refere à sua vida universitária e de mãe, quem faz parte dela? Você considera que esse apoio recebido é o suficiente para você? O que fica a desejar, ou o que você desejaria ter e que sua rede de apoio não pode suprir?
- 64- De que forma você organiza sua vida universitária com sua vida familiar? Você a organiza de uma maneira como gostaria? Justifique.
- 65- Nesse contexto de pandemia como você tem se organizado em relação a sua vida familiar e sua vida universitária?

- 66- Como a pandemia afetou positivamente ou negativamente sua relação com seu (s) filho (s) e o marido?
- 67- No que se refere ao acompanhamento escolar do seu filho nesse contexto de pandemia, como o mesmo tem acontecido? O pai do seu filho é presente nesse sentido?
- 68- Diante da situação atual de pandemia em que estamos vivendo, como o curso de Pedagogia afetou sua relação com o contexto educacional do (s) seu (s) filho (s)?
- 69- O que acha de o papel da mulher ter que lidar com tantas demandas ao mesmo tempo e ser cobrada pela sociedade para dar conta de tudo sem muitas vezes não tendo apoio do companheiro?
- 70- Como você definiria a sua trajetória de mulher, mãe, estudante pelo o que passou e pelo o que está passando? E o que faria de diferente nessa trajetória?
- 71- O que é ser pedagogo?
- 72- Como você se definiria como mãe. Você acha que é a mãe que gostaria de ser e pensava em ser?
- 73- Como é ser uma mãe pedagoga?
- 74- A presença da figura materna na sua vida contribuiu para que você fosse a mãe que é hoje? Justifique.